

# **A Estratégia Eurasianista da Rússia no século XXI**

**João Nuno das Neves Simões**

Orientador: Prof. Doutor Marcos Farias Ferreira

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Estratégia

Lisboa  
2017

[WWW.ISCSP.U LISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.U LISBOA.PT)

# ÍNDICE

LISTA DE ACRÓNIMOS.....	IV
OBJECTIVOS GERAIS, ESPECÍFICOS E ESTRUTURA.....	V
METODOLOGIA .....	VII
PERGUNTA DE PARTIDA.....	VIII

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – Da queda da União Soviética à recuperação da identidade geopolítica russa .....	3
1. Teoria Geral da Estratégia.....	3
1.1. Cultura Estratégica da Rússia .....	9
1.1.1. Cultura Estratégica Soviética .....	16
2. Da queda da URSS ao espaço pós-soviético.....	17
3. O impacto do colapso da URSS na actualidade .....	22
4. “Putinização”: a mudança da política russa desde a chegada de Putin.....	25
4.1. A procura do “destino manifesto” .....	26
4.2. Mudança de Estratégia: O Eurasianismo .....	27
5. Re-Sovietização e Neo-Sovietização.....	29
CAPÍTULO II – O Eurasianismo e a integração do Império Eurasiático.....	32
1. Eurasianismo .....	32
2. A integração do continente Eurasiático .....	35
2.1. A integração de Estados na União Eurasiática.....	37
2.2. Os Estados aliados à União Eurasiática.....	41
3. Geopolítica da Rússia: ideias gerais .....	46

CAPÍTULO III – A União Económica Eurasiática e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva como instrumentos do Eurasianismo e da Estratégia Nacional russa.....	49
1. União Económica Eurasiática .....	51
1.1. Os problemas da UEE.....	54
2. Organização do Tratado de Segurança Colectiva .....	57
2.1. Os problemas da OTSC.....	62
CONCLUSÃO.....	65
 BIBLIOGRAFIA .....	 70
ANEXOS.....	76
1. Acontecimentos que moldaram a política interna e externa russa ao longo deste século .....	76
2. O Mundo multipolar de Dugin.....	80
3. A Zona Pan-Eurasiática .....	82
4. A Rússia como poder continental .....	83
5. Instituições e objectivos da UEE .....	86
6. Os problemas internos e estruturais da UEE .....	89
7. A UEE como contenção da China.....	91
8. Os Órgãos da OTSC.....	92
9. Os problemas da Carta da OTSC.....	94
10. O Colapso da União Soviética .....	96
11. Putin e a influência da religião.....	98
12. As Origens do Eurasianismo .....	100
13. O Eurasianismo como alternativa à Globalização e ao Atlantismo.....	102
14. A Crise Ucraniana e o seu impacto na Rússia.....	104
15. O Eurasianismo segundo Alexandr Dugin .....	106
16. Luta de poder e Geopolítica .....	107
17. Como os russos olham para a queda da URSS.....	108
18. Geografia da Eurásia.....	109
19. Objectivos da UEE para 2018.....	110
20. Recuperação da identidade geopolítica russa.....	111
21. A desigualdade entre os Estados-membros da UEE e possíveis soluções .....	114

## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

**CEI** - Comunidade de Estados Independentes

**COMECON** - Conselho para Assistência Económica Mútua

**EUA** - Estados Unidos da América

**KGB** - Comité de Segurança do Estado

**UE** - União Europeia

**UEE** - União Económica Eurasiática

**URSS** - União das Repúblicas Soviéticas Socialistas

**OTAN** - Organização do Tratado do Atlântico Norte

**OTSC** - Organização do Tratado de Segurança Colectiva

## OBJECTIVOS GERAIS, ESPECÍFICOS E ESTRUTURA

O objectivo geral da nossa investigação consiste em interpretar e analisar a Estratégia Eurasianista da Rússia através de dois instrumentos, a União Económica Euroasiática (UEE) e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva (OTSC), baseando-nos em bases teóricas que sustentem ou pelo menos influenciem a acção do estado Russo actualmente, nomeadamente o Eurasianismo defendido por Alexandr Dugin, como ideologia política<sup>1</sup> que tem influenciado a Rússia ao nível da sua política externa nas ex-Repúblicas Soviéticas.

Para o nosso estudo iremos ter em consideração a Teoria Geral Estratégia e a Cultura Estratégica como pontos mais relevantes para a explicação e compreensão do Eurasianismo defendido por Dugin, pois como iremos observar, estes dois conceitos completam-se e estão interligados, principalmente no que toca à história da Rússia.

Como objectivos específicos propomo-nos a: no primeiro capítulo a fazer uma introdução/contextualização do tema em questão onde começaremos por abordar a Teoria Geral da Estratégia e a Cultura Estratégica da Rússia, relacionando estes temas com o nosso estudo. Depois iremos analisar os antecedentes que levaram a Rússia à situação actual: questão da fragmentação da URSS e em como os dirigentes políticos russos e os próprios cidadãos olham para essa fragmentação e claro, o novo ponto de partida da Estratégia internacional da Rússia a partir de 2000 com a chegada de Vladimir Putin ao poder.

Em suma, este vai ser o capítulo onde se irão abordar os antecedentes que fizeram o Estado russo chegar ao ponto em que está hoje onde começarão a ser abordados alguns conceitos geopolíticos e de luta de poder, o factor pessoal de Putin que tem influenciado o poder russo, concluindo o capítulo com uma análise detalhada dos termos de “re-sovietização” e “neo-sovietização” neste contexto.

**1. Ideologia Política:** Conjunto de crenças sobre a ordem adequada da sociedade e como ela pode ser alcançada (...) São o quadro compartilhado de modelos mentais que os grupos de indivíduos possuem tanto numa interpretação do meio ambiente como algo para que esse ambiente deva ser estruturado. (Jost, 2009)

O segundo capítulo irá incidir sobre o mapa mental que tem moldado a Rússia: o Eurasianismo defendido por Alexandr Dugin e os seus planos de integração, onde será tido em conta o conceito de Geopolítica aplicado ao caso em estudo, pois o Eurasianismo tem um forte pendor geopolítico. Será um capítulo de carácter mais teórico onde se explicará a ascensão do Eurasianismo e as principais linhas que formam esta ideologia e porque é que ela tem tido um crescimento significativo.

O terceiro capítulo será de carácter mais prático e objectivo, onde será abordada a Estratégia nacional russa e como ela se reflecte, nomeadamente nos dois instrumentos com os quais a Rússia coloca em prática as linhas ideológicas do Eurasianismo. Iremos perceber como funcionam essas organizações, quais os seus objectivos, como têm servido de instrumentos e se resultam, dentro daquilo que são os seus objectivos, não esquecendo os principais problemas que enfrentam actualmente. Em suma este será o capítulo que explicará como a Rússia coloca em prática o Eurasianismo e se tem sido eficaz ou não, dando projecções sobre o que pode acontecer no futuro.

O nosso estudo é ainda completado com vários Anexos que nos vão permitir analisar e perceber com maior detalhe os tópicos abordados ao longo do trabalho.

## METODOLOGIA

A dissertação vai ter como principal opção metodológica os métodos de pesquisa de tipo qualitativos pois são considerados por nós como a melhor opção para o estudo em questão.

O método hipotético-dedutivo é considerado por nós como o mais importante para o trabalho, pois neste método quem pesquisa propõe uma hipótese (que neste caso é a de que existe uma Estratégia Eurasianista por parte da Rússia, fortemente influenciada pelo Eurasianismo) e daí, por meio da dedução, interpretação e análise, partimos para a sua comprovação (ou não) usando obras de autores e constatando se aquilo que abordam se sucede ou não.

O método comparativo é relevante para o nosso estudo pois busca compreender a realidade através de comparações entre grupos, fenómenos, locais ou tempos históricos diferentes. Neste caso teremos de comparar este novo bloco económico que é a União Económica Eurasiática com a União Europeia, que têm bastantes semelhanças (em teoria), tal como a Organização do Tratado de Segurança Colectiva que é comparável à OTAN, onde veremos que ambas as organizações acabam por ser respostas ao modelo ocidental. Também teremos de comparar as acções russas actuais com as do passado pois existem semelhanças e é aqui que entramos no campo histórico onde só é possível compreender a realidade de determinados fenómenos se for conhecida a sua história e o seu passado.

Tudo indica que os métodos escolhidos darão um bom modelo de análise pois permitem uma visão bastante alargada do tema em questão e se bem analisados e interpretados os dados darão um bom resultado. Os métodos serão vantajosos pois partimos duma dedução (que neste caso é a de que existe uma tentativa da Rússia de voltar a controlar os Estados pós-soviéticos influenciada pelo Eurasianismo) que terá de ser comprovada (ou não) com base em acontecimentos passados e presentes, e aí poderemos deduzir acontecimentos futuros e clarificar se a nossa dedução se vai verificar ou não.

## PERGUNTA DE PARTIDA

Está em curso uma estratégia Eurasianista do Estado russo e da sua influência sobre os territórios da antiga URSS desde a chegada de Putin ao poder? Se sim, quais os instrumentos privilegiados no plano externo? Serão esses instrumentos eficientes? Quais as suas consequências? Que relação guarda a nova estratégia com a estratégia de sovietação posta em prática no século XX?



## INTRODUÇÃO

A Rússia, oficialmente Federação Russa, é um Estado localizado no norte da Eurásia. Tem cerca de 17 075 400 quilómetros quadrados, é o Estado com maior área do planeta, cobrindo mais de um nono da área terrestre sendo igualmente o nono país mais populoso com 143 milhões de habitantes. Faz fronteira com a Noruega, Finlândia, Estónia, Letónia, Lituânia, Polónia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Também tem fronteiras marítimas com o Japão pelo mar de Okhotsk e com os Estados Unidos pelo estreito de Bering.

O tema da presente dissertação tem origem no colapso da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS) em 1991, onde iremos estudar e explicar de que forma a Federação Russa tem vindo a procurar reestabelecer o seu poder no território eurasiático e no Sistema Internacional, numa tentativa de recuperar o poder que detinha durante a Guerra Fria, partindo do princípio de que deixámos de ter um mundo Bipolar, cujos dois pólos de poder seriam os Estados Unidos da América e a URSS, com as suas respectivas esferas de influência, ao qual deram lugar a um sistema Unipolar, restando o poder que não colapsou, o Ocidental.

O interesse no tema surgiu nas unidades curriculares de Geopolítica e Política Externa das Grandes potências, onde entre muitos outros estudos, nos debruçamos sobre a Rússia e sobre o seu poder a nível mundial onde se abordava um grande poder continental.

O termo “re-sovietização” era algo que surgia frequentemente nos média ocidentais principalmente quando a Rússia entrou em conflito com a Ucrânia em 2013 e começamo-nos a questionar se aquilo que estava a acontecer seria realmente uma repetição do processo de sovietização que a URSS fez no século XX.

Após várias investigações concluímos que existia um certo número de acontecimentos e acções do Estado russo muito semelhantes à sovietização do século XX, mas concluímos também que essas acções eram suportadas por algo maior que uma mera ideologia política, que aborda o Homem Eurasiático, que por razões quase messiânicas devia controlar o território eurasiático, cujo estado-director seria a Rússia, sob o lema de um ideal, o Eurasianismo.

Concluímos então que não se tratava de uma “re-sovietização” porque a sovietização

não se estava a repetir, mas de uma nova sovietação, que iremos abordar como “neo-sovietização”. Sovietização seria um termo demasiado limitador para toda a acção que o Estado russo tem vindo a desenvolver daí teremos de falar na Estratégia Eurasianista da Rússia, pois como iremos constatar ela é fortemente influenciada pelo Eurasianismo e pelo seu maior difusor da actualidade Alexandr Dugin que vê nesta ideologia algo verdadeiramente genuíno, combinando o melhor da tradição e do modernismo.

Iremos perceber então como é que essa Estratégia é influenciada, porque é que é influenciada dessa maneira e claro, que instrumentos a Federação Russa usa hoje para chegar aos seus objectivos.

Falamos em Estratégia Eurasianista como uma reorganização do espaço pós-soviético a partir da (re)definição do interesse nacional russo nas ex-Repúblicas soviéticas de forma a tentar exercer influência e controlo sobre elas através da União Económica Eurasiática (UEE) e Organização do Tratado de Segurança Colectiva (OTSC) que têm como principal impulsionador ideológico o Eurasianismo.

## **CAPÍTULO I – Da queda da União Soviética à recuperação da identidade geopolítica russa**

### **1. Teoria Geral da Estratégia**

Em "Teoria Geral da Estratégia" (2010), Silva Ribeiro afirma que a Estratégia é a «ciência e arte de edificar, dispor e empregar meios de coacção num dado meio e tempo, para se materializarem objectivos fixados pela política, superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo.» (Silva Ribeiro, 2010:22)

No nosso estudo iremos perceber que meios de coacção a Rússia emprega num meio, o território eurasiático de forma a materializar os objectivos fixados pela sua política que foram, de alguma forma influenciados pelos ideais do Eurasianismo. Silva Ribeiro (2010) acrescenta ainda que é uma ciência porque «se compõe de um objecto preciso, susceptível de investigação e análise, com recurso a ferramentas teóricas e práticas independentes, ciclicamente transformadas pela actividade intelectual. Integra um método de investigação e análise que explica convenientemente os fenómenos estratégicos (factos e acontecimentos) quanto à sua essência, causalidade e efeitos, recorrendo a ferramentas teóricas (perspectivas) e a ferramentas práticas (técnicas) próprias ou emprestadas de outras ciências sociais.» Segundo o autor a Estratégia «é também a arte de combinação de vários factores de decisão, usando, para cada um deles, a parte subjectiva e aparte objectiva dos critérios de adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade, que são a essência do cálculo estratégico.» (Silva Ribeiro, 2010:22)

As definições do conceito de Estratégia são bastante diversas, atente-se por exemplo à concepção de que a Estratégia é «um conhecimento e um pensamento» que «visa fornecer uma grelha abrangente de interpretação da realidade do conflito ou da possibilidade de conflito antagónico entre os homens». (Duarte, 2013:37) Esta definição ajuda-nos a perceber a importância do Eurasianismo na Estratégia russa uma vez que acaba por ser, para além de uma ideologia política, uma forma de pensamento que ajuda intelectuais russos (e não só) a interpretar a realidade da condição russa no território eurasiático.

O General Cabral Couto define que esta, enquanto uma das ciências informadoras da política «estabelece conceitos de acção, concebe doutrinas de preparação e de conduta da acção e indica à política os tipos de meios e processos mais adequados para se atingirem os

objectivos fixados pela política e os recursos necessários para o efeito» (Viana, 20XX:5) Como iremos constatar nesta nossa investigação o Eurasianismo teve um papel fundamental na preparação na conduta de acção do Estado russo, uma vez que grande parte dos planos referidos por Dugin como essenciais para que a Rússia se torne no Estado director do território eurasiático já estão em prática, principalmente no que diz respeito à integração de Estados na União Eurasiática.

Viana (2013) destaca ainda a concepção do professor Adriano Moreira que a entende como «uma ciência auxiliar do estudo das relações internacionais e da política internacional». Apesar das diferentes definições e conceitos parece consensual que a finalidade da estratégia é «a consecução de objectivos políticos de uma determinada unidade política» neste caso concreto, a Rússia, sendo que no fundo, a Estratégia é «um instrumento essencial ao serviço das inteligências e das vontades políticas» do actor em questão (Viana, 2013:5)

O conceito de Estratégia foi evoluindo ao longo do tempo, pelo que, nem sempre teve o mesmo significado, existindo portanto várias concepções em relação ao mesmo. Em "Raymond Aron e a Teoria da Estratégia" António Cabral Couto (2005) considera a existência de três concepções: clássicas, modernas e pós-modernas.

Considera de clássicas as concepções fiéis à etimologia da palavra, que restringem a estratégia ao domínio militar, como ciência ou arte do general ou chefe militar em operações. Segundo as concepções clássicas, a Estratégia só existe na guerra ou no planeamento desta. (Couto, 2005:21)

Couto (2005) considera como modernas as concepções que centram a sua análise na finalidade da acção, ou seja, a de fazer valer uma vontade, por imposição ou capacidade de oposição à de outrem, na consecução de objectivos em oposição. O autor considera que os meios militares são um instrumento de constrangimento ou de coacção, mas que, existem outros instrumentos de coacção, distintos e crescentemente eficazes, em consequência do progresso científico-tecnológico e da evolução política, económica e social do mundo. Assim, o autor acaba por concluir que, para além da tradicional coacção militar, existem outros tipos de coacção: económica, psicológica, diplomática, etc. (Couto, 2005:21) Estes tipos de coacção, devidamente articulados podem gerar uma única estratégia integral, pelo que, pensamos que a abordagem moderna da estratégia será a mais indicada para esta investigação, uma vez que vamos abordar duas organizações como instrumentos de coacção russos que procuram

influenciar determinados Estados no território Eurasiático. A União Económica Eurasiática como um instrumento de coacção económico e político, e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva como um instrumento de coacção militar. Articulados os dois instrumentos com tipos de coacção distintas, acabam por formar uma Estratégia una e integral de influência no espaço pós-soviético, sendo evidentemente influenciadas pelos ideais do Eurasianismo.

Couto Cabral faz ainda referência ao general Beaufre uma vez que este afirma que a Estratégia tem dois modos: directo e indirecto. O primeiro privilegia o instrumento militar (Hard power) e o segundo, os instrumentos não militares (soft power). Na Estratégia os modos directo e indirecto, devem harmoniosamente combinar-se, fundir-se e, eventualmente, alternar. (Couto, 2005:21) No caso russo em estudo, iremos constatar que os meios de coacção se fundem e completam-se e que muitas vezes o uso do Hard power se deve à falta de eficácia do Soft power, fazendo com que o uso da força seja usado como última alternativa, como se sucedeu na Ucrânia em 2013.

Quanto à terceira concepção da Estratégia, Pós-Moderna, Cabral Couto afirma que esta transcende as concepções inter-estaduais e atende à ideia de que o Sistema Internacional já não é um sistema de Estados, como nas concepções clássicas e modernas, sendo que, para além dos Estados, um número crescente de organizações internacionais e transnacionais, de movimentos políticos de base territorial ou não, de organizações clandestinas, etc., pelo que o sistema internacional é actualmente complexo, alargando a Estratégia a qualquer organização que actue num universo agónico, hostil ou competitivo, no qual se jogue a sua sobrevivência. (Couto, 2005:22)

Em “Estratégia: Origem e Fundamento” António Paulo Duarte destaca a ideia de Colin Gray de que a Estratégia concebe e desenvolve os elementos que possibilitem a manipulação do aniquilamento permitindo assim o condicionamento e o controlo do inimigo. O autor conclui ainda que a Estratégia é um conhecimento conceptual e teórico que busca mobilizar e combinar um conjunto de elementos de poder que assegurem uma inteligente capacidade de manipulação do aniquilamento com o propósito de condicionar e controlar o oponente hostil e de o desarmar ou tornar impotente. (Duarte, 20XX:53-54) Uma vez identificados os elementos de poder utilizados pelo Estado russo no território eurasiático, a UEE e a OTSC, e como eles se reflectem na prática, será mais fácil perceber como a Rússia tem enfrentado os

seus oponentes e como esta torna impotentes determinados Estados ao controla-los politicamente.

Duarte (2013) afirma que a política é o actor da Estratégia e que esta desponha da necessidade da política em condicionar a acção do outro simétrico, seu oponente – actor político igualmente. (Duarte, 2013:54) Segundo Dugin, e porque iremos perceber de que forma o Eurasianismo tem influenciado a Estratégia Russa, o principal oponente dos povos eurasiáticos, da Rússia e até da humanidade são os liberais/atlantistas, pelo que existe uma zona de disputa política, económica e militar; Em que dois actores a tentam influenciar de forma a que determinados Estados se juntem à sua esfera de influência, sendo que de um lado temos o Ocidente com a União Europeia e OTAN como meios de coacção, e do outro, o a Rússia com a União Económica Eurasiática e a OTSC. António Duarte conclui ainda que «cada um dos atores (...) usa, a panóplia de meios conceptuais e materiais que o conhecimento moderno e contemporâneo desenvolveu, fazendo da estratégia, um saber concetual, similarmemente a outros, desenvolvendo-se com vista à acção de condicionamento e de controlo do inimigo.» (Duarte, 2013:54)

António Duarte aponta ainda para o carácter instrumental da Estratégia, uma vez que esta resulta de algo intrinsecamente edificado pelo homem para ser manipulado e conduzido por este, despontando como ponte entre política e o conjunto de passos e meios que permitem “armar a paz”. Segundo o autor, a Estratégia visa a paz, sendo portanto um meio de conflitualidade hostil que, tal como a guerra almeja a paz. (Duarte, 2013:54) O próprio Eurasianismo almeja a paz (segundo Alexandr Dugin), mesmo que isso signifique conflitualidade, e a verdade é que desde a ascensão de Putin ao poder e da afirmação da UEE e OTSC no espaço eurasiático este território (de Estados-membros das organizações) tem vindo a ter uma crescente estabilidade política e económica, a nosso ver, devido ao carácter autoritário e imperialista da Rússia no seio da organização, e por ser, um dos principais objectivos da OTSC, a paz e estabilidade e segurança a nível regional e internacional. Sendo que ainda se registam alguns conflitos fora da UEE e da OTSC, em Estados que a Rússia quereria abranger no seu plano de integração (abordado por nós no capítulo II) como a Geórgia, Ucrânia e em algumas regiões do Cáucaso.

Silva Ribeiro (2010) acrescenta que a estratégia intervém em toda a gama de acções genéticas, estruturais e operacionais, destinadas, em permanência, a gerar e criar novos meios

(edificar), a compor, organizar e articular os meios (dispor) e a utilizar os meios (empregar). Obrigando assim à elaboração de planos de acção, onde é definida a vontade consciente, directora e coordenadora dos esforços estratégicos, através de orientações que permitem a acção estratégica, ao proporcionar a um Estado as melhores condições para poder superar os problemas antepostos pelos contrários. (Ribeiro, 2010:32) A visão de Silva Ribeiro torna-se importante para o estudo uma vez que podemos considerar o Eurasianismo como a orientação que permite ao Estado melhores condições para superar os problemas antepostos pelos contrários (Estados pós-soviéticos e Ocidente), e em ainda que apenas uma ideologia política, as suas ideias e planos são bastante claros e objectivos naquilo que o Estado russo deve concretizar, sendo que, como iremos constatar, grande parte desse plano proposto por Alexandr Dugin, já está a ser colocado em prática.

Silva Ribeiro (2010) refere a importância dos meios de coacção, meio e tempo na Estratégia. Quanto aos meios de coacção refere que a estratégia conceptualiza e avalia os recursos próprios e contrários, como meios para apoiar as respectivas políticas. Os meios mais importantes são aqueles que viabilizam o mecanismo de coacção, aqueles que podem ser aplicados em esforços estratégicos substanciais e prolongados, de forma a influenciar as acções do contrário com previsibilidade, garantindo assim a materialização dos objectivos nacionais. Ribeiro destaca ainda Sun Tzu pela importância que este dá às informações: «aquele que possui minucioso conhecimento de si mesmo e do inimigo está fadado a vencer todas as batalhas. Aquele que se conhece a si mesmo mas não ao inimigo tem hipóteses iguais de vencer ou perder. Aquele que não se conhece nem a si mesmo nem ao inimigo está fadado a perder em todas as batalhas». Concluindo ainda com uma afirmação de Charnay de que a estratégia é a “arte da coacção”. (Ribeiro, 2010:35-36)

Quanto ao meio, Silva Ribeiro evidencia que a estratégia é um processo que leva em conta as interacções de um contexto com elementos como a geografia, a história, a natureza do regime político, a economia e a tecnologia, entre outros. Hoje quando se fala num lugar ele não se resume apenas a um espaço, mas a um lugar e um conjunto de comportamentos que aí se podem exercer: um meio. À medida que mudam os elementos do meio, os componentes do conceito de estratégia devem ser adaptados. (Ribeiro, 2010:36) Iremos constatar que existiu uma mudança de vários elementos na Rússia e no espaço Eurasiático após a queda da URSS, pelo que a Estratégia russa nesse mesmo meio se teve de adaptar a

uma nova realidade, alterando os meios de coacção mas mantendo sempre os objectivos aclarados pela sua Cultura Estratégica.

Quanto ao tempo, outro elemento estruturante da estratégia, Silva Ribeiro afirma que este se destina a garantir que a estratégia toma em consideração o momento, a duração e o ritmo da acção. O momento traduz o quadro global da realidade política, económica, psicossocial e militar. A duração define o período de tempo. O ritmo caracteriza a variação de intensidade e de velocidade. (Ribeiro, 2010:37) A importância do tempo para a estratégia é que este comanda o futuro, como afirma André Beaufre, sendo que a preparação se torna mais importante que a execução, tornando-se fútil investir numa defesa nacional cujo futuro será incerto, quando o essencial é estar informado e prever. Os erros de avaliação pagam-se caro, normalmente com a derrota! (Ribeiro, 2010:37)

Uma vez expressa a componente conceptual de Silva Ribeiro relativa a meios de coacção, meio e tempo, podemos aplica-la à investigação em questão.

- (i) Os meios de coacção empregues pelo Estado russo serão a União Económica Eurasiática e Organização do Tratado de Segurança Colectiva;
- (ii) O meio será o espaço geográfico correspondente à Rússia e aos Estados Pós-Soviéticos; onde serão tidos em conta a geografia, a história, a natureza política e economia dos Estados em questão;
- (iii) O tempo estudado nesta investigação será d'a queda da URSS até aos nossos dias, com especial atenção para o período em que Putin chega ao poder (1999) e para, e diante 2002 e 2015, anos em que os dois meios de coacção entraram em vigor com o formato que conhecemos hoje.



## 1.1. Cultura Estratégica da Rússia

Para percebermos a Estratégia que a Rússia coloca em prática hoje, sendo, como iremos explicar, fortemente influenciada pelos ideais do Eurasianismo, temos de compreender a Cultura russa, mais concretamente a Cultura Estratégica, porque é ela que vai influenciar os indivíduos a pensar e a agir de determinada forma, espelhando-se na sua política externa.

O conceito de Cultura Estratégica ajuda-nos a explicar porque é que os Estados actuam de determinada forma. No caso russo existiram alguns estudos bastante interessantes, por exemplo Jack Snyder (2000) afirmou que a Cultura Estratégica soviética proporcionou um contexto para perceber as determinantes intelectuais, institucionais e estratégico-culturais que levaram a determinadas acções pela URSS. Na sua obra "The Soviet Culture: Implications for Nuclear Operations" (1977) o autor sustentou a ideia de que a Cultura Estratégica é um conjunto semi-permanente de crenças, atitudes e padrões de comportamento que fornecem uma visão aos políticos que os vai levar a agir de determinada maneira. (Snyder, 2000:8)

Em "Da Cultura Estratégica: Uma Abordagem Sistémica e Interdisciplinar" Heitor Barras Romana (2016) destaca a visão de Colin Gray que afirma que toda a acção de uma comunidade de segurança, se não constitui uma manifestação de cultura estratégica, é pelo menos expressão de um processo em que os indivíduos são enculturados, e as organizações, os procedimentos e a gestão militar, são resultado de factores culturais permanentes (Romana, 2016:17), completando assim o conceito de Jack Snyder e de Duffield (a ser abordado posteriormente).

Romana (2016) destaca ainda a importância da Cultura Estratégica, ao afirmar que, mesmo não tendo estatuto de disciplina, tornou-se imprescindível como instrumento analítico nas áreas da tomada de decisão política, da segurança e defesa, da geopolítica e da geoestratégia, da intelligence estratégica e da cultura organizacional. (Romana, 2016:20)

John S. Duffield (1999) observou que a Cultura Estratégica de um Estado define as metas da política externa e os objectivos básicos que devem ser prosseguidos (reflectindo os interesses do Estado e de identidade) e molda a visão da elite e as visões do público do ambiente internacional. A Cultura Estratégica determina o tipo de opções políticas que são vistas a existir e influencia a avaliação dessas opções. De acordo com o autor existem três níveis de política cultural para se compreender o fenómeno de Cultura Estratégica:

- Cognitiva: inclui crenças empíricas e casuais;
- Evaluativa: consiste em valores, normas e julgamentos morais;
- Expressiva/afectiva: ligações emocionais, padrões de identidade e lealdade, sentimentos de afinidade, aversão e indiferença. (Duffield, 1999:23)

Em “The Fourth Political Theory” Alexandr Dugin aborda os três níveis. Defendendo que o Eurasianismo é uma Weltanschauung (uma visão da vida ou uma filosofia particular) que combina tradição e modernismo, tendo a sua quota parte de prioridade pela sociedade tradicional ansiando pelo imperativo técnico de modernização social que busca a adaptação do seu programa ideológico à sociedade pós-industrial, que se dá pelo nome de pós-modernista. Promovendo uma aliança entre tradição e modernismo, como algo construtivo, optimista e de impulso energético para a criação e crescimento, combinando religião, nação e cultura, onde os extremos se encontram permanecendo unificados harmoniosamente, inspirando novos pensamentos e soluções para os problemas que as pessoas enfrentaram ao longo da história.

Os valores, crenças e ligações emocionais que Duffield defende estão aclaradas nos princípios básicos do Eurasianismo defendidos por Dugin (2009):

- Diferencialismo: um pluralista sistema de valores contra o domínio de uma ideologia, a americana.
- Tradição: contra a supressão de culturas, dogmas e descobertas da sociedade tradicional.
- Direitos das Nações: contra o imperialismo capitalista levado a cabo pela hegemonia rica do norte, que podem também aqui ser visto como o direito à auto-determinação.
- Etnicismo: como valores e assuntos ligados à história contra despersonalização das nações, imprisionada em construções sociais artificiais levadas a cabo pelo ocidente.
- Justiça social: contra a exploração e a humilhação do homem pelo homem. (Dugin, 2009)

O Eurasianismo está fortemente ligado a crenças, valores, padrões de identidade e até aversão. Segundo Dugin, existe uma ligação emocional e um sentimento de afinidade que liga os povos da Eurásia, povos esses com características comuns. Dugin tenta ainda com a sua teoria criar um sentimento de aversão para com o mundo capitalista, ao afirmar que são um

inimigo bem pior que os comunistas e essa é, entre muitas outras ideias, uma noção que ele tenta passar para o povo eurasiático, à semelhança do que outros políticos fizeram no passado em que basicamente são dadas crenças às pessoas que as fazem sentir únicas e especiais, tal como são dadas razões para odiarem um povo ou uma religião apenas porque existe uma justificação plausível que as faz acreditar que seja mesmo assim e Dugin faz isso com o Eurasianismo, acabando por dar a ideia de uma certa superioridade ao povo russo pelas razões históricas onde a Rússia é o Estado director da Eurásia.

Outro ponto relevante abordado por Duffield é o de que a Cultura Estratégica é vista de certo modo como estática ou tem pouca tendência a ser alterada. Ela tem maior tendência a mudar em termos de crenças, atitudes e comportamentos quando ocorrem eventos dramáticos como revoluções, guerras ou catástrofes económicas. Em termos gerais, quando ocorre uma alteração que afecte ou mude o poder estabelecido.

Nesta nossa análise vamos constatar que após a queda da URSS a política externa russa se virou para Ocidente, ao invés da socialista que tinha maior incidência no território eurasiático e em países considerados de Terceiro Mundo, ou seja, houve um evento que tentou mudar a Cultura Estratégica russa, neste caso foi queda da União Soviética. Sendo que a Cultura Estratégica tem pouca tendência a mudar, como defende Duffield, ela acabaria por regressar, com a chegada de Putin ao poder no final dos anos 90 e com toda a influência do Neoeurasianismo. Em suma, a Cultura Estratégica russa manteve-se após uma tentativa mal sucedida de a alterar.

O autor Stephen R. Convington (2016) destaca a ideia de que com a queda da União Soviética o presidente Yeltsin destituiu e fragilizou o exército russo, vendo-o como uma ameaça à nova era da Rússia pós-soviética, de cariz democrático. Nesse período várias nações ocidentais tentaram influenciar o próprio Ministério da Defesa da Rússia aplicando diferentes modelos para a construção da segurança e defesa do exército russo, mas esses modelos foram rejeitados. Em suma, o Estado russo nunca abandonou os preceitos básicos da sua Cultura Estratégica, pois como referiu Duffield, essas ideias têm pouca tendência a mudar. (Convington, 2016:39)

Convington defende a ideia base de que as organizações militares e mesmo os próprios Estados podem perder capacidades fundamentais como as suas pessoas, armamento, infra-estruturas, território, apoio ou coesão política, mas acabam sempre por manter a sua Cultura

Estratégica, significando isto que a Cultura Estratégica russa está profundamente enraizada no pensamento estratégico de políticos e militares russos.

Alistair Iain Johnston aponta ainda para outro ponto na sua obra "Thinking about Strategic Culture" onde refere que ao olharmos para o conceito de Cultura Estratégica devemos ter em conta que pode haver uma diferença entre uma doutrina declarada e uma doutrina secreta. (Johnston, 1995:37-39) Significa então que um Estado pode ter publicamente e explicitamente uma determinada política externa de acordo com uma doutrina declarada mas ela vai de encontro a uma doutrina secreta, com certos objectivos mas que nunca é declarada publicamente. No caso russo, não existe nada que refira explicitamente que a Rússia deva controlar os Estados que a rodeiam nem que esta deva ter interferência na política interna desses países mas isso acaba por acontecer, e por motivos óbvios nunca é declarado numa fonte oficial, mas em obras de autores como Alexandr Dugin que acabam por ter uma enorme influência nos decisores políticos russos.

A Rússia não tem meios de propaganda política que declarem explicitamente que quer conquistar, influenciar ou trazer para o seio das suas organizações determinados Estados, nem existe algo que declare a Rússia como um Estado Eurasianista. No entanto, é evidente que existe uma propaganda (mais implícita) da afinidade russa para com os povos desses mesmos Estados e isso acaba por aproximar os diferentes povos da Eurásia daí que muitos países da Eurásia se identifiquem com a Rússia então o facto de esses Estados estarem integrados no projecto de integração russa acaba por ser normal. É ainda evidente a ideia de um conjunto de intelectuais russos que influenciam o poder na Rússia com os seus ideais que como vimos, já passaram da teoria à prática, sendo que o objectivo futuro passe por concretizar ainda mais esses mesmos objectivos, nomeadamente o de incorporar os Estados que ainda não estão integrados neste projecto.

Sobre a Rússia, Romana (2016:23) afirma que é o espaço transeslavo e ortodoxo que dá coerência a uma geografia imaginada, a "russkaya duha" - a alma russa, que define a topogénese que orienta o destino dos povos que ocupam o espaço eurasiático. Romana, à semelhança de Eitelhuber destaca a importância da defesa, mais precisamente da "pátria rusa-rodina", justificando um sistema de poder construído pelos siloviki: o núcleo duro da liderança formado pela elite de segurança e militar herdeiro do modelo soviético de dupla sede de poder, reforçando a ideia da relevância do exército e da defesa na política interna e

externa russa.

Heitor Romana reforça ainda um dos principais componentes do nosso estudo, sobre a influência do Eurasianismo nas acções do Estado russo, ao afirmar que é uma ideologia nacionalista de matriz neoeurasianista que sustenta os ajustamentos doutrinários da grande estratégia russa, que pretende jogar com a geografia e com a segurança energética, recuperando espaço no seu inner-abroad (Romana, 2016:23), a nosso ver, com o avanço da UEE nos Estados pós-soviéticos.

Temos de perceber bem os moldes da Cultura Estratégica da Rússia e os elementos que a constituem e que têm impacto no desenvolvimento da Estratégia da mesma. (Eitelhuber, 2009:4-5).

Em primeiro lugar, existe uma ideia fundamental que molda a Cultura Estratégica russa, a defesa! Desde o Império Russo até à URSS existiu sempre a percepção dos desejos imperiais da Rússia pelos Estados vizinhos e isso moldou as percepções constantes de ameaça à Rússia pelos Estados, territórios e nações que a rodeiam. Foram as ambições territoriais russas que a fizeram modernizar as suas forças armadas, economia e o seu sistema político, de modo a fortalecer o Estado. (Terry, 2006) A UEE e a OTSC são a nosso ver instrumentos com claras ambições territoriais e uma evidente modernização do processo de influência da Rússia no seu plano externo sendo uma forma eficaz de conquista territorial sem recorrer à força, mas ela também recorre a ela sempre que essa “conquista territorial” através das organizações não se concretiza como aconteceu na Geórgia e na Ucrânia.

De referir ainda que o território russo sempre teve constantes ameaças ao poder, não só de fora mas também internamente pois quanto mais vasto é um território mais serão os diferentes povos e nações abrangidos e as diferenças entre eles acabam por gerar algumas tensões chegando por vezes a conflitos internos que ameaçam o poder estatal e com exemplo mais flagrante temos as duas Guerras da Chechénia.

Durante o século XX foram várias as guerras que deixaram um trauma profundo na sociedade russa daí que haja sempre a preocupação em “alargar” o seu território como medida defensiva. Contam-se as duas Guerras Mundiais, a invasão polaca à Rússia, a Guerra Civil que se sucedeu á Revolução Bolchevique ou a Primeira Guerra da Chechénia onde a Rússia teve de empregar grandes esforços para garantir o controlo da região pois trata-se de um ponto extremamente importante do ponto de vista estratégico para as pretensões russas

e que também foi referido por Dugin: o Cáucaso.

Norbert Eitelhuber sublinha que existe uma ideia fundamental na Cultura Estratégica russa: a autocracia<sup>2</sup> prevalecente. Segundo o autor, ela deve-se precisamente ao vasto tamanho que o território russo costuma ter e à sua multiplicidade étnica. A liderança autocrática pareceu ser sempre o tipo de governação mais apropriada para a Rússia devido às ameaças internas e externas que a assombraram ao longo da história. Mesmo depois da revolução Bolchevique e dos comunistas serem uma minoria, rapidamente se percebeu que o poder dictatorial seria uma necessidade, mais tarde justificado como uma manobra para conter a ameaça do capitalismo. (Eitelhuber, 2009:6) A nosso ver, o poder autocrático da Rússia foi quase sempre eficaz para repelir invasões, até da Alemanha Nazi.

A procura incessante pelo status de Grande Potência parece-nos ser um dos pontos fundamentais que molda a cultura estratégica do país em questão. Tal como Romana afirmou, a Cultura Estratégica russa é alimentada por uma narrativa de Grande Potência em reformulação - um contra poder aos EUA. (Romana, 2016:24) Apesar de existirem dúvidas quanto a esse estatuto, durante a Guerra Fria a URSS atingiu o status de Superpotência por ser o único Estado capaz de fazer frente aos Estados Unidos e de conseguir uma esfera de influência enorme, especialmente no continente eurasiático.

**2. Autocracia:** Um sistema de governo em que o supremo poder político que dirige todas as actividades do Estado está concentrado nas mãos de uma pessoa, cujas decisões não estão sujeitas a restrições legais ou a mecanismo regularizados de controlo. (Johnson, 2012) Ciência e arte de edificar, dispor e empregar meios de coacção num dado meio e tempo, para se materializarem objectivos fixados pela política, superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo. É uma ciência porque se compõe de um objecto preciso, susceptível de investigação e análise, com recurso a ferramentas teóricas e práticas independentes, ciclicamente transformadas pela actividade intelectual. Integra um método de investigação e análise que explica convenientemente os fenómenos estratégicos (factos e acontecimentos) quanto à sua essência, causalidade e efeitos, recorrendo a ferramentas teóricas (perspectivas) e a ferramentas práticas (técnicas) próprias ou emprestadas de outras ciências sociais. É também a arte de combinação de vários factores de decisão, usando, para cada um deles, a parte subjectiva e a parte objectiva dos critérios de adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade, que são a essência do cálculo estratégico. (Silva Ribeiro, 2010:22)

A Cultura Estratégica russa sempre foi influenciada pela Geografia (daí a abordagem Geopolítica) e a sua localização determinou sempre que o poder instituído tivesse de agir de determinada forma. Sendo que a procura incessante pelo controlo dos territórios que a rodeiam fosse uma prioridade, numa estratégia claramente defensiva e cultivada pelo medo das ameaças externas. Em suma, a Rússia assegurou sempre a sua segurança pela expansão territorial e para a manutenção dos territórios “conquistados”. (Ermarth, 2002:4)

A Cultura Estratégica russa passa pela ideia de espaço, neste caso o que envolve a Federação Russa, e que ela tem de dominar ou ter influência sobre esse espaço de forma a garantir a sua defesa e a atingir os seus objectivos que passam em grande parte pelos territórios à sua volta. A ideia que queremos defender aqui é que a Rússia actualmente domina esse espaço de forma política sob o lema do integracionismo económico e da segurança mas no fundo, não são do que justificações politicamente correctas para garantir que a política dos Estados-membros das organizações permaneça leal à Rússia.

### 1.1.1. Cultura Estratégica Soviética

Uma vez que iremos abordar os termos “re-sovietização” e “neo-sovietização”, resta-nos a questão: será que a Cultura Estratégica soviética apresenta semelhanças com a aquilo que está a ser executado pela Rússia no século XXI? Mesmo sendo influenciada por ideologias políticas diferentes? No caso da URSS pelo Socialismo e no caso da Federação Russa pelo Eurasianismo? A resposta é sim. Como Duffield e Convington referiram o Estado russo não abandonou os preceitos básicos da sua Cultura Estratégica, nem com um sistema político totalmente novo instalado no território russo em 1917 com a Revolução Bolchevique, o Socialismo, que via na constituição da União Soviética o seu principal difusor.

O Socialismo, à semelhança do Eurasianismo, existiu com o medo e aversão ao capitalismo. Segundo Rahul (2016), Estaline estava convicto de que a União Soviética era a verdadeira fortaleza do Socialismo (tal como Dugin vê a Rússia como o Estado director do Eurasianismo) e que nunca estaria segura se não houvesse uma espécie de anel de Estados à sua volta e foi precisamente por aí que o Socialismo avançou, numa estratégia ofensiva pela conquista desses territórios, através da revolução do proletariado. A política era assim, parte fundamental da estratégia militar soviética, estando intimamente ligadas. A política soviética determinou o objectivo a ser alcançado, pela via militar. (Rahul, 2016:3) Hoje a política russa, influenciada pelo Eurasianismo, determina os objectivos a ser alcançados, agora pela via económica (e política) da UEE e pela via militar da OTSC.

A Estratégia Soviética acabou por ser eficaz pois desenvolveu-se de tal forma que o mundo se tornou Bipolar e a URSS foi um super-poder com bastante influência no globo, sendo a principal força contra aquilo que a mesma se fundou, o capitalismo.

Verifica-se então uma semelhança entre a Cultura Estratégia Soviética e a russa actual, ambas vêem os territórios à volta da Rússia como algo a controlar e ambas se insurgem contra o capitalismo e o mundo unipolar. Ideologicamente distintas ambas acabam por usar os mesmos meios para atingir os seus objectivos, a URSS usou o COMECON (organização económica) e o Pacto de Varsóvia (organização militar) e a Rússia usa a União Económica Eurasiática e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva.



## 2. Da queda da URSS ao espaço pós-soviético

O tema da presente dissertação tem origem no colapso da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS) em 1991, onde iremos estudar e explicar de que forma a Federação Russa tem vindo a procurar restabelecer o poder no Sistema Internacional<sup>3</sup>, numa tentativa de recuperar o poder que detinha na Guerra Fria, uma vez que partimos do princípio defendido por alguns autores como de que deixámos de ter um mundo Bipolar, cujos dois pólos de poder seriam os EUA e a URSS, com as suas respectivas esferas de influência, ao qual deram lugar a um sistema Unipolar, restando o poder que não colapsou, o Ocidental.

A queda da URSS é a nosso ver um assunto bastante sobre se foi algo positivo ou não, principalmente no seio da população russa [ver Anexos ponto 17.] onde as ideias sobre este assunto causam bastante divisão não havendo um consenso sobre a mesma.

Em 2015, numa entrevista para um documentário, Vladimir Putin afirmou que a Rússia não tinha planos de trazer de volta a URSS e queixou-se do facto de ninguém acreditar nisso, acusando ainda os líderes ocidentais de confundirem a moderna Rússia com o seu antecessor Estado Socialista. (Telegraph, 2015) É precisamente a partir daqui que o nosso estudo começa, onde se coloca a hipótese de a Rússia estar a trazer de volta uma nova URSS porque no mínimo apresenta algumas características na sua política externa bastante semelhantes às praticadas pela antiga confederação<sup>4</sup> ainda que com meios diferentes mas claro, com os mesmos fins: influenciar e controlar as ex-repúblicas soviéticas não através da União Soviética mas agora através da União Económica Eurasiática (organização de integração económica) e da Organização do Tratado de Segurança Colectiva (organização militar).

**3. Sistema Internacional:** Grupo constituído por unidades políticas que possuem umas com as outras relações regulares e eventualmente são susceptíveis de se envolverem numa guerra geral. (Aron, 1962)

**4. Confederação:** Uma forma de associação em que os Estados intervenientes conservam a sua soberania, pois resulta de um acordo ou tratado entre Estados soberanos, que se comprometem a realizar em comum certas tarefas ou subordinar a sua acção em determinados sectores a uma política uniforme. (Lara, 2011:277)

A URSS deixou oficialmente de existir a 31 de Dezembro de 1991, mudando a nosso ver o balanço geopolítico do mundo. Ao cair a URSS, caiu com ela e para a Rússia a posse de recursos de mais de uma dúzia de países, agora independentes.

Dos 14 Estados que “ganharam” a independência da URSS (sem contar com a Rússia) cerca de 8 fazem parte da Comunidade de Estados Independentes (CEI), organização regional formada após a dissolução da URSS, caracterizada pelo passado comum soviético dos seus Estados-membros e sem uma língua oficial, não existindo qualquer tipo de relações de comércio, económicas ou alfandegárias estabelecidas pela mesma organização. Actualmente a CEI conta como Estados-membros a Rússia, Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Tajiquistão e Usbequistão, fazendo um total de 9 Estados-membros existindo ainda dois Estados associados mas que não são membros oficiais: o Turquemenistão e a Ucrânia.

- Todos os Estados-membros das duas Organizações que irão ser aqui abordadas: fazem parte da CEI, sendo que o Tajiquistão é o único Estado que faz parte da OTSC mas não é membro da UEE, fazendo assim um total de 5 Estados-membros da UEE e 6 da OTSC. Não sendo o Tajiquistão um membro da UEE, apresenta-se hoje como um dos principais candidatos à mesma.

- Estados-membros da União Económica Eurasiática: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia.
- Estados membros da Organização do Tratado de Segurança Colectiva: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão.

Na “Figura 1.” podemos observar o Diagrama de Euler que ilustra a actual situação do projecto Eurasiático para com os Estados pós-soviéticos, com as duas organizações aqui abordadas: União Económica Eurasiática (referida como Eurasian Economic Union) e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva (referida como CSTO). Juntando-se a União da Rússia com a Bielorrússia. O Tajiquistão aparece isolado na OTSC, sendo apenas estado-membro dessa organização.

Figura 1.



Diagrama de Euler ilustrativo das relações da Rússia com os Estados pós-soviéticos através da União Económica Eurasiática, Organização do Tratado de Segurança Colectiva e União da Rússia e Bielorrússia. Retirada de "Political & Military", Post-Soviet Russia. Disponível em <http://postsovietrussia.weebly.com/>. Data de acesso: 12 de Junho de 2017.

Se partirmos do princípio de que existem oito Estados independentes que fazem parte da CEI e que podem de alguma forma ser influenciados pela Rússia, quatro desses Estados fazem parte da União Económica Eurasiática e cinco desses Estados são parte integrante da Organização do Tratado de Segurança Colectiva, ou seja, estes Estados estão mais ligados à Rússia que aqueles que são apenas membros da CEI.

Feitas as contas, partimos do princípio que actualmente a Rússia, através destas duas organizações exerce influência sobre cinco Estados, todos eles membros destas organizações,

procurando claro exercer influência sobre tantos outros mas que como veremos, acaba por não acontecer pois existe um ambiente desacordo com o qual a Rússia tem de lidar pois ela não é a única entidade a procurar influenciar Estados e como veremos, a União Económica Eurasiática é como que uma resposta à União Europeia e segundo Putin, uma versão melhorada da mesma, já a Organização do Tratado de Segurança Colectiva é como que uma força militar contra a OTAN.

Figura 2.

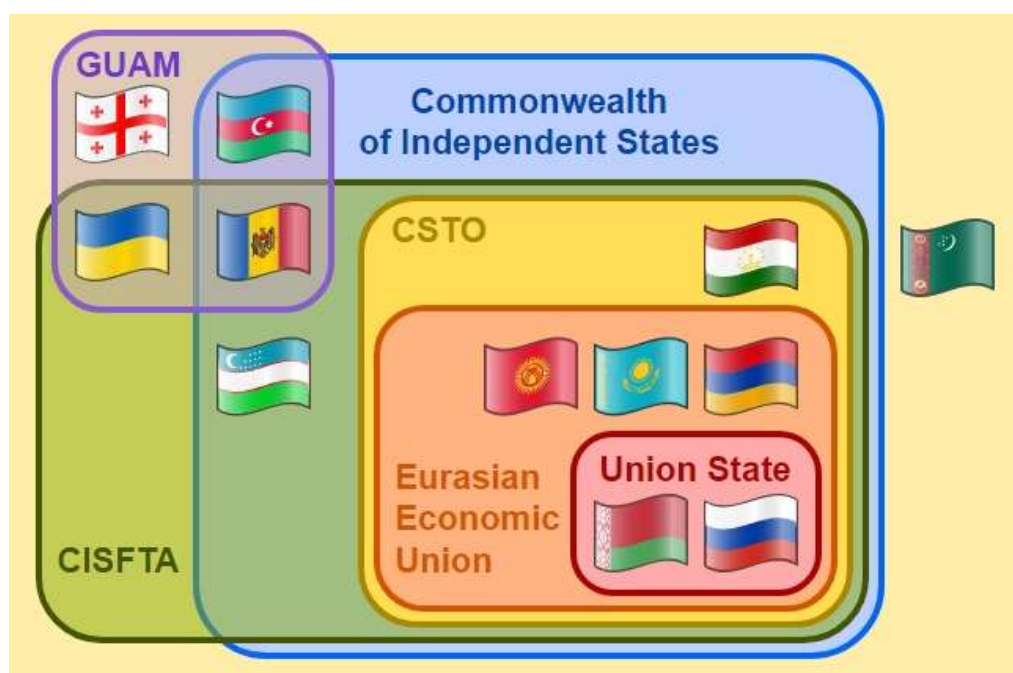


Diagrama de Euler ilustrativo das relações da Rússia com os Estados pós-soviéticos através das diferentes organizações económicas, militares e políticas. Retirada de "Political & Military", Post-Soviet Russia. Disponível em <http://postsovietrussia.weebly.com/>. Data de acesso: 12 de Junho de 2017.

Na “Figura 2” podemos observar o Diagrama de Euler com a totalidade da realidade pós-soviética, onde aparecem outros Estados como a Ucrânia ou a Geórgia que já não são membros da CEI estando cada vez mais longe de integrar qualquer projecto de integração que tenha influência russa. Aparecem também outros Estados potenciais aliados destas organizações e que fazem parte da CEI como o Usbequistão ou o Azerbaijão, sendo que o Turquemenistão também é um potencial Estado a vir integrar estas organizações mas não é

membro da CEI. Já a Moldávia aparece como membro da CEI e tudo indicava que estivesse cada vez mais próxima da União Europeia pela assinatura do Association Agreement em 2014 que entrou em vigor em 2016. Em 2017 começaram as críticas à União Europeia e em Maio de 2017 a Rússia declarava a Moldávia como membro observador da União Económica Eurasiática, dando já a ideia de uma aproximação do Estado moldavo à Rússia num futuro próximo colocando, a nosso ver, a Moldávia como outro potencial Estado-membro ao projecto de integração económica.

### 3. O impacto do colapso da URSS na actualidade

No artigo “Collapse of the Soviet Union - 1989-1991” o Global Security dá-nos a ideia de que a queda da União Soviética deixou a sua maior componente, a Rússia, incapaz de exercer influência que a URSS teve no mundo durante décadas [consultar ponto 10. de Anexos], acabando assim com a Guerra Fria, um conflito Ocidente contra Oriente que durou mais de 40 anos. Acabando assim também com a chamada “Cortina de Ferro” que dividia as nações europeias que estavam sob o controle soviético.

Este estudo prende-se com questões geopolíticas e é precisamente a partir daqui que vamos partir do princípio que os russos olham para a queda da URSS como uma grande catástrofe geopolítica, tal como foi afirmado por Vladimir Putin «O Colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século. Dezenas de milhões dos nossos cidadãos encontravam-se fora de território russo. A epidemia da desintegração também se espalhou para a própria Rússia». (Sanders, 2014) Esta afirmação levantou bastante controvérsia no ocidente já na Rússia ela passou com alguma indiferença. Algumas publicações ocidentais sugeriram até claro, que a ascensão da URSS poderá ter sido a verdadeira catástrofe geopolítica do século XX.

O discurso de Putin acabou por ter uma audiência receptiva nos cidadão russos de mais idade que viram os seus padrões de vida baixarem drasticamente desde 1991. É uma declaração que deve ser entendida no contexto do discurso presidencial, feito de forma a ser atractivo para todas as categorias de cidadãos. A nosso ver estas palavras podem também ser vistas como uma preocupação de Putin para com o território pós-soviético que se vê cada vez mais confrontado com um conjunto de problemas como protestos na Geórgia, Ucrânia e Quirguistão e a Rússia tem sido bastante crítica em relação aos mesmos afirmando que não toleraria este tipo de protestos em território russo. (Bigg, 2015)

Partimos então do princípio de que a Rússia se encontra a exercer uma estratégia de controlo e influência nos Estados que a rodeiam e que no passado eram parte integrante da URSS, através das organizações aqui abordadas, tentando claro, influenciar outros que (ainda) não fazem parte das mesmas. Como iremos constatar toda essa influência está estipulada por Dugin onde escreve sobre os territórios que a Rússia devia controlar sob o ideal do Eurasianismo e vamos constatar que alguns Estados já estão nessa esfera de influência, outros

saíram dela e outros tantos a Rússia desejaria controlar, existindo assim uma luta de poder de carácter geopolítico no leste europeu. [ver ponto 16 de Anexos]

Bolton afirmou que Putin tinha “cartas altas”, militarmente, economicamente e politicamente, e que estava preparado para usa-las. Ao que nos parece tem sido bastante claro que Putin quer reestabelecer a hegemonia russa no espaço da antiga URSS e a Ucrânia pode ser o seu maior prémio ou a conquista pela qual mais ambiciona, pelo menos, a ocupação da Crimeia indica ser um passo nesta direcção. (Sanders, 2014) Defendemos que Putin tenta reestabelecer a hegemonia russa à área que ele chama de “área de interesse primário russo” certificando-se de que esses países permanecem leais à Rússia.

A afinidade da Rússia para com os outros Estados-membros das organizações não se resume ao facto de estarem unidos pelas mesmas organizações, sendo algo bem anterior à própria formação da URSS existindo uma clara afinidade cultural entre russos, ucranianos e bielorrussos uma vez que a Rússia continua conectada com as ex-Repúblicas Soviéticas por um destino histórico comum, a língua russa, os seus costumes e a sua cultura, que não podem ser postas de parte, e é precisamente Dugin que vem salientar a importância destes factores que unem os povos eurasiáticos onde evidencia as suas semelhanças, sendo que isso acaba por justificar uma união entre eles.

Na teoria a Rússia acaba por querer desenvolver a economia e fortalecer a autoridade internacional dos seus Estados vizinhos mas como iremos constatar a Rússia acaba por usar estes países para estabelecer pontos estratégicos importantes a nível militar com a construção de infra-estruturas e claro, garantindo assim que estes permanecem leais aos interesses russos, limitando-lhes através destas organizações a soberania, ao impedir que estes estabeleçam acordos com Estados terceiros.

Garantir os direitos dos cidadãos russos nesses Estados é outra das grandes prioridades da Rússia e foi essa uma das justificações que levou à invasão da Ucrânia [ver ponto 14. de Anexos] onde se falava dos milhares de russos que estavam na Ucrânia e viam os seus direitos serem cada vez mais ameaçados.

A estratégia caracteriza-se por uma crescente agressividade da Rússia na sua política externa, seja no caso da Ucrânia ou mais recentemente no conflito na Síria, revelando que a Rússia pouco ou nada se importa com sanções internacionais ou com acções que vão contra os princípios estipulados pela Carta das Nações Unidas, procurando sempre cumprir os seus

objectivos e interesses, mesmo que isso signifique o uso de força.



#### **4. “Putinização”: a mudança da política russa desde a chegada de Putin**

Desde a chegada de Putin ao poder que a estratégia russa no plano externo foi mudando. Se após a queda da URSS ela se virava para o Ocidente, com Putin ela foi-se cingindo ao espaço que rodeia a Rússia, apelidado de espaço pós-soviético, na procura incessante de projectar o seu poder e influência nessas áreas que agora eram independentes. O factor pessoal de Putin também se revelou aqui bastante influente na medida em que moldou uma personalidade com características específicas que o permitiram ser bem-sucedido na escada do poder. [consultar ponto 11. de Anexos]

Dugin destaca a importância do sentimento religioso e nacionalista russo para a recriação de um vasto império continental dominado pela Rússia onde enfatiza a importância do Narodnost (a herança cultural distinta russa) e do Ortodoxismo russo ao afirmar «os russos deviam perceber que são Ortodoxos em primeiro lugar, russos em segundo e apenas em terceiro lugar, pessoas» (Dugin, 1997:255)

A ascensão de Putin ao poder mudou a Rússia seja no plano interno e externo, pois o mesmo evoca narrativas de um passado simbólico baseado na memória de uma identidade comum que foi fragmentada com a desintegração soviética, congelada no tempo e recuperada em nome de um novo projecto pós-soviético integrador influenciado pelo Eurasianismo.

#### **4.1. A procura do “destino manifesto”**

Em “Good bye, Lenin! Hello Putin!” Marcos Faria Ferreira e João Terrenas referem que actualmente existe pela Rússia, a procura de um chamado “destino manifesto”, definido como que a recuperação de um estatuto perdido, o de grande potência e de consolidação da sua esfera de influência. Os autores referem que quem protagoniza esse manifesto é Vladimir Putin com o fim político de reconstruir uma identidade comum agregadora, após a degradação dos anos 90 que abalou a Rússia.

Segundo os autores, a Rússia tem procurado recuperar o seu estatuto internacional a partir da percepção que tem de si mesma como grande potência, mas foi a invocação da plasticidade identitária que permitiu repensar o antigo espaço soviético de acordo com as realidades políticas do novo século e explicar o projecto como um direito natural, a nosso, à semelhança daquilo que Dugin acaba por fazer com o Eurasianismo.

A nova identidade colectiva que Putin procura consolidar desde 1999 transcende o elemento étnico eslavo, agregando a população da Rússia (e dos russos que vivem fora dela) em torno de um projecto em grande parte decalcado como o sonho do “Homo sovieticus”, mas agora numa nova fórmula, o Eurasianista quem no seu modelo ideal o Eurasianismo, um novo projecto político não coincidente com o Ocidente reclamando a legitimidade dos interesses desse projecto na cena internacional. (Ferreira; Terrenas, 2016:44-45)

A procura da Rússia pelo “destino manifesto” pode ser explicada por vários acontecimentos que têm moldado a política interna e externa da Rússia ao longo deste século. Alec Luhn (jornalista americano residente em Moscovo) escreve no jornal The Guardian alguns pontos essenciais de como Putin tem mudado a Rússia. [ver Anexos número 1.]

## 4.2. Mudança de Estratégia: O Eurasianismo

A política externa russa foi-se transformando desde a queda da União Soviética, voltando à ideia geopolítica de que o espaço é fundamental para a afirmação da identidade russa, como algo que é determinado pela sua Cultura Estratégica e que mais tarde ou mais cedo acabaria por regressar ao pensamento político russo.

Marcos Ferreira e João Terrenas (2016) referem que na tradição russa o espaço é um elemento indissociável da identidade e da tradição geopolítica, uma conjugação de elementos teórico-simbólicos que se reflectem na geopercepção do mundo e, consequentemente, na sua política externa.

A geografia específica de cada país determina uma história particular e produz uma forma única de ver o mundo e a Rússia tratou desde cedo o território como elemento determinante na distribuição do poder. O Eurasianismo pode ser visto como uma matriz geopolítica distinta, um dos principais legados intelectuais russos, onde a Rússia é a unidade política organizadora do espaço eurasiático, desempenhando um papel de preponderância natural na direcção política da região. (Ferreira; Terrenas 2016:46)

Actualmente existem vários autores e várias perspectivas distintas no que toca ao Eurasianismo existindo contudo um paradigma comum: a ideia de que devido a uma condição geograficamente distintiva, o destino manifesto russo é a própria razão de ser do próprio processo histórico russo. O Eurasianismo tem hoje como principal difusor Alexandr Dugin, cientista político e intelectual russo, teórico da escola contemporânea da Geopolítica russa neo-eurasianista e autor da obra “The Fourth Political Theory” que integra fundações de uma nova ideologia política, que integra e substitui a Democracia Liberal, o Marxismo e o Fascismo. (Dugin, 2012:213)

Como referem Marcos Ferreira e João Terrenas (2015), o Eurasianismo clássico considerava a Rússia um continente intermédio, uma massa homogénea, distinta tanto da Ásia como da Europa e que apesar de combinar elementos de ambos, se constituía essencialmente como um melting point cultural da população eslava e turcomana. A desintegração soviética dos anos 90 criou um vazio de poder no coração da Eurásia e promoveu a recuperação do pensamento geopolítico eurasianista: o chamado Neo-Eurasianismo, com uma renovada importância dada à geopolítica pelas novas elites russas de forma a superar o paradigma soviético.

Tsygankov (2007) abordou a distinção da nova estratégia russa, tanto da soviética como da Grande Rússia Czarista, acabando por salientar uma terceira via, o Eurasianismo que «ao contrário dos comunistas, cujo sonho é restaurar a União Soviética, e dos nacionalistas, que almejam a construção da Grande Rússia como um ideal, os Eurasianistas favorecem a ideia de um “Império Eurasiático”, diferente dos Impérios russo e soviético, construído através do fortalecimento do poder geopolítico e da construção de uma comunidade turco-eslava». (Tsygankov, 2007)

Segundo Marcos Ferreira e João Terrenas (2016) o Eurasianismo fornecia uma resposta imediata aos principais desafios de uma Rússia a braços com uma transição caótica e à degradação do seu estatuto internacional. A teoria eurasianista deve o seu sucesso ao seu carácter híbrido, sendo vista como uma terceira via da política russa.

O colapso da URSS deixou um vazio de poder no coração da Eurásia, a ruptura geopolítica foi exacerbada pela crise social interna e a Rússia viu o seu estatuto degradar-se rapidamente. Assim, a Rússia de Putin viu-se obrigada a refundar a sua identidade em torno de um novo futuro partilhado, apresentando-se o Eurasianismo como a alternativa civilizacional para o destino colectivo russo, separado do ocidente, representando uma contestação da hegemonia capitalista ocidental por um multipolarismo.

O Eurasianismo pode ser hoje visto como um projecto de integração económica e estratégica no norte do continente eurasiático consumado na União Económica Eurasiática impulsionada pela chegada de Putin à presidência onde a Rússia é, segundo Alexandr Dugin, «o protector da integridade territorial de cada um dos países pós-soviéticos. Os países na região subjacente à Rússia podem preservar a sua integridade territorial apenas se mantiverem boas relações com a Rússia». (Ferreira; Terrenas 2016, 54) Por outras palavras, é melhor que os Estados pós-soviéticos mantenham uma boa relação com a Rússia caso contrário poderão ter consequências graves como o que se sucedeu na Geórgia em 2008 ou na Ucrânia em 2014.

A actual política externa russa aponta para a recomposição de relações na Eurásia de acordo com o certo destino manifesto russo. (Ferreira; Terrenas 2016 53:54)

Para uma melhor compreensão de como existiu uma recuperação da identidade russa no espaço eurasiático consultar o ponto 20. de Anexos, onde se distingue a política externa russa após a queda da URSS e no século XXI.

## 5. Re-Sovietização e Neo-Sovietização

O ponto de partida para esta investigação começou após várias pesquisas onde o termo “re-sovietização” era utilizado com alguma frequência por políticos ocidentais. Na dúvida teríamos de investigar o que seria a Sovietização e perceber se ela realmente se estaria a repetir ou não. Percebemos que algumas acções de política externa do Estado russo tinham algumas semelhanças com a Sovietização do século XX, contudo essa política externa também ia para além da Sovietização uma vez que era fortemente influenciada pelo Eurasianismo, sendo que apelidar a Estratégia russa de simplesmente “re-sovietização” seria demasiado redutor para uma estratégia que vai para além do campo político e económico.

Segundo Theodore Weeks (2010) a sovietação era muito mais que uma política nacional pois incentivava à criação de um novo ser humano (*homo sovieticus*), muitas vezes ilustrado em cartazes de propaganda soviética. Já em relação a Dugin e ao Eurasianismo, iremos constatar que este é muito mais que uma política nacional, pois abrange áreas como a economia, cultura, religião, língua, e, à semelhança da sovietação também incentiva à criação de um novo ser humano, o Homem Eurasianista.

Oficialmente a política soviética declarava que certos traços culturais, línguas, danças ou histórias, deveriam ser preservados. (Weeks, 2010:5) Um pouco à semelhança daquilo que Dugin defende quando afirma que todas as culturas e religiões devem respeitadas e preservadas e é aqui que encontramos um paralelo curioso em relação à sovietação do século XX e ao Eurasianismo do século XXI: ambas as ideologias políticas defendem na teoria a preservação de diferentes culturas e religiões, no entanto, sabemos que em ambos os casos isso não se verifica na prática. Na União Soviética quase todas as formas de religião eram fortemente perseguidas e até punidas, na Rússia actual, sabemos que existe um favorecimento (até a nível estatal) ao Ortodoxismo, e uma certa discriminação para com outras religiões, mesmo que estas sejam cristãs.

O termo “re-sovietização” foi usado por políticos norte-americanos como Hillary Clinton para caracterizar os processos políticos russos sob a liderança de Vladimir Putin por ter várias semelhanças à URSS: por agir como se se tratasse de uma grande potência e por influenciar e tentar controlar politicamente, economicamente e militarmente alguns Estados pós-soviéticos, agora, através da UEE e OTSC.

Uma vez que a Sovietização não se está a repetir teríamos de lhe chamar “neo-

sovietização” pois acaba por ser uma forma renovada de “sovietizar” ou de pelo menos fazer aquilo que a União Soviética fez. Neo-Sovietização é, como a própria epistimologia da palavra indica, uma nova sovietização. A palavra “neo” vem do grego e quer dizer algo novo, actualizado. A sovietização acabava por ser, em termos gerais, a adopção do sistema político baseado no modelo dos Sovietes e o próprio modo de vida mentalmente modelado da União Soviética dentro das suas repúblicas e dos Estados que faziam parte da sua esfera de influência ao serem Estados-membros do COMECON (organização económica) e Pacto de Varsóvia (organização militar) como a Mongólia, Checoslováquia, República Democrata Alemã, Hungria, Polónia, entre outras. A Sovietização era involuntária pois estes países tinham de adoptar instituições de estilo soviético, leis costumes, tradições... A sovietização era usualmente promovida e incentivada por uma grande propaganda destinada a criar um estilo de vida semelhante em todos os Estados sob influência soviética.

Hoje a Rússia lidera um novo modelo político, de cariz mais económico que tem na UEE o seu principal instrumento e é a nosso ver o principal motor do Eurasianismo com mecanismos muito bem instrumentalizados de forma a garantir a integração económica no espaço eurasiático de forma a que os Estados-membros funcionem dentro deste espaço como se fossem uma só unidade política, à semelhança do que se sucedeu com a União Soviética, que seria claramente dominada pela Rússia. Hoje, e tal como Dugin referiu, é também a Rússia, o Estado director do projecto de integração económica do espaço eurasiático, contando claro, com o enorme apoio da OTSC.

A UEE acaba por funcionar como um instrumento de soft power, vai ganhando influência através de acordos económicos e com a abolição de tudo o que vai afectando as trocas comerciais sejam taxas ou barreiras alfandegárias, já a OTSC acaba por interferir sempre que os objectivos no campo económico não são concretizados, como foi o caso da Ucrânia quando se aproximou economicamente à União Europeia através da assinatura do Eastern Partnership e não da União Económica Eurasiática.

Em suma, torna-se mais pertinente falar em “neo” que “re-sovietização” na medida em que quando nos referimos a “re” estar-se-ia a falar numa repetição da sovietização e não é disso que se trata. Contudo, pode-se falar de uma nova sovietização, noutros moldes que a sovietização original, mas com os mesmo objectivos: aumentar a esfera de influência do Estado russo nos Estados que o rodeiam, através de uma Estratégia fortemente influenciada

pelo Eurasianismo que vai de encontro à Cultura Estratégica que moldou a mentalidade dos políticos russos durante centenas de anos e que tem um forte pendor geopolítico. Hoje essa influência apresenta uma índole económica através do projecto de integração económica ao qual podemos chamar de Geoeconomia, onde a Rússia acaba por controlar Estados pela via económica e financeira sob o lema do integracionismo económico.

## **CAPÍTULO II – O Eurasianismo e a integração do Império Eurasiático**

### **1. Eurasianismo**

O Eurasianismo é, segundo Rosenberg, um movimento político focado no conceito geopolítico da Eurásia [ver ponto 18. de Anexos], conotada como que a massa continental terrestre da Europa e Ásia, situada primariamente a Norte e a Este do hemisfério terrestre. Em 2012 o seu território representava cerca de 5 biliões de pessoas, aproximadamente 71% da população terrestre. Ásia e Europa devem ser considerados como um só continente, a Eurásia. (Rosenberg, 2017)

O Eurasianismo tem vindo ter um crescimento significativo na Rússia desde o início dos anos 90 e tem-se tornado cada vez mais atractiva para determinados intelectuais e políticos russos, segundo Sarah Klump (2011) o Eurasianismo oferece uma visão compreensiva do colapso da URSS e restaura os problemas que assolaram a continuidade histórica e política da Rússia. Para além de os compreender, acaba por lhes dar uma solução através de uma ideologia muito bem elaborada e sintetizada, sendo clara e objectiva.

Não existe um consenso sobre o que é realmente o Eurasianismo pelo que existem vários autores com várias atribuições em relação ao mesmo pelo que o termo possa surgir como um mero movimento político, ideologia política, teoria política ou doutrina. A nosso ver, o Eurasianismo é uma ideologia política conservadora que emergiu na Rússia nos anos 90, que afirma que os russos têm características específicas que os distinguem dos demais valorizando as características asiáticas dos russos. Tem um carácter flexível que pode explicar o seu sucesso, por ser também abrangente indo para além do campo político onde a cultura, religião, filosofia e espiritualidade são bastante valorizados.

Klump, defende que é uma doutrina política no sentido estrito da palavra, uma teoria da nação e do ethnos, uma filosofia alternativa à globalização da história, uma nova formulação ainda que pragmática do soviétismo acabando por ser também a substituição dos esquemas explicativos globais do marxismo-leninismo e um conjunto de princípios geopolíticos expansionistas para a Rússia. (Klump, 2011)

Entenda-se por Doutrina como que «uma interpretação adaptativa de ideias políticas com vista a uma aplicação conjuntural» e por Ideologia aquela que «se traduz numa força



social à qual corresponde uma doutrina produzida num sistema complexo de causa e efeito» (Lara, 2011:37). Pensamos que Ideologia Política seja o melhor conceito para encaixar o Eurasianismo uma vez que eu já está a ser produzida em termos práticos num sistema, no espaço eurasiático.

O impacto do Eurasianismo deve-se segundo Laurelle, autora da obra “Russian Eurasianism: An Ideology of Empire”, à rejeição da Europa, do Ocidente, do capitalismo e claro, ao seu constante criticismo ao domínio atlantista, que considera desastroso para o resto da humanidade. Segundo a autora, o Eurasianismo reflecte uma unidade cultural e um destino histórico comum, para os russos e para os que não o são mas se encontram em território russo, tal como, para os russos que não se encontram em território da Federação mas em Estados pós-soviéticos ou mesmo outros espalhados pela Ásia.

Um dos pontos fundamentais do Eurasianismo é que ele nos dá uma ideia de que a posição geográfica central no espaço eurasiático leva de forma natural a uma forma de organização política de carácter imperial e que qualquer secessão a esta forma de organização está destinada a falhar, levando os Estados independentes à única escolha que lhes resta: reverterem-se para uma unidade política unificada. Hoje alguns desses Estados já estão numa unidade económica unificada e de acordo com aquilo que Dugin defende, não tardará muito para que a UEE evolua para uma união de cariz político, isto claro, se a UEE desenvolver meios e criar condições para que os Estados-membros aceitem essa condição, o que não deverá acontecer num futuro próximo, isto porque a nosso ver a UEE criou demasiadas expectativas numa espécie de nova União Europeia e os seus Estados-membros parecem pouco beneficiar com ela.

O Eurasianismo é a nosso ver uma ideologia perigosa, que vem, tal como outras ideologias mais conservadoras a ter mais apoiantes em ambientes extremos e quando as sociedades se encontram num clima mais desesperado quando os indivíduos vêem as suas condições de vida baixarem drasticamente. O perigo do Eurasianismo pode estar num discurso muito bem elaborado e quase científico que vai de forma peculiar justificar um certo autoritarismo através da Cultura.

O Eurasianismo tem hoje em Dugin o seu principal teórico e difusor, inspirado pela escola eurasianista dos anos de 1920 em intelectuais como Nikolai Trubetzkoy e Lev Gumilev, sendo este último, citado muitas vezes como o fundador do movimento eurasianista que

pronunciou a seguinte citação «Eu sou o último dos Eurasianistas».

Para percebermos mais detalhadamente o Eurasianismo consultar os pontos 12, 15 e 13 de Anexos, onde se abordam os seus primeiros teóricos, as suas origens e a aversão da ideologia à Globalização e Atlantismo.

## **2. A integração do continente Eurasiático**

Dugin refere que o Eurasianismo é uma filosofia de integração do território pós-soviético de forma democrática, não violenta e voluntária, sem o domínio de um grupo étnico ou religioso. O problema é que um espaço Eurasiático hoje é dominado em grande parte pela Rússia e pelos russos devido à influência que a Rússia tem neste espaço seja através da CEI, UEE ou OTSC, que actuam nos diversos campos de outros Estados eurasiáticos seja através de leis, mecanismos económicos ou influência militar.

O autor refere ainda que as ideias de integração são bastante antigas e que no passado ela já teria sido colocada em prática ainda que de forma distinta da actual, atendendo à sua época, exemplos disso foram as tentativas de Alexandre O Grande (na integração de territórios na eurásia) ou de Genghis Kan (fundador do maior império terrestre da história). (Dugin, 2009:5)

Dugin acaba por referir que a União Eurasiática continua um plano de integração que vem sendo tradicional da história da Rússia, com elementos ideológicos únicos, que a nosso ver têm no vector político e económico a sua forma mais eficaz de prossecução, efectuadas através das políticas económicas da UEE.

O principal elo de ligação entre o Eurasianismo e os instrumentos aqui já referidos como determinantes para a prossecução dos objectivos da Rússia está na integração do continente eurasiático defendida por Dugin. Sendo que para nós a União Económica Eurasiática é hoje, o principal meio que a Rússia tem à sua disposição para poder, de forma eficaz, edificar a visão estratégica do Eurasianismo, onde Dugin refere os territórios que deveriam ser integrados neste “império” que é hoje representado pela UEE e pela sua enorme dimensão geográfica, podendo ser assim considerado, o projecto embrionário do Eurasianismo, que com o passar do tempo irá evoluir podendo abranger cada vez mais territórios e integrar mais áreas como a monetária ou a política, à semelhança do que a União Europeia acabou por fazer.

Dugin estabelece dois planos para a construção de um Império Eurasiático dominado pela Rússia:

- Num primeiro plano são estabelecidos os Estados que deveriam ser integrados neste projecto geopolítico a que ele chama de União Eurasiática que podemos atribuir como sendo a União Económica Eurasiática, uma vez que é uma organização de integração económica e existem fortes indícios de uma evolução para União Política (ainda que na teoria seja apenas económica), existindo efectivamente já uma integração neste território, portanto este plano já está em prática. Existem Estados que já estão integrados e outros que segundo o autor ainda terão de ser integrados.

- Num segundo plano, aparentemente mais ambicioso, Dugin refere a importância do estabelecimento de alianças com outros Estados, periféricos ao designado Império Eurasiático.

Seria de extrema importância integrar determinados Estados na União Eurasiática e na periferia dessa União, teriam de se estabelecer alianças com outros tantos, também aqui abordados.

A integração do espaço eurasiático vai ser fundamental para a construção da identidade russa e Dugin defende isso dando o exemplo da União Europeia: «A Europa ganhou consciência da sua identidade comum no século XX e passo a passo foi evoluindo para a integração de quase todas as nações numa união comum, capaz de manter a sua soberania total, segurança e liberdade, para si e para todos os seus membros». (Dugin, 2009:4) A criação da União Europeia foi segundo Dugin o evento mais importante que ajudou a Europa a recuperar o seu status como poder mundial. A criação da União Económica Eurasiática pode ser também o início de uma longa jornada para a Rússia se tornar novamente num poder mundial.

## 2.1. A integração de Estados na União Eurasiática

Em primeiro lugar Dugin (2009:8) refere que as adesões do Cazaquistão e Quirguistão foram muito importantes para a integração do território e para a ideia de uma Eurásia, a nosso ver pela sua posição geográfica privilegiada permitindo à Rússia estar mais próxima da China fazendo assim com que a Rússia tenha um enorme espaço para o comércio e chegue mais facilmente à China com exportações. Por outro lado, a integração destes dois Estados também pode ser importante do ponto de vista defensivo, fazendo com que não permitam à China chegar tão facilmente ao território eurasiático, funcionando como uma espécie de “tampão” que, dificulta a influência chinesa na Europa. Se antes a defesa se fazia por questões militares e para prevenir invasões ela hoje faz-se como que um meio de travar a influência económica e financeira de outros Estados, neste caso da China. Dugin sublinha contudo que o apoio a este processo de integração parece ser diferente uma vez que só o Cazaquistão parece fortalecer mais esse apoio e toma mais iniciativas, inclusive o nome da organização foi sugerido pelo presidente do Cazaquistão Nursultan Nazarbayev. (Dugin, 2009:8)

O Tajiquistão é referido por Dugin como outro Estado que deveria ser integrado neste projecto mas que permanece em incógnita, uma vez que é um potencial candidato à UEE e as negociações ainda estão em cima da mesa. De referir ainda que o Tajiquistão é um importante aliado estratégico da Rússia uma vez que é membro da OTSC, não estando assim totalmente fora do plano integracionista da Rússia pois mais tarde ou mais cedo fará parte da União. Apesar da sua impotência económica desempenha um papel importante neste projecto pois é um parceiro-chave devido à sua localização, por ser uma zona onde a escassez de água é um factor decisivo na política regional. Cerca de 80% do abastecimento de água da região é feito pelo Quirguistão e Tajiquistão, sendo fortemente consumido no Usbequistão, Cazaquistão e Turquemenistão. (Fayzullina, 2013) A adesão do Tajiquistão seria então importante pelos seus vastos recursos hídricos (cerca de 4% do abastecimento de água doce do mundo) e pela sua localização, com fronteira com o Afeganistão e Paquistão, que irão ser aqui referidos como importantes aliados.

O Usbequistão e especialmente o Turquemenistão são Estados que segundo Dugin se opõem ao modelo integracionista (Dugin, 2009:8), tentando ganhar cada vez mais resultados

positivos da sua independência nacional. Contudo, o autor sublinha que eles enfrentarão um dilema: perder a soberania e integrarem um mundo unificado global dominado pelos Estados Unidos, ou, por outro lado, preservar a sua identidade cultural e religiosa no contexto da União Eurasiática. Em suma, mais tarde ou mais cedo estes países serão obrigados a uma escolha geopolítica, da Rússia ou do ocidente. De referir ainda que o Usbequistão fez parte da OTSC até 2012, sendo que a principal razão apontada para tal saída seja o facto de a Rússia ter construído infra-estruturas militares no Quirguistão, ao qual o Usbequistão se opôs. De lembrar também que as relações entre o Quirguistão e o Usbequistão não são as melhores uma vez que ainda disputam 58 áreas nas suas fronteiras, sendo que o conflito étnico que ocorreu no Quirguistão em 2010 acabou por resfriar ainda mais a relação entre os dois Estados. (The Gazette of Central Asia, 2012) Significa isto que a Rússia tem aqui dois Estados que seriam muito importantes para o seu projecto de integração e uma das prioridades da Rússia neste momento deveria passar por resolver as tensões existentes entre os dois países a nível político, fronteiriço e étnico, pois só Estados estáveis poderiam contribuir positivamente para a União.

Outra zona de extrema importância a ser integrada na União será o Cáucaso, uma das regiões mais problemáticas na história da Rússia. Dugin defende que a Arménia permanece como um aliado vital da Rússia, sendo um Estado-membro de ambas as organizações aqui referidas, sendo muito importante para a Rússia como conciliador nas relações com os vizinhos islâmicos (Azerbaijão, Turquia e Irão) permitindo assim a Moscovo estabelecer importantes alianças com o Irão, que prefere manter relações com uma Arménia étnica e religiosamente mais próxima.

O Azerbaijão seria um dos Estados a integrar na União mas permanece como um caso neutro, embora o país tenha feito parte da OTSC entre 1994 e 1999. Dugin defende que a situação não tardará a ser alterada uma vez que é considerado um Estado mais próximo da Federação Russa e dos Estados pós-soviéticos do que propriamente do Irão ou da Turquia. (Dugin, 2009:9)

A Geórgia permanece como um eterno dilema sendo um Estado que causa imensos problemas na região (Dugin, 2009:9), sendo um Estado rejeitado pelas suas próprias minorias étnicas. Segundo o autor a Geórgia não tem um parceiro forte na região, sendo assim forçado

a procurar uma aliança com os Estados Unidos e a OTAN, para contrabalançar a influência russa. Dugin sublinha ainda que a Geórgia é uma ameaça à paz na região, tendo meios para sabotar o projecto de integração eurasiática. A solução para este problema pode estar na sua forte cultura ortodoxa, estando desse modo o país mas próximo da Rússia do que aparenta, sendo a religião o factor chave que pode no futuro impulsionar uma aliança ou boas relações com a Rússia e a sua integração na União, mas seria algo muito difícil de acontecer visto que a Geórgia já tem muito bem definidos quais os seus parceiros estratégicos e a Rússia não é um deles, pelo contrário. Os georgianos não esquecem a Guerra Russo-Georgiana de 2008 em que a Geórgia perdeu territórios que anteriormente detinha principalmente na Ossétia do Sul.

A Ucrânia seria segundo Dugin outro Estado fundamental e integrar neste projecto, uma vez que iria garantir a estabilidade da integração eurasiática, e que por isso as negociações com Kiev seriam mais urgentes que nunca, uma vez que se refere a Moscovo-Astana-Kiev como uma aliança crucial para a criação de uma verdadeira União, com muito mais potencial. (Dugin, 2009:9) Contudo, sabemos que a ligação a Kiev não existe mas Dugin relembra os fortes laços que ligam os dois países, a cultura, língua, religião e que estes aspectos precisam de ser valorizados porque desde o início da soberania ucraniana o que mais tem sido promovido é a russofobia e a desintegração. A Ucrânia acabaria por se afastar ainda mais da Rússia em 2014 com a assinatura do Eastern Partnership com a União Europeia e claro, a tensão entre os dois países iria aumentar mais com as incursões militares russas no leste ucraniano que culminaram com a anexação da Crimeia. Sendo assim uma verdadeira amostra do enorme potencial militar russo e que a nosso ver serviu para outros Estados pós-soviéticos estarem alerta e terem a noção de que se estão próximos à Rússia em determinados acordos e Tratados será assim que se devem manter, caso contrário poderão ter as mesmas consequências.

A Bielorrússia é a nosso ver o Estado mais integrado no projecto eurasiático da Rússia e o seu principal aliado pois forma com a Rússia uma união (entidade supranacional) vulgarmente conhecida como União da Rússia e Bielorrússia.

Ao analisarmos os Estados que Dugin refere como essenciais para a integração do continente eurasiático podemos concluir que:

- Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Rússia são os Estados já integrados neste projecto porque fazem parte da UEE e da OTSC.

- O Tajiquistão faz parte da OTSC e é um dos potenciais candidatos a membro da UEE.

- Usbequistão, Turquemenistão, Azerbaijão, Geórgia e Ucrânia são os Estados que deveriam ser integrados neste projecto mas que, pelas referidas razões não são.

Dos Estados que deveriam ser integrados neste projecto: Usbequistão, Turquemenistão e Azerbaijão podem vir a fazer parte da organização num futuro próximo, sendo que a Geórgia e Ucrânia serão praticamente impossíveis pelos motivos já sublinhados.



## 2.2. Os Estados aliados à União Eurasiática

Dugin refere que seria extremamente importante que a Rússia estabelecesse várias alianças com outros Estados para que a integração do território eurasiático fosse estabelecida de forma mais eficaz com estes supostos aliados estratégicos. Dugin defende uma União Eurasiática comandada pela Rússia que deve ter como aliados: Irão, Afeganistão, Paquistão, Índia e Turquia.

O Irão é importante porque todo o processo de integração da União Eurasiática depende do estabelecimento bem-sucedido de uma parceria estratégica a médio e longo prazo com o Irão, pois o potencial económico, militar e político iraniano e russo juntos irão aumentar o processo de integração da zona, tornando-a mais autónoma. (Dugin, 2009:6)

Afeganistão e Irão terão vital importância para a Rússia obter acesso a portos de águas quentes bem como para a reorganização político-religiosa da Ásia Central. Acabar com as lutas geopolíticas da região será essencial para garantir a cooperação e prosperidade que irão permitir que esta zona tenha ainda mais potencial. (Dugin, 2009:7)

O Irão é, de todos os Estados aliados, aquele que já estará, de certa forma, mais ligado à Rússia. À medida que as tensões entre Irão e EUA foram aumentado a relação do Irão e da Rússia ficou mais próxima e em 2015 o embaixador do Irão na Rússia, Mehdi Sanaei, afirmou que estariam a ser feitas negociações para a adesão do Irão à UEE, justificando como uma boa oportunidade para o Irão exportar os seus produtos, para a Rússia e restantes estados-membros. (Asbarez, 2015) O Irão e a Rússia são muitas vezes referidos como países aliados pelos média ocidentais mas a verdade é que o Irão nem faz parte da OTSC e ao longo dos séculos as relações entre os povos não foram as melhores registando-se bastante conflitos entre russos e persas. Mesmo assim esta aliança não pode ser descartada, porque é uma das prioridades do Eurasianismo e existem efectivamente intenções de uma adesão do Irão à União.

A Índia será essencial para a integração do continente eurasiático. Dugin sugere uma aliança com o território indiano com a criação de uma Federação que reflectirá a diversidade da sociedade indiana com as suas numerosas etnias e religiões, pois no Eurasianismo existe lugar para todas as crenças. (Dugin, 2009:7)

A Turquia é um imperativo estratégico para a Rússia, e segundo Dugin essa aliança manterá as suas tradições pois existem certas facções na sociedade turca que compreendem esta situação de aliança, apesar de a Turquia estar a passar por um período de distanciamento mútuo da Rússia por ser Estado-membro da OTAN. (Dugin, 2009:7)

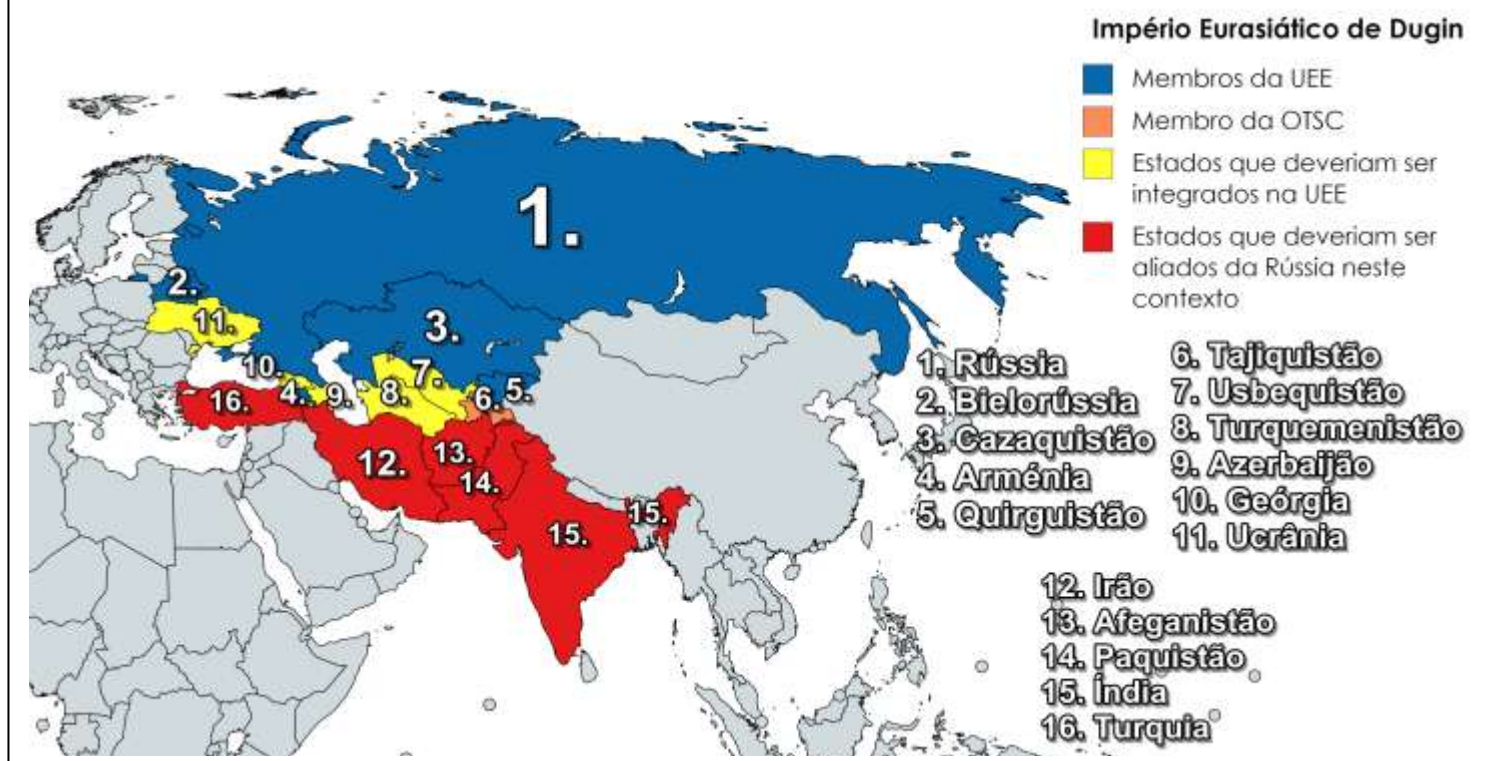
Se estas alianças fossem estabelecidas representariam uma esfera de influência bem maior daquela que existe actualmente pois não se iriam limitar aos Estados-membros das duas organizações aqui abordadas mas sim a um bloco estratégico unido entre a Rússia, os Estados pós-soviéticos, os países do Islão continental e a Índia.

Esta ideia de Dugin parece ser demasiado idealista e ambiciosa. Em primeiro lugar porque estabelece que a Rússia devia manter na sua esfera de influência Estados que serão praticamente impossíveis pois são “inimigos” da Rússia, como a Ucrânia e a Geórgia, depois, dificilmente a Índia e a Turquia seriam aliados russos. A Índia estaria mais voltada para a China e a Turquia para os Estados Unidos, uma vez que é membro da OTAN.

Na “Figura 4.” podemos observar um mapa com os planos de Dugin para a construção do Império Eurasiático onde estão presentes três tipos de Estados: os que já estão integrados na UEE (mais o Tajiquistão que é membro da OTSC e potencial candidato à UEE), aqueles que deveriam ser integrados na UEE e aqueles que deveriam estabelecer alianças com esta organização:

Figura 4.

Império Eurasiático defendido por Dugin. Mapa elaborado por nós com recurso ao Map Chart para ilustrar os diferentes tipos de Estados abordados por Dugin no que concerne à sua concepção do Império Eurasiático e dos Estados que o devem integrar. Disponível em <https://mapchart.net/> . Data de acesso 14 de Junho de 2017.



O plano de integração que é aqui referido por Dugin já está em prática e cinco (não contando com a Rússia) dos dez Estados que o autor refere que deveriam ser integrados no espaço de integração da União já estão integrados, faltando então seis Estados para a conclusão deste projecto: Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Turquemenistão, Usbequistão e Tajiquistão (já integrado na OTSC).

A concretizar-se o projecto integracionista de Dugin os Estados que aparecem no mapa a amarelo passariam a azul, como Estados da União Económica Eurasiática, tal como o Estado a laranja, o Tajiquistão que já é membro da OTSC, estando já com um “pé” na UEE.

Este projecto de integração foi iniciado em 1991 com o Tratado que estabeleceu a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e em 2000 quando foi instituída a União Aduaneira da Eurásia onde se estabeleceu que nenhuma taxa aduaneira seria aplicada dentro da União. Em 2001 viria a Comunidade Económica Eurasiática onde já fariam parte dela a Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão. Algumas das restantes barreiras aduaneiras foram abolidas e foram estabelecidas as quatro liberdades que definiram o Espaço Económico Eurasiático em 2012: bens, capital, serviços e pessoas. Em 2015 entraria em vigor a União Económica Eurasiática, um mercado único de 183 milhões de pessoas com um PIB de 4 triliões de dólares. A União introduziu o livre movimento de bens, capital, serviços e pessoas, onde se juntaram políticas comuns no plano macroeconómico, nos transportes, na indústria, agricultura, energia e comércio exterior. Actualmente existem provisões para uma evolução integrada da existência de uma moeda única no seio da União, semelhante ao que se sucedeu com a União Europeia. (Novoderezhkin, 2014)

É interessante verificar que esta ideia de Dugin representa uma realidade paralela ao que aconteceu com a União Soviética. Isto porque a URSS tinha Estados-satélite que não faziam parte da URSS mas estavam sujeitos ao domínio político e ideológico dessa potência, e estes Estados aliados podem ser vistos como os novos Estados-satélite da nova Rússia. A concretizar-se uma união política e o estabelecimento de alianças com outros Estados que foram referidos por Dugin, podemos estar perante uma nova sovietação, um modelo semelhante ao da União Soviética, com outros ideais mas com os meus objectivos, de controlar politicamente outros Estados que podem aqui ser vistos como Estados-satélite da União Eurasiática no futuro, enquanto outros farão parte da União serão apenas como que as novas repúblicas soviéticas, ou eurasiáticas.

No geral, Dugin e os Eurasianistas dão-nos a ideia de que a Federação Russa e a CEI são o núcleo da formação de uma nova formação política, a União Eurasiática, que é o centro de uma das quatro zonas de poder mundiais, o bloco continental eurasiático. Todos os territórios

das novas formações político-estratégicas (as grandes zonas) devem estar sob gestão directa do centro do governo estratégico e o centro de governo estratégico da Eurásia será a Rússia.

### 3. Geopolítica da Rússia: ideias gerais

O Império Eurasiático que Dugin defende é um projecto geopolítico ambicioso que tem como Estado director a Rússia, existindo portanto uma clara relação entre um espaço geográfico (a Eurásia), e um poder político que o deve controlar: a Rússia. Se atentarmos à nossa abordagem sobre a Cultura Estratégica da Rússia no capítulo I concluímos que esta tem na sua génese uma ideia de defesa por ver os territórios à sua volta como uma ameaça, restando apenas uma única solução: a sua conquista.

Segundo Almeida (2012) o termo Geopolítica é antigo e foi utilizado pela primeira vez pelo cientista político sueco Johan Rudolph Kjellen no final do século XIX que a definiu como o “estudo da influência determinante do ambiente na política de um Estado” e como o Estado “enquanto organismo geográfico se manifesta no espaço”. Nicholas J. Spykman deu-nos outra definição interessante ao defini-la como “o planeamento da política de segurança de um país em termos dos seus factores geográficos”. Já Samuel Choen abordou-a como a “análise da relação entre o poder político internacional e o meio geográfico”. (Almeida, 2012:130-133)

Em suma, a Geopolítica acaba por ser como que a relação entre o poder instituído num determinado território e a geografia, a forma como esta influência o poder político e vice-versa. A Geopolítica promove um modo de pensar espacial que organiza diferentes actores, elementos e locais. Neste caso falamos de um actor principal: a Rússia, com os dois elementos que são as duas organizações aqui abordadas (influenciadas por uma ideologia e cultura estratégica) e o local que é a Eurásia, onde a Rússia procura cada vez mais influenciar e “conquistar”.

A Geopolítica russa baseia-se na ideia base definida por Friedrich Ratzel de que “espaço é poder” e que a Geografia é uma ciência fulcral para o entendimento do Estado como entidade política. Ele definiu que “o espaço é um factor primordial na grandeza dos Estados” e que “um largo espaço assegura a vida nos Estados por ser uma força e não um mero veículo de forças políticas”. “Um grande território incita à expansão e ao crescimento do seu povo e actua como força que imprime nova vida ao sentimento de nacionalidade” e que “só foi poder mundial o que se fez representar de vastos espaços e, especialmente, pela sua força, em todos os pontos e momentos críticos” (Almeida, 2012:130-133). É curioso como podemos

estabelecer uma relação entre as ideias definidas por Ratzel com o território russo cuja ideia de espaço como defesa sempre esteve presente na sua cultura estratégica e que isso “assegura a vida nos Estados”. (Almeida, 2012:130-133) Por outro lado, um grande território incita à expansão de um povo e facto é que, com a criação da União Soviética e com todas as repúblicas que ela englobava o povo russo foi-se expandindo por todo o continente eurasiático, e como Putin afirmou, a queda da União Soviética foi um drama para milhões de russos que agora se encontravam fora da Rússia. Efectivamente, a expansão soviética imprimiu tal como Ratzel referiu uma nova vida ao sentimento de nacionalidade, o Homo Sovieticus, referido também aqui por Marcos Ferreira e João Terrenas.

Hoje o poder da Rússia também se faz pela conquista de vastos espaços e pela expansão de um povo, o Eurasianista, que segundo Dugin (2014:67), defende o princípio da necessidade de preservar a existência de todas as pessoas no planeta, a variedade de culturas e tradições e o direito das pessoas escolherem o seu próprio destino, mas, ironicamente, esse destino tem de ser oposto ao Atlantismo. O Eurasianista é sobretudo um Homem com um profundo e sincero sentimento com o passado e uma atitude aberta para o futuro. O desenvolvimento espiritual deverá ser a prioridade da vida de um eurasiático, cuja sua ausência não pode ser compensada com bens económicos ou sociais. (Dugin, 2014:67)

A Rússia procura actualmente alargar o seu espaço tal como fez com a União Soviética no século XX, para, como referiu Ratzel “assegurar a vida no Estado” e voltar a ser um poder mundial representando um vasto espaço, como referiu Mackinder [ver ponto 4. de Anexos], iniciado com a UEE e existindo claras intenções de expandir esse mesmo espaço pois ainda existem Estados que não foram “conquistados”.

Em “Leis do Crescimento Territorial do Estado” Ratzel evidencia alguns aspectos fundamentais que de uma maneira ou outra se verificam na actual Estratégia russa onde o autor destaca que “o espaço de um Estado aumenta a expansão da sua cultura por ir assim, difundindo o seu poder” e “a expansão de um Estado segue-se a outros sintomas de desenvolvimento: ideias, produção comercial” (Almeida, 2012:133-134) e de facto o Estado russo tem-se expandido com a UEE, não em termos políticos (pelo menos em termos oficiais, pois sabemos que existem claras intenções políticas) mas em termos económicos e esta união permite uma aproximação entre os cidadãos russos e dos restantes Estados-membros da UEE,

pois quebram-se barreiras económicas e comerciais permitindo assim um maior fluxo de ideias, pessoas e capital, como se sucedeu com a União Europeia. É assim que a povo russo se vai expandindo actualmente.

Ratzel evidencia ainda que “a expansão de um Estado inicia-se com a amalgamação e absorção de unidades menores” e a “absorção de outras unidades reforça a tendência para a expansão e dá, ainda, maiores possibilidades para a conquista de mais espaços” (Almeida, 2012:133-134) e é precisamente este um dos pontos cruciais da Estratégia que a Rússia conduz actualmente uma vez que, a entrada de Estados para estas organizações tem feito com que os desejos territoriais russos sejam cada vez maiores e a invasão da Ucrânia pela Rússia representa um certo desespero por não ter conseguido trazer a Ucrânia para a sua esfera de influência e como referiu Dugin, Kiev seria um aliado estratégico fundamental pois o eixo Moscovo-Minsk-Kiev iria garantir a estabilidade do projecto de integração eurasiático uma vez que, desde essa invasão que a Rússia tem sido olhada com alguma desconfiança por outros Estados pós-soviéticos que deveriam fazer parte da organização e que parecem vir a perder o interesse nela, como acontece com o Usbequistão e o Turquemenistão que abririam as portas à Rússia para uma fronteira de milhares de quilómetros com o Afeganistão e Irão, dois dos Estados referidos por Dugin como importantes aliados do modelo integracionista.

Se existirem dúvidas quanto à posição, em certa parte, de superioridade da Rússia no território eurasiático ela acaba mesmo por ser referida implicitamente (a nosso ver) em fontes oficiais do Estado russo no que toca ao exercício de política externa da Rússia na Eurásia, onde é referido que «uma das distinções da política externa russa é que ela é balanceada. Isto tem sido predeterminado pela posição geopolítica da Rússia como um dos maiores poderes eurasiáticos. Exigindo uma combinação de esforços em todos os vectores» (The Foreign Policy Concept of The Russian Federation, 2012:4)



### **CAPÍTULO III – A União Económica Eurasiática e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva como instrumentos do Eurasianismo e da Estratégia Nacional russa**

Segundo Silva Ribeiro (2010), a Estratégia Nacional define a actividade em que o país se vai envolver, relativamente às estratégias de acção que estabelecem as bases de disputa para aquela actividade. Com efeito, a estratégia nacional, pela sua íntima ligação com a política, trata da formulação integral das acções «o que se tem de fazer?», que antecede os aspectos genéticos, estruturais e operacionais «como se vai fazer?», a cargo das suas disciplinas e sub-estratégias. (Ribeiro, 2010:33)

No que concerne à Estratégia nacional russa sobre o território eurasiático iremos perceber em concreto quais são os objectivos do Estado russo neste campo da sua política externa. Para isso recorreremos à concepção de Silva Ribeiro sobre os objectivos fixados pela política, onde o autor refere que a estratégia implica materializar com recurso ao poder nacional, finalidades colectivas identificadas com precisão, designadas por objectivos nacionais. Subordinados aos objectivos nacionais encontram-se os objectivos estratégicos básicos, a serem perseguidos por cada forma de coacção, tendo de ser escolhidos com vista a provocar uma variação favorável na relatividade dos poderes que se confrontam. (Ribeiro, 2010:38)

Os principais poderes que a Rússia confronta neste contexto serão os vários Estados que ela procura influenciar e integrar nas suas organizações, sendo também eles influenciados por outros Estados e organizações, tendo também um poder político no seio deles que por vezes pode ir contra os interesses russos, sendo esses os Estados que ainda se mostram relutantes para com o plano de integração da UEE.

Segundo Silva Ribeiro é a política que estabelece os objectivos e orienta a edificação, a disposição e emprego dos meios de coacção num dado meio e tempo para os materializar. Deste modo, a política relaciona-se com os objectivos a alcançar e/ou manter, e responde à pergunta «o que se tem de fazer?». A Estratégia estuda e estabelece o caminho a seguir, as acções a realizar com os meios de coacção, no meio e no tempo disponíveis para alcançar e/ou manter os objectivos fixados pela política, respondendo à questão «como se vai fazer?». A

estratégia é subsidiária da política, sendo que a política tem uma maior persistência e continuidade por estar focalizada nos objectivos nacionais permanentes. A estratégia tem um carácter mais transitório e flexível, condicionado pela evolução conjuntural dos problemas e das eventualidades e por estar focalizada nos objectivos nacionais actuais. Em suma, cabe à política orientar a Estratégia. (Ribeiro, 2010:39-40)

No "Conceito de Política Externa da Federação Russa" aprovado pelo Presidente Vladimir Putin em Novembro de 2016, são vários os objectivos nacionais estipulados no que toca à integração do espaço eurasiático, sendo que, no ponto 40. é determinado que «A política da Rússia visa garantir que este Estado participe de forma igual e pró-activa na economia global. Para efeito, a Federação Russa: i) faz uso activo das oportunidades oferecidas pelas organizações económicas e financeiras regionais, para desenvolver a economia nacional, prestando especial atenção às organizações e estruturas que reforçam os processos de integração eurasiática.»

No ponto "IV. Prioridades regionais de política externa da Federação Russa" encontram-se as prioridades estabelecidas pela Rússia no espaço eurasiático, e apesar de o Eurasianismo não ser citado em fontes oficiais, grande parte do que é estabelecido por essa ideologia é aqui demonstrado, onde se destacam o desenvolvimento de relações com os membros da CEI; expansão da cooperação entre Rússia e Bielorrússia; fortalecimento da integração da UEE; o desenvolvimento da OTSC; desenvolvimento da laços políticos com a Ucrânia; fortalecimento das Repúblicas da Abecásia e Ossétia do Sul; normalização das relações com a Geórgia; manutenção de um diálogo benéfico com a UE. (The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2016) [ver anexos ponto 22.]

O “Conceito da da Política Externa da Federação Russa” ajuda-nos a perceber que efectivamente a Rússia tem interesse em manter relações e exercer influência nos territórios aí referidos, mesmo que ainda não estejam na sua esfera de influência e que foram dados por nós como quase impossíveis de virem a integrar o projecto de integração defendido por Dugin, nomeadamente a Ucrânia e a Geórgia.

Iremos agora descobrir como funcionam os meios de coacção russos no espaço eurasiático e quais os seus propósitos.

## 1. União Económica Eurasiática

A União Económica Eurasiática é uma organização de integração económica que remonta em termos oficiais a 24 de Maio de 2014 quando a Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão assinaram um tratado que estabeleceu a União como a conhecemos hoje, que basicamente estendeu as provisões da já existente União Aduaneira Eurasiática (Eurasian Customs Union). A adesão da Arménia e do Quirguistão seria assinada no Tratado entre Outubro e Dezembro de 2014 e a União entraria em vigor a 1 de Janeiro de 2015, sendo cinco os Estados-membros fundadores até hoje: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Rússia. Na “Figura 5.” podemos observar o mapa da mesma organização com os seus 5 Estados-membros:



Este projecto integracionista é visto por Vladimir Putin como uma versão melhorada da União Europeia e foi criticado por Hillary Clinton como uma nova forma da União Soviética. (Cadier, 2014:1) Entendamos aqui integração económica como um acordo económico entre

diferentes regiões (Estados), marcado pela redução ou eliminação de barreiras comerciais e pela coordenação de políticas monetárias e fiscais com o objectivo de reduzir custos para consumidores e produtores de forma a aumentar o comércio entre as partes que participam nesse acordo. (Investopedia, 2010)

A integração económica é estabelecida em várias fases, desde uma pequena associação de países numa área de trocas até a uma completa integração económica onde as economias dos Estados-membros são completamente integradas. (Economics Online, 2016)

O Economics Online elucida-nos sobre as várias fases do processo de integração começando com uma Economia Independente, passando para uma Área Preferencial de Troca, depois para uma Área de Comércio Livre, passando para uma União Aduaneira e depois sim um Mercado Comum, e é precisamente neste fase que a UEE se encontra. A evolução natural deste processo levará à próxima fase, a União Monetária, que também já é discutida no seio desta organização como uma possibilidade num futuro próximo. Após a União Monetária passaríamos à União Fiscal e depois então à União Política. (Economics Online, 2016) Quando Dugin fala no processo de integração da Eurásia no capítulo II como União Eurasiática pensamos que ele já se esteja a referir ao estágio final do processo de integração da Eurásia, à União Política, uma vez que não se refere à União como Económica, dando a entender assim que a União Económica será temporária, até ficar estabelecida uma verdadeira união política, de nome União Eurasiática.

Defendemos aqui que esta organização, que é essencialmente uma estrutura geoeconómica, se está a tornar cada vez numa máquina geopolítica, na tentativa de influenciar a alternativa da União Europeia de integração, o Eastern Partnership. Em termos gerais, a diplomacia russa passou da persuasão (pelas tentativas de influenciar a Ucrânia a aderir à UEE) à coerção, quando invadiu a Ucrânia como que uma espécie de castigo, mostrando todo o seu potencial militar numa incursão a um Estado quase que ocidentalizado, revelando de forma bem clara os interesses da Federação Russa e das consequências que esperam aos Estados que se possam mostrar interessados na adesão a este projecto e que depois adiram ao projecto inimigo, a União Europeia.

Falamos aqui numa máquina geopolítica porque neste momento os países do leste europeu enfrentam um dilema, são os chamados países “entredeux” (literalmente, aquilo que

está entre duas coisas) que neste caso estão entre a União Europeia e a União Económica Eurasiática, sendo forçados a uma escolha geopolítica que têm tentado evitar. Existem políticos divididos, separatismo, dependências económicas, crises financeiras e estruturais, e são estes factores que complicam a escolha. A Rússia tenta claro, influenciar os países do leste europeu para que adiram à sua esfera de influência, tal como a União Europeia.

Segundo David Cadier (2014) ao olharmos para a arquitectura da UEE ela mostra-nos um formato de integração genuinamente novo, baseada numa avançada legislação aduaneira composta por normas e por um complexo conjunto de instituições. Contudo, apresenta também algumas imperfeições, principalmente no que toca à insuficiente prestação à reforma das instituições dos Estados membros e a crescente “geopolitização” de um projecto de integração económica, onde as diferenças a este nível da Rússia para os outros Estados-membros é enorme.

A política de integração da União tem-se desenvolvido em reacção aos movimentos das “revoluções coloridas” e às políticas vizinhas da União Europeia, com o claro objectivo de reacertar o seu status ao consolidar a sua influência regional. (Cadier, 2014:1)

O Eastern Partnership da EU e o novo regime de integração da União Económica Eurasiática vão moldar em grande parte o futuro político dos países do Entredeux. A crise ucraniana e as medidas coercivas russas e a sua crescente “geopolitização” da UEE mudaram a natureza desta competição e fez com que a União Europeia acelerasse a sua oferta. Os países indecisos têm de optar por uma escolha e ela tem sido evitada e agora também com o medo da perda de território ou de uma incursão militar como aconteceu na Ucrânia, servindo de exemplo para outros países indecisos. A expansão das duas organizações vai colocar um fim aos países do entredeux uma vez que mais tarde ou mais cedo os Estados irão ficar sob influência da UE ou da UEE, sendo apenas uma questão de tempo até haver uma escolha geopolítica, ou uma obrigação.

Para compreender melhor o funcionamento da organização e os seus objectivos consultar o ponto 5. de Anexos.

## 1.1. Os problemas da UEE

Sempre que se aborda a integração económica colocam-se questões no que toca à soberania dos Estados e a verdade é que os Estados acabam sempre por perder alguma da sua soberania, nem que seja no contexto da própria organização onde estão inseridos e esse parece ser um dos principais problemas da UEE.

Segundo Dragneva e Wolczuk (2014) um das falhas da UEE consiste na soberania e hegemonia dos Estados-membros até porque uma das consistentes da integração pós-soviética tem sido a relutância dos Estados sacrificarem a sua soberania (ganha com a queda da URSS) em detrimento de acordos comuns na União. Esta dinâmica sempre foi muito complicada devido à hegemonia russa na região e à assimetria dentro da União que tem sido uma recorrente na política de integração da mesma, não havendo portanto uma verdadeira integração em que os Estados possam em pé de igualdade principalmente em termos económicos.

Apesar das tentativas de contribuir para a igualdade dos Estados membros no seio da União existe efectivamente uma assimetria entre a Rússia e os outros Estados-membros devido à sua enorme dependência para com a Rússia, daí também que em determinadas questões internacionais assumam logo a posição a favor da Rússia como por exemplo a Arménia, que reconheceu logo a anexação da Crimeia. Este acontecimento vem revelar ainda mais o carácter de superioridade da Rússia em relação aos outros Estados-membros da organização, na medida em que estes parecem ter logo a sua política externa e diplomacia condicionadas, pela Rússia.

Este projecto é visto como uma tentativa de Putin de remediar o colapso da União Soviética, é como que uma relegação dum poder global para um poder regional e pretende acertar o papel geopolítico da Rússia enquanto grande poder e já mostrou esse mesmo poder ao “castigar” a Ucrânia e outros países pela assinatura do Eastern Partnership. (Dragneva; Wolczuk 2014:15)

A Rússia tenta com este projecto recuperar os aliados que perdeu, as suas ex-Repúblicas e a UEE é uma tentativa de recuperação do poder que outrora teve. O sucesso da geopolítica regional desta organização pode trazer à Rússia o estatuto de Grande Potência se o bloco

político e económico dominado pela mesma for eficaz e cumprir com os seus objectivos, principalmente no que toca à igualdade entre os Estados-membros, pois só assim será um bloco forte e uno, como um todo, forte, em todas as suas partes (Estados-membros).

Os avanços da OTAN e da UE no leste europeu são vistos pelos líderes russos como uma ameaça aos seus interesses políticos, económicos e militares, até porque o alargamento da UE inclui 3 ex-Repúblicas soviéticas (Estónia, Letónia e Lituânia) mas que agora parecem não ser do interesse russo, ou pelo menos não fazem parte do projecto eurasiático defendido por Dugin.

A oriente surge o problema do avanço da China como um rival estratégico principalmente a nível económico daí que se fale nesta organização também como que uma contenção da China. [ver Anexos número 7.]

A Moldávia surge como outro Estado intrigante, uma vez que não é referido por Dugin como um Estado a ser integrado no projecto eurasiático e em 2013 o seu governo rejeitou a ideia de integrar a UEE e em vez disso assinou o European Union Association Agreement (com a União Europeia) em que foi estabelecida uma associação económica entre as duas partes. Em Janeiro de 2017 as intenções da Moldávia mudariam com o novo presidente Igor Dodon que mostrou interesse em aderir à UEE afirmando que o acordo com a União Europeia não trouxe qualquer benefício para a Moldávia. (Hille, 2017) A 14 de Abril de 2017, a Moldávia tornava-se no primeiro membro observador da UEE (Morgan, 2017), algo inédito, levantando já questões em relação ao futuro do país que estava cada vez mais próximo do projecto europeu e parece haver já interesse em trazer a Moldávia para a esfera russa, pelo próprio presidente Putin. A proximidade da Moldávia com a Ucrânia pode ser também uma das razões pelas quais a Rússia tem interesse no país porque a adesão da Moldávia à UEE significaria uma forte influência russa no país tornando-se numa ameaça para a Ucrânia, agora no ocidente do país. Como já foi referido, o controle da Ucrânia pela Rússia com as suas organizações é um dos grandes objectivos geopolíticos da Rússia na actualidade.

A UEE está no facto de ser uma organização económica que traz poucos benefícios económicos para os seus Estados membros, mas revela ser eficaz em termos políticos para a Rússia que acaba por, de certa forma, subjugar os Estados-membros aos seus interesses. [ver ponto 6. de Anexos]

A integração económica parece ser a única forma que irá permitir à Rússia competir economicamente a um nível global mas para isso seria necessário que os mercados de trabalho dos países da União fossem mais bem governados e claro, libertar as economias regionais do crime organizado, um dos principais factores que impede o crescimento económico da região. (Bordachev; Skriba 2014:21)

Para uma melhor compreensão da desigualdade entre os Estados-membros da UEE e as possíveis soluções para o problema, consultar ponto 21. de Anexos.



## **2. Organização do Tratado de Segurança Colectiva**

A Organização do Tratado de Segurança Colectiva é uma aliança militar intergovernamental cuja origem remonta a 1992 sob de designação de Tratado de Segurança Colectiva, quando seis Estados pós-soviéticos (Rússia, Arménia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Usbequistão) pertencentes à CEI assinaram o Tratado de Tashkent que estabeleceu a organização. Em 1993 juntaram-se outros três Estados: Azerbaijão, Bielorrússia e Geórgia, passando assim a 9 estados-membros. Em 1999 apenas seis desses nove Estados concordaram em renovar o Tratado por mais cinco anos e em 2002 esses mesmos Estados concordaram em criar a Organização do Tratado de Segurança Colectiva. Os Estados que não assinariam essa renovação seriam o Azerbaijão, a Bielorrússia e a Geórgia, sendo que a Bielorrússia, mesmo não assinando a renovação continua a fazer parte da Organização até aos nossos dias, a Geórgia e o Azerbaijão não. Para além destes dois ex-estados-membros existe o Usbequistão que, como aqui referido assinou o Tratado fundador da Organização mas saiu da mesma em 1999 para voltar em 2006 e voltar a sair da organização em 2012, pela segunda vez.

Hoje a Organização conta com seis estados-membros: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão. Como podemos constatar no seguinte mapa “Figura 6.”:

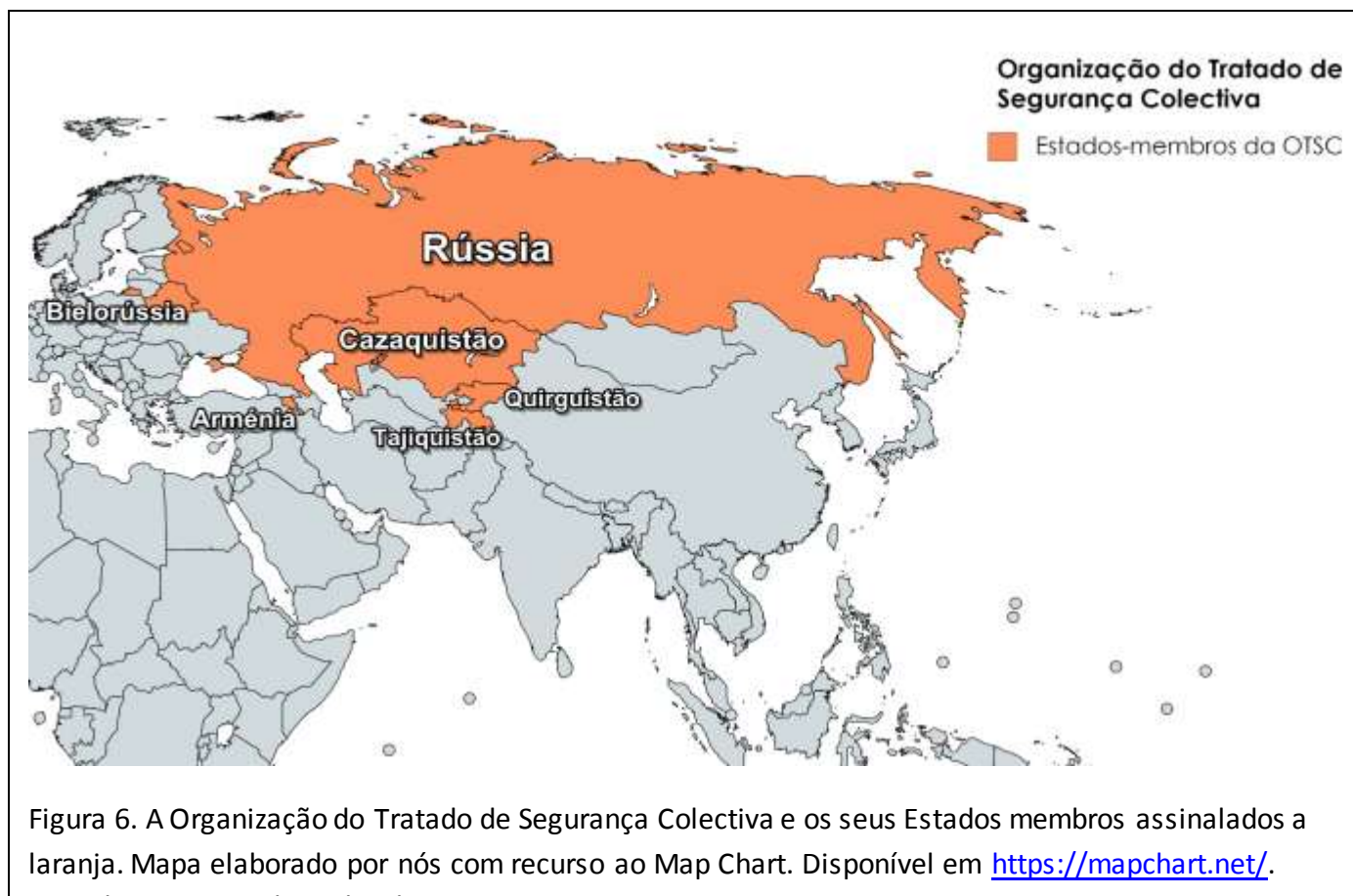


Figura 6. A Organização do Tratado de Segurança Colectiva e os seus Estados membros assinalados a laranja. Mapa elaborado por nós com recurso ao Map Chart. Disponível em <https://mapchart.net/>.

Existem também dois Estados observadores: Afeganistão e Sérvia. Levantando questões como a posição da Rússia em relação ao Afeganistão contra os Estados Unidos ou a pelo facto de apoiar a Sérvia contra a independência do Kosovo apoiada pelos Estados Unidos, o que pode revelar a verdadeira natureza desta organização como que uma reposta contra a OTAN, o ocidente, o verdadeiro inimigo do Eurasianismo, sendo assim mais que justificável que esta organização tenha hoje em dia extrema importância para a concretização dos objectivos geopolíticos delineados pelo Eurasianismo.

Esta organização é estabelecida pela Carta da Organização do Tratado de Segurança Colectiva [ver os órgãos que a constituem no ponto 8. de Anexos] onde está determinado que o objectivo principal da mesma é o desenvolvimento e a intensificação da cooperação militar

e política entre os estados-membros de forma a assegurar e fortalecer a segurança nacional, regional e internacional, assim como a sua soberania e integridade territorial. O Tratado compreende como essencial a manutenção e nutrição para uma aliança mais próxima e compreensiva na política externa, militarmente e no campo tecnológico militar, contra os desafios internacionais e ameaças à segurança dos Estados e das pessoas.

O artigo 3 da Carta da Organização do Tratado de Segurança Colectiva estabelece como propósito principal da mesma o fortalecimento da paz e da estabilidade da segurança a nível internacional e regional de modo a assegurar uma defesa colectiva para a independência, integridade territorial e a soberania dos Estados-membros. (Charter of the Collective Security Organization, 2002:1) No quarto artigo é ainda referido que os membros da organização devem manter relações com outros Estados e organizações que são activas no campo da segurança. De lembrar que em 2007 a Organização estabeleceu um acordo com a Organização para Cooperação de Xangai, conhecida organização política, económica e militar no território Eurasiático, cuja finalidade principal será a cooperação no campo da segurança. Foi fundada em 2001 pela China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Usbequistão, já em 2015 a Índia e o Paquistão foram admitidos na organização (Estados vistos como aliados-chave por Dugin, que podem já estar mais próximos da Rússia que o que aparenta).

A Carta estabelece ainda que a fim de ter um sistema colectivo de segurança eficaz os Estados irão tomar medidas no sentido de estabelecer forças de coalização regionais e órgãos administrativos para criar uma infra-estrutura militar com o objectivo de formar militares e especialistas para as forças armadas e fornecer a estes as armas e tecnologias militares necessárias.

O artigo 8 estabelece como principais prioridades o combate ao terrorismo e extremismo internacionais, o tráfico ilícito de drogas, substâncias psicotrópicas e armas, crime organizado transnacional, imigração ilegal e outras ameaças para a segurança dos estados-membros. (Charter of the Collective Security Organization, 2002:2)

A nosso ver a Organização hoje acaba por ser um veículo estratégico para Moscovo construir a sua influência em termos militares nos territórios dos Estados-membros à imagem dos seus objectivos, fazendo com que a localização das suas infra-estruturas militares não se

limite à Federação Russa mas a um vasto conjunto de pontos estratégicos no território eurasiático.

A Organização apresenta-se contra e como uma alternativa à OTAN com o objectivo de construir um poder militar forte no plano internacional assente numa estratégia de influência no bloco dos Estados-membros que compõem a organização, padecendo do mesmo problema da UEE: as vantagens para os Estados-membros não são muitas e a organização não funciona como um verdadeiro bloco, havendo uma clara desigualdade entre os seus membros.

Os exercícios militares entre os Estados-membros cresceu em quantidade e em tamanho sendo cada vez mais elaborados e complexos mas nem isso serviu para encobrir a verdadeira natureza da organização, caracterizada por uma Rússia que se serve dos Estados-membros para ter uma influência geopolítica cada vez maior. A criação da Força de Reacção Rápida em 2009 acabou por impulsionar algum prestígio à organização sendo um sinal de que algo novo estava por vir. (Stratfor, 2012)

Os anos 2000 foram marcadas por dois acontecimentos flagrantes para a organização, a Guerra na Geórgia em 2008 e a incursão militar na Ucrânia a respectiva anexação da Crimeia em 2013. Este carácter agressivo da Rússia é uma amostra de consolidação do seu poder político e militar na Eurásia contrabalançando com a OTAN. Estes acontecimentos tiveram claro, como grande impulsionar, Vladimir Putin influenciado em grande parte pelos ideais do Eurasianismo fortalecendo assim a imagem de uma Rússia militarmente forte e capaz de desafiar a OTAN.

A paz, a estabilidade e a segurança são as grandes prioridades da organização e para o concretizar a estratégia russa aqui tem-se resumido a uma série de acordos militares com os Estados-membros e na construção de bases militares nos territórios desses mesmos Estados, tentando sempre diminuir ou impedir a influência da OTAN, e estar sempre pronta para reagir. Apesar da crise financeira global a Rússia não abrandou nos gastos militares aumentando ainda mais os investimentos com planos de modernização militares a serem cumpridos num futuro próximo.

Segundo Mrvaljevic (2015) uma das principais preocupações actuais no seio da organização está em unir todo o comando militar numa única estrutura da organização, um

corpo único, aumentando assim a velocidade na coordenação das forças colectivas, sendo uma adaptação necessária e realista, caso a organização queira aumentar o seu poder e a sua eficácia.

Os grandes problemas da organização reservam-se semelhantes aos da UEE, onde fortes indícios apontam para que os Estados sejam mais Estados-satélite ou protectorados do que propriamente parceiros, não formando assim um bloco militar uno mas apenas um bloco em que existe um Estado-membro claramente superior em termos políticos, económicos e militares a todos os outros: a Rússia. (Mrvaljevic, 2015) Sendo que este foi um dos problemas que levou à queda da União Soviética e poderá vir a ser o problema deste projecto se a Rússia não fomentar o desenvolvimento militar nos outros Estados-membros. Para isso a Rússia terá não só de construir infra-estruturas militares nesses países mas também fazer com que as forças militares desses países se desenvolvam à imagem da Rússia e com a Rússia, ao invés de ser para a Rússia.

Se isso não acontecer mais tarde ou mais cedo haverá um clima de hostilidade entre os Estados-membros que pode levar ao fim da organização. A Rússia deveria então adoptar uma postura mais cooperativa ao invés de uma postura imperialista ou de tipo soviético, caso contrário enfrentará os mesmos problemas que o seu antecessor. (Mrvaljevic, 2015)

## 2.1. Os problemas da OTSC

Entre os principais problemas que a organização enfrenta hoje em dia destaca-se o facto da existência de um poder dominante nela, a Rússia, que se encarrega de 95% dos gastos militares e financeiros da organização com os outros membros a oferecerem pouca ou nenhuma ajuda à organização, dando logo uma ideia da realidade desigual da organização. (Keaney, 2017)

Os objectivos da organização são claros e fazem sentido, ainda que sejam demasiado gerais ou idealistas, dando a ideia que teoricamente a organização se dedica realmente a cumprir esses objectivos mas na realidade isso acaba por não acontecer, não existindo uma verdadeira comunidade, no sentido literal da palavra, havendo diferenças significativas entre os estados membros em termos dos recursos que possuem e das ajudas que podem/devem dar à organização. Pior que isso será mesmo o facto de os próprios Estados-membros terem visões diferentes daquilo que a organização deve ser.

A Rússia constrói infra-estruturas militares nos Estados-membros e usa esses mesmos territórios para colocar tropas e acabar assim por marcar uma posição estratégica nesses Estados, referidos por Dugin como essenciais territórios para a construção de um Império Eurasiático com determinados Estados integrados numa União com a Rússia. A organização reflecte também certos problemas que a União Soviética deixou: regimes que apontam para um cariz autoritário (Cazaquistão e Bielorrússia) ou questões étnicas (Quirguistão e Tajiquistão) (Mrvaljevic, 2015) e que parecem não ter resolução, revelando assim as partes mais fracas dum bloco militar que devia ser forte em toda a sua parte.

O Usbequistão permanece como um dos mais graves problemas da organização sendo um Estado caracterizado por ter sido sempre um pouco céptico em relação a esta aliança liderada pela Rússia. Foi membro da OTSC de 1994 a 1999, e de 2006 a 2012, não se juntando ao bloco de Força de Reacção Rápida e quase nunca participou em exercícios militares da organização. Isto levanta a questão do Usbequistão poder querer aumentar a sua segurança com o apoio dos Estados Unidos, um ponto estratégico muito importante para os americanos de entrada e saída do Afeganistão. (Mrvaljevic, 2015) A saída do Usbequistão da organização manchou de certa forma a imagem de uma organização que devia supostamente ser unida e a

nosso ver foi uma grande perda para a Rússia pois poderia ser um bom aliado estratégico pelos seus recursos e pela sua localização geográfica, que a juntar ao Tajiquistão permitiria um mais fácil acesso ao Afeganistão pelas tropas russas, referido como um Estado aliado fundamental para a construção do Império Eurasiático referido por Dugin.

A Bielorrússia é um caso muito particular na sua relação com a Rússia uma vez que para além de Estado-membro das duas organizações aqui referidas forma uma União Supranacional com a Rússia, a União da Rússia e Bielorrússia, que se materializa numa forte integração política, económica e social, com contornos semelhantes aos da URSS, sendo esta União muitas vezes referida como semelhante a tal sendo a Bielorrússia o Estado mais fiel aos projectos russos e um dos membros mais activos na organização militar.

A nosso ver outro grande problema da organização foi por exemplo, a não intervenção no Tajiquistão e no Quirguistão (membros da OTSC) que nos levam a questionar as intenções e a capacidade do bloco militar. Estes podem ter sido os casos mais sérios dos desafios que a organização enfrentou no que toca aos seus estados-membros. Uma das possibilidades para a não intervenção no Quirguistão e Tajiquistão seria o facto de ser um terreno muito montanhoso e difícil de operar. Os conflitos étnicos no Quirguistão em 2010 entre quirguizes e as minorias usbeques resultaram numa incursão de tropas do Usbequistão no Quirguistão mas que rapidamente foram retiradas. O Quirguistão teve o apoio de tadjiquistaneses, russos tadjiquistaneses e usbeques quirguizes (cidadãos do Usbequistão de origem quirguistanesa). Este não seria um grande problema para a organização uma vez que, como pudemos constatar, foi designada para combater agressões militares externas ou para garantir a segurança para com o exterior, no entanto, com a expansão da Carta e dos seus objectivos, ao incorporar o combate ao terrorismo interno e outros problemas internos, estes conflitos deveriam ter sido integrados nos problemas da organização, que o Quirguistão e o Tajiquistão deveriam combater no seio da organização com a ajuda da Rússia, visto ser o Estado-membro com maior capacidade financeira e militar. A verdade é que parece que na maior parte deste tipo de conflitos (internos, dos estados-membros que não a Rússia) o bloco militar parece evitar a sua intervenção, completando ainda mais a ideia de que a organização serve os interesses da Rússia, uma vez que conflitos étnicos no Quirguistão e Tajiquistão não representam uma grande ameaça para a mesma.

O Cazaquistão parece ser outro problema para a organização devido à sua política externa multi-vectorial. A influência russa no Cazaquistão é fortemente desafiada pela vizinha China e existe o medo de que a qualquer momento o Cazaquistão possa olhar para a China como uma aliança mais benéfica (Keaney, 2017), daí que a Rússia tenha de, urgentemente, fazer com que as suas organizações sejam realmente benéficas e vantajosas para os seus membros, neste caso o Cazaquistão, fazendo assim com que o seu bloco seja mais forte ao promover o desenvolvimento económico e militar desses mesmos Estados e com isso fazer com que o Cazaquistão não tenha necessidade de mudar de parceiro estratégico.

A Organização enfrenta ainda outro problema, a Carta que a constitui, analisada no ponto 9. de Anexos.



## CONCLUSÃO

O principal obstáculo desta investigação prendeu-se com a dificuldade no acesso à informação das organizações aqui abordadas por serem de existência recente e pela informação que passa ser muitas vezes contraditória. Contudo, permaneceu a ideia geral que existe uma estratégia russa no espaço pós-soviético desde a chegada de Putin ao poder, pois os dois instrumentos práticos dessa estratégia, influenciada pelo Eurasianismo, entraram em vigor com o mesmo no poder.

Essa estratégia é influenciada pelo Eurasianismo que tem em Dugin o seu principal impulsionador ideológico e em Putin o homem que acaba por colocar essa ideologia em prática. Os meios de coacção privilegiados são a UEE e a OTSC e ambos aparecem muito condicionados, colocando em causa toda a estratégia russa.

A UEE aparece hoje condicionada por factores económicos e geopolíticos que podem minimizar as ambições russas havendo um acentuado declínio económico na União não conseguindo assim eficazem cumprir os objectivos por ela estipulados. A falta de coordenação e resolução dos problemas estruturais da União acabam ainda por afectar a credibilidade da mesma como bloco económico (International Crisis Group, 2016) sendo esse o grande problema da União: a não existência de um verdadeiro bloco económico. A juntar ainda uma crescente fraqueza económica da Rússia, sendo exemplo disso um conjunto de planos de investimentos prometidos pela Rússia ao Quirguistão que acabou por nem cumprir com metade do valor destinado a esses investimentos. (Indeo, 2016:8)

O clima de desconfiança para com a Rússia no espaço pós-soviético revela ser outro problema, devido à invasão da Ucrânia, afectando a imagem do projecto russo de integração aos olhos de potenciais Estados-membros. Os presidentes dos países centro-asiáticos mostraram algum receio desta abordagem neo-imperialista de Moscovo que poderia afectar e limitar a sua estratégia na política externa no seio das duas organizações e até mesmo a sua soberania nacional. (Dragneva; Wolczuk, 2014:7-8)

A diferença de potencial económico entre os Estados-membros é outro dos grandes problemas da organização, representando a Rússia 87% do PIB da União (Vinokurov, 2017:57) não existindo ainda o tão desejado crescimento económico em Estados pobres como o

Quirguistão. A UEE tem assim de apresentar resultados positivos a nível económico económico de modo a tornar-se cada vez mais atractiva, para investidores estrangeiros ou potenciais Estados-membros. Para isso terá de promover o crescimento e desenvolvimento económico nos Estados-membros para que este formem um bloco com Estados com condições políticas, económicas e financeiras mais justas e igualitárias de modo a que a organização seja forte em todas as suas partes pois só assim poderá ser um poder com influência a nível mundial e representar uma ameaça ao Atlantismo, à semelhança da URSS.

A UEE acaba então por não cumprir os preceitos básicos que fundaram a organização: o desenvolvimento de uma economia sustentável, acabando também por não garantir também uma modernização compreensiva nem e a tão ambicionada cooperação das economias nacionais na economia global, não existindo assim a tão desejada integração económica. O futuro da organização podia passar mais pela aposta no desenvolvimento económico dos seus Estados-membros que na “conquista” de outros Estados, pois se esse desenvolvimento se concretizasse os Estados eurasiáticos iam olhar para a UEE como uma organização muito mais vantajosa que aquilo que tem sido, e assim no futuro, talvez a União formasse um bloco económico e político verdadeiramente forte e influente no Sistema Internacional, não com um Estado desenvolvido no seu seio mas com vários.

Quanto à OTSC é uma organização dominada pela Rússia colocando em aberto se é um bloco militar multinacional ou imperialista, o que faz com que seja um pouco enfraquecida aos olhos do ocidente sendo vista como apenas um meio para a Rússia interferir nos seus vizinhos próximos. A OTAN é dominada pelos EUA no que toca a tomadas de decisão mas, existem outros membros importantes, com influência e com capacidade financeira e militar para agir, com enormes contribuições operacionais em intervenções como por exemplo no Kosovo, Jugoslávia ou Líbia, e isso não acontece na OTSC. (Mrvaljevic, 2015) Não existem Estados influentes na organização com excepção da Rússia, que dita as regras e as intervenções da mesma, permanecendo em aberto como será o futuro da organização. A OTSC não é portanto uma aliança militar capaz de garantir ou estimular a segurança e estabilidade nos Estados-membros, pois parece não agir em casos de alguns problemas internos de Estados-membros. Não existe um desenvolvimento das forças militares dos restantes Estados dando a organização a imagem de que a Rússia usa os territórios desses Estados de forma a alargar a sua esfera de influência, de modo a conter o avanço da OTAN. A

Rússia poderia usar esses Estados-membros e modernizar as suas forças militares para que estas se unissem às da Rússia e aumentar assim ainda mais o seu poderio militar e funcionar como um verdadeiro bloco militar onde russos, bielorrussos, quirgues e arménios pudessem agir e combater como uma força só, representando assim uma verdadeira aliança eurasiática e uma ameaça para a OTAN.

Em termos gerais verificámos que essa estratégia acaba por não ser eficaz devido aos enormes problemas que ambas as organizações têm, nomeadamente, problemas de integração na prática, pois na teoria todos os Estados estão em pé de igualdade no seio das organizações.

Os meios de coacção (as organizações) são empregues num meio (a Eurásia) onde se tentam materializar os objectivos fixados pela política, presentes nos documentos de Estratégia nacional russos onde constam que a Rússia deve estabelecer relações com determinados Estados pós-soviéticos, sendo evidentemente influenciado pelo Eurasianismo, desenvolvido por Dugin desde os anos 80.

Falamos então em Neo-Sovietização numa nova Estratégia russa de influência no território pós-soviético, uma vez que guarda semelhanças com a estratégia exercida pela URSS nos dois principais meios que utiliza para exercer a sua influência no território que a rodeia, uma organização militar (semelhante ao Pacto de Varsóvia) e uma organização económica (semelhante ao COMECON), pretendo ainda a criação de novos Estados-satélite à semelhança do que a URSS fez, apelidados por Dugin como “Estados aliados”.

Actualmente, o principal desafio da Rússia será acabar com o mundo unipolar (como o próprio Eurasianismo defende) e as duas organizações aqui abordadas deveriam ser instrumentos eficazes a concretizar esses objectivos mas apresentam graves problemas internos e estruturais não permitindo à Rússia passar de uma mera potência regional, embora tenha potencial e território para ser mais que isso. A fragilidade das organizações e dos Estados-membros que compõem o projecto eurasiánista da Rússia pode fazer com que este acabe por colapsar como aconteceu com o seu antecessor Socialista, pois a Rússia volta a colocar-se acima dos outros Estados dando uma imagem imperialista deste projecto e não de integração e igualdade.

Segundo Dugin a Rússia é um Estado director do território eurasiático e deve integrar vários Estados no seu sistema político que ele define como União Eurasiática, então podemos concluir que a UEE é como que um meio para atingir esse fim pois se se seguirem os passos essenciais de integração acabará por se concretizar numa União Política.

A Cultura Estratégica russa ajuda-nos a perceber as suas motivações e acções, neste caso a tendência histórica que ela tem em preservar uma determinada esfera de influência ao seu redor, e o Eurasianismo (tal como o Socialismo) vem precisamente salientar e incentivar a importância do controle dessa mesma esfera.

A Estratégia russa tem-se caracterizado pela reutilização dos interesses geo-estratégicos russos básicos presentes na sua Cultura Estratégica. Dugin destacou a importância de integrar determinados Estados na União Eurasiática e, num total de dez, primordiais para a concretização do Império Eurasiático, cinco já estão integrados e outros cinco não estão, permanecendo ainda como objectivos geopolíticos a conquistar pela Rússia: Usbequistão, Turquemenistão, Azerbaijão, Geórgia e Ucrânia. Estes dois últimos são dados como quase impossíveis pelas já referidas razões, contudo este projecto pode num futuro próximo contar com os outros três Estados, passando então a um total de sete Estados-membros integrados.

A Ucrânia e a Geórgia são dois dos principais problemas a superar pela Rússia. São segundo Dugin, dois dos principais aliados que a Rússia devia ter sendo hoje, o contrário, adversários pertencentes ao lado Atlantista que Dugin refere como um dos piores males do mundo. A Rússia lida assim com um ambiente desacordo contra os Estados que não estão na sua esfera de influência pois existem outros actores com interesses geopolíticos que vão contra os interesses russos e que também tentam influenciar esses Estados, nomeadamente a OTAN, UE e até a China, daí que também se tenham dado alguns Estados como quase impossíveis de vir a integrar qualquer projecto russo seja ele económico ou militar.

O Eurasianismo influenciou a Rússia na sua política externa e este movimento (subjacente à ascensão de Putin) permitiu à Rússia reemergir no plano internacional no século XXI com a modernização do seu sistema político, económico e militar, que mesmo com falhas, permitiram que se tornasse cada vez mais influente no território eurasiático.

Dugin surge assim como que um líder ideológico da Rússia, Estado que oficialmente não tem uma ideologia pela sua Constituição mas a Rússia tem agido de acordo com os ideais e planos do Eurasianismo, subjacentes na criação da UEE.

As visões de Dugin, que influenciaram Putin, estabeleceram um novo propósito e identidade para os cidadãos russos que se viram humilhados com o fim da URSS. Esta mudança permitiu a Putin preservar e aumentar o seu poder interno e externo, caracterizado por políticas autocráticas limitando os direitos fundamentais dos seus cidadãos, algo comum da Cultura Estratégica russa pois só com um poder autocrático e rígido se governará bem essa grande massa territorial.

O ocidente nunca viu a Rússia como distinta e o Eurasianismo vem contrariar essa tendência, ao também denunciar as constantes tentativas do ocidente em tentar que a Rússia seja vista como parte europeia ou ocidental. O Eurasianismo acaba assim por dar uma nova vida à Cultura Estratégica russa valorizando-a e dando razões quase que religiosas para que os russos acreditem no seu papel especial no mundo e na Eurásia.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes oficiais

Charter of the Collective Security Treaty Organization (2002) - "Charter of the Collective Security Treaty Organization". Collective Security Organization.

Moskovskie Novosti (2012) – “The Foreign Policy Concept of The Russian Federation”. RIA Novosti

The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation (2016) - *Foreign Policy Concept of the Russian Federation (approved by President of the Russian Federation Vladimir Putin on November 30, 2016)*. The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation.

Treaty on the Eurasian Economic Union (2014) - "Treaty on the Eurasian Economic Union". Eurasian Economic Union.

### Fontes escritas

Almeida, Políbio Valente de (2012) - *Do Poder do Pequeno Estado*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas 2ª edição.

Aron, Raymond (1962) - *Paix et guerre entre les nations*. Broché.

Bordachev, Timofei V.; Skriba, Andrei (2014) - *Russia's Eurasian Integration Policies*. LSE Ideas.

Cadier, David; Dragneva, Rilka; Wolczuk, Kataryna (2014) - *The Geopolitics of Eurasian Economic Integration*. LSE Ideas

Cadier, David (2014) - *The Geopolitics of Eurasian Economic Integration - Executive Summary*. LSE Ideas.

Convington, Stephen R. (2016) - *The Culture of Strategic Thought Behind Russias's Modern Approaches to Warfare*. Defense and Intelligence Projects. Harvard Kennedy School.

Couto, Abel Cabral (2005) - *Raymond Aron e a Teoria da Estratégia*. Revista Nação e Defesa nº111.

Dragneva, Rilka; Wolczuk, Kataryna; (2014) – *Eurasian Economic Integration: Institutions, Promises and Faultlines*. LSE Ideas.

Duarte, António Paulo (2013) - *Estratégia: Origem e Fundamento*. Revista Nação e Defesa nº136.

Duffield, John S. (1999) - *World Power Forsaken: Political Culture, International Institutions, and German Security Policy after Unification*. Stanford University Press

Dugin, Alexandr (1997) - *The Foundations of Geopolitics: The Geopolitical Future of Russia*.

Dugin, Alexandr (2009) - *The Eurasian Idea*. Ab Aeterno no. 1

Dugin, Alexandr (2012) - *The Fourth Political Theory*. Arktos Media.

Dugin, Alexandr (2014) - *Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism*. Arktos Media.

Ermarth, Fritz W. (2002) - *Russia's Strategic Culture: Past, Present, And... In Transition*. From Science To Solutions.

Indeo, Fabio (2016) - *The Eurasian Economic Union and the Silk Road Economic Belt: the impact of the Sino-Russian geopolitical strategies in the Eurasia region*. Center for Energy Governance and Security, Hanyang University.

Johnston, Alistair Iain (1995) - *Thinking about Strategic Culture*. International Security.

Jost, John T. (2009) - *Political Ideology: Its Structure, Functions, and Elective Affinities*. Department of Psychology, New York University.

Lara, António Sousa (2011) - *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. 6ª Edição. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Rahul, Abhishek Kumar (2016) - *Russian Strategic Culture*. International Journal of Current Research.

Romana, Heitor Barras (2016) - *Da Cultura Estratégica: Uma Abordagem Sistémica e Interdisciplinar*. Revista Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, v.22.

Mackinder, John Halford (1904) - *The Geographical Pivot of History*. Geographic Journal, Vol. 23, N. 4.

Silva Ribeiro, António (2010) - *Teoria Geral da Estratégia*. Almedina.

Snyder, Jack (1977) - *The Soviet Strategic Culture: Implications for Nuclear Options*. Santa Monica, CA.

Tsygankov, Andrei P. (2007) - *Finding a Civilisational Idea: "West," Eurasia," and "Euro-East" in Russia's Foreign Policy*. Geopolitics nº12.

Viana, Vitor Rodrigues (2013) - *Editorial*. Revista Nação e Defesa nº136.

Vinokurov, Evgeny (2017) - *Eurasian Economic Union: Current state and preliminary results*. Russian Journal of Economics. ScienceDirect.

Weeks, Theodore R. (2010) - *Russification / Sovietization*. European History Online.

### Fontes electrónicas

Asbarez (2015) - "Iran Seeks Trade Agreement with Eurasian Union". Asbarez. Disponível em <http://asbarez.com/>. Data de acesso 17 de Maio de 2017.

BBC News (2017) - "Russia court outlaws 'extremist' Jehovah's Witnesses". BBC News. Disponível em <http://www.bbc.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Bigg, Claire (2015) - "World: Was Soviet Collapse Last Century's Worst Geopolitical Catastrophe?". Radio Free Europe. Disponível em <https://www.rferl.org/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Davidoff, Victor (2014) - "Why Russians Long for the Soviet Union". The Moscow Times. Disponível em <https://themoscowtimes.com>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.



Dugin, Alexandr (2016) - "Prince Nikolai Trubetzky and his Theory of Eurasianism". Eurasianist Internet Archive. Disponível em <https://eurasianist-archive.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Economics Online (2016) - "Economic Integration". Economics Online. Disponível em <http://www.economicsonline.co.uk/>. Data de acesso 11 de Junho de 2017.

Fayzullina, Karina (2013) - "Does Tajikistan matter? Political trends in modern Tajikistan". Al Jazeera Center for Studies. Disponível em <http://studies.aljazeera.net/en/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Ferreira, Marcos Faria; Terrenas, João (2015) - "Good bye, Lenin! Hello, Putin!". Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro.

Hayrapetyan, Albert (2016) - "Why the Collective Security Treaty Organization is a pale replica of NATO". Russia Direct. Disponível em <http://www.russia-direct.org>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Hille, Kathrin (2017) - "Moldova leader vows to scrap EU trade deal for Moscow-led bloc". Financial Times. Disponível em <https://www.ft.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

International Crisis Group (2016) - "The Eurasian Economic Union: power, politics and trade". International Crisis Group. Disponível em <https://www.crisisgroup.org>. Data de acesso: 17 de Abril de 2017.

Investopedia (2010) - "Economic Integration". Investopedia. Disponível em <http://www.investopedia.com/>. Data de acesso 11 de Junho de 2017.

Jarosiewicz, Aleksandra; Fischer, Ewa; Bakunowicz, Tomasz (2015) – "The Eurasian Economic Union – more political, less economic". OSW. Disponível em <https://www.osw.waw.pl/en>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Johnson, Paul M. (2012) - "Autocracy". A Glossary Of Political Economy Terms. Department of Political Science, Haley Center, Auburn University. Disponível em <http://www.auburn.edu>. Data de acesso 16 de Junho de 2017.

Karatayev, Marat; Clarke, Michèle L. (2014) - "Current energy resources in Kazakhstan and the future potential of renewables: A review". ScienceDirect. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/>. Data de acesso: 15 de Abril de 2017.

Keaney, John (2017) - "CTSO: A Military Pact to Defend Russian Influence". American Security Project. Disponível em <http://www.americansecurityproject.org>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Kershaw, Tom (2013) - "Vladimir Putin's Religion and Political Views". The Hollow Verse. Disponível em <http://live.hollowverse.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Klump, Sarah Dixon (2011) - "Russian Eurasianism: An Ideology of Empire". Wilson Center. Disponível em <https://www.wilsoncenter.org>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Luhn, Alec (2015) - "15 years of Vladimir Putin: 15 ways he has changed Russia and the world". The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Lukin, Alexander (2008) - "From a Post-Soviet to a Russian Foreign Policy". Russia in Global Affairs. Disponível em <http://eng.globalaffairs.ru>. Data de acesso 11 de Junho de 2017.

Morgan, Sam (2017) - "Moldova granted observer status in Eurasian Union". Euractiv. Disponível em <https://www.euractiv.com/>. Data de acesso 17 de Junho de 2017.

Mrvaljevic, Stefan (2015) - "Collective Security Treaty Organization: Russia's answer to NATO?". IAPSS International Association for Political Science Students. Disponível em <http://www.iapss.org/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Novoderezhkin, Anton (2014) - "Eurasian Economic Union to have common currency in 5-10 years". Tass, Russian News Agency. Disponível em <http://tass.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

President of Russia (2016) - "Interview to German newspaper Bild. Part 1". President of Russia. Disponível em <http://en.kremlin.ru/>. Data de acesso 17 de Abril 2017.

Rosenberg, Matt (2017) - "What is Eurasia? Defining the World's Largest Continent". ThoughtCo. Disponível em <https://www.thoughtco.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

RT (2015) - "West fears recreation of Soviet Union, despite nobody planning one – Putin". RT. Disponível em <https://www.rt.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

RT (2016) – “Most Russians regret USSR collapse, dream of its return, poll shows”. RT. Disponível em <https://www.rt.com/>. Data de acesso 13 de Abril de 2017.

Sanders, Katie (2014) – “Did Vladimir Putin call the breakup of the USSR 'the greatest geopolitical tragedy of the 20th century?'”. Politifact. Disponível em <http://www.politifact.com/>. Data de acesso 13 de Abril de 2017.

Sanjaya, Baru (2012) - "Geo-economics and Strategy". International Institute for Strategic Studies. Disponível em <http://www.iiss.org/en>. Data de acesso 20 de Janeiro de 2017.

Stratfor (2012) - "Re-Examining the Collective Security Treaty Organization". Stratfor. Disponível em <https://worldview.stratfor.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Stratfor (2016) - "Why the Eurasian Union Never Be the EU". Stratfor. Disponível em <https://www.stratfor.com/>. Data de acesso 17 de Abril de 2017.

Telegraph (2015) – “Vladimir Putin: 'We don't want the USSR back but no one believes us'”. Telegraph. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk>. Data de acesso 13 de Abril de 2017.

Terry, Bruce (2006) - "European Balance of Power: Will the European Union Upset Russia as it Balances the United States?". All Academic. Disponível em [www.allacademic.com/](http://www.allacademic.com/). Data de acesso 10 de Janeiro de 2017.

The Gazette of Central Asia (2012) - "Uzbekistan Suspends Its Membership in CSTO". The Gazette of Central Asia. Disponível em <http://gca.satrapia.com/>. Data de acesso 15 de Abril de 2017.

## ANEXOS

### 1. Acontecimentos que moldaram a política interna e externa russa ao longo deste século

-O Conflito com a Ucrânia que rompeu de certa forma as relações entre a Rússia e o Ocidente, e este é um dos últimos exemplos do poder de Putin em afirmar os “direitos” da Rússia, naquele que pode ser apelidado do seu antigo “quintal”, conhecido como o seu “near abroad”, que na linguagem política da Rússia e de outros Estados pós-soviéticos se refere às novas repúblicas que emergiram com o fim da União Soviética. (Luhn, 2015) A verdade é que este conflito nem deveria surpreender tanto quem ficou surpreso, bastando para isso recordar o conflito com a Geórgia seis anos antes, em que a Rússia usou as suas tropas para proteger os seus interesses numa esfera de influência cada vez mais “ameaçada” pelo avanço da OTAN.

-A oposição à OTAN parece ter vindo a ganhar maior relevância sob a liderança de Putin uma vez que com Yeltsin no poder, a Rússia tinha uma política de cooperação com a mesma, e desde muito cedo que Putin afirmava que a expansão da organização para leste representava uma ameaça ao seu país. Agora Moscovo tem o “músculo” militar necessário para combater esta aproximação da OTAN a leste. (Luhn, 2015) Tenha-se em atenção aqui o conflito com a Ucrânia que teve como ponto crítico de destabilização e a aproximação do país não só à OTAN mas também à União Europeia, mais precisamente com o Eastern Partnership. A oposição de Putin em relação à OTAN e ao ocidente em geral tem recebido muito apoio na Rússia e também daqueles que no ocidente acreditam que a OTAN existe apenas para criar inseguranças.

-A Autocracia crescente do poder de Putin tem sido outro ponto polémico da sua liderança que tem consolidado cada vez mais o seu poder, vejamos por exemplo, em 2004, quando assinou uma lei que permitia ao presidente apontar os governadores regionais, um privilégio que ainda se mantém. Em 2012 o famoso “casting” permitiu a Putin voltar à presidência, enquanto o parlamento russo tinha aprovado uma lei para alargar o mandato presidencial de quatro para seis anos. Putin já afirmou também que não vai descartar a corrida à presidência novamente em 2018. O “contorno” das próprias leis da Rússia para atingir os seus objectivos mostra a não preocupação da Rússia para com o politicamente correcto, à semelhança daquilo que acontece com a sua política externa. (Luhn, 2015)

-O culto da personalidade de Putin é outro ponto característico da autocracia (Luhn, 2015) A liderança de Putin não se limita as suas acções políticas mas também ele próprio e à imagem que ele faz de si e que irá influenciar como os russos se vêem a eles próprios ao passar a imagem de um homem saudável, forte, praticante de desporto, com uma vida limpa e sobretudo uma pessoa que quando fala vai directa ao assunto.

- O aumento do PIB da Rússia foi outro ponto fundamental da nova estratégia de Putin para que este hoje seja um líder tão bem sucedido. De lembrar que quando chegou aos mais altos cargos no final dos anos 90 a Rússia estava a tentar emergir das reformas desastrosas dos mercados dos anos 90 enfrentando ainda a grave crise financeira de 1998. Não haviam grandes esperanças de desenvolvimento económico nem grandes visões económicas (ou acções) para resolver o problema. Putin reduziu vários impostos para beneficiar alguns negócios, nacionalizou sectores-chave da economia, principalmente a nível energético, pois o aumento do preço do petróleo (a principal exportação da Rússia) ajudou a inaugurar uma nova era de prosperidade sem precedentes na Rússia e ainda hoje Putin é lembrado por isso, em que o rendimento disponível russo dobrou de 1999 para 2006. Contudo a crise financeira global fez com que este crescimento abrandasse, porque embora tivesse existido um crescimento económico devido ao aumento da riqueza do petróleo, foram feitos poucos progressos na diversificação da economia ou na modernização das indústrias russas. (Luhn, 2015)

- Putin teve também um papel fundamental no crescimento da população russa (Luhn, 2015) isto porque, chegou ao poder num país cuja população estava a decrescer em cerca de um milhão de pessoas por ano. Em 2010 a população começou a crescer novamente, sendo o segredo para essa reviravolta o crescimento económico da Rússia e a melhoria da situação financeira do próprio país, onde os russos começaram a ter cada vez mais filhos. Em 2008 contavam-se 142 milhões de pessoas, agora o número ultrapassa os 146 milhões, mesmo sem contando com os 2,2 milhões de pessoas que se juntaram à Rússia com a anexação da Crimeia. Luh (2015) afirma ainda que agora que o futuro económico parece incerto essa tendência pode vir a sofrer o sentido inverso.

- Antes da chegada de Putin ao poder a estratégia da política externa tinha um pendor voltado para o Ocidente, Putin, sendo a nosso ver um defensor de um mundo multipolar,

mudou a política externa russa para uma maior cooperação económica e militar com os países asiáticos cujas economias são bastante dependentes da Rússia. Esta cooperação vê-se no seio das duas organizações já aqui referidas: União Económica Euroasiática e Organização do Tratado de Segurança Colectiva, ambas com estados-membros asiáticos como o Cazaquistão, a Arménia, o Quirguistão, o Tajiquistão e o Usbequistão.

-Juntamente com a repressão à oposição, às ONGs e à internet, Putin teve um papel determinante no seu terceiro mandato com uma onda de legislações morais sobre a Rússia, como que um bastião mortal tradicional, sendo o exemplo mais flagrante a proibição das manifestações homossexuais em 2013, que é dito pelos activistas dos direitos LGBT como uma contribuição para o aumento da homofobia em todo o país, revelando aqui o carácter conservador e autocrático do Estado russo. (Luhn, 2015)

-Enquanto Yeltsin agia virado para os Estados Unidos, a política externa de Putin acaba por ser mais criativa, contra a hegemonia do ocidente e age, com a China, como equilibrador do poder militar e político dos EUA, veja-se por exemplo a sua postura sobre a Síria e o seu apoio incondicional a Bashar al-Assad, que tem sido bastante criticado. (Luhn, 2015)

-A corrupção é outro factor controverso na Rússia de Putin e apesar da campanha estatal contra a corrupção a Rússia ficou em 2014 em 136º lugar (num total de 175 países) no índice de percepção de corrupção de Transparência Internacional, contra o 127º lugar em 2013 e o 133º em 2012, significando então que a corrupção tem vindo a aumentar na Rússia. Putin foi também nomeado pelo Projecto de Denúncia de Crimes Organizados e Corrupção como “pessoa do ano” depois de investigações que revelaram que o mesmo se tinha envolvido com a máfia com o objectivo de criar um Complexo Militar, Político, Industrial e Criminal para lavar dinheiro e promover os seus interesses no estrangeiro, inclusive na transferência de armas para rebeldes no leste da Ucrânia. Existem também suspeitas de que Putin tenha aumentado em grande número a sua riqueza pessoal beneficiando assim da corrupção do Estado, são alegações que têm sido referidas ao longo dos anos na Rússia, onde Putin é acusado de grandes desvios de fundos estatais. (Luhn, 2015)

-Putin herdou um exército que não era adequado aos seus objectivos e durante o seu segundo mandato começou a reformar o antigo exército, um processo que acelerou bastante

com a vitória na guerra da Geórgia. Actualmente a Rússia gasta uma percentagem mais elevada do seu PIB na defesa que os Estados Unidos. (Luhn, 2015)

-A mídia russa também é alvo de bastantes críticas pelas suas constantes temáticas contra os Estados Unidos, pelos seus padrões jornalísticos e teorias de conspiração anti-americanas e por ser constantemente acusada de não cumprir as regras de imparcialidade. (Luhn, 2015)

## 2. O Mundo multipolar de Dugin

Dugin estabelece a existência de um mundo multipolar, ou seja, um mundo com mais de dois polos de poder, com a existência de quatro zonas geopolíticas que podem ser analisadas na “Figura 3.” (Dugin, 2009:5):

- Zona Anglo-Americana (também referida como América)
- Zona Euro-Africana (também referida como Euro-África)
- Zona Pan-Eurasiática (também referida como Rússia-Ásia Central)
- Zona Pacífico

Figura 3. Mapa do Mundo Multipolar. Quatro zonas – quatro pólos



Map of multipolar world. Four zones - four poles

(Imagem retirada do artigo "Eurasian Idea" do site The Fourth Political Theory de Alexandr Dugin disponível em <http://www.4pt.su/en> . Data de acesso 10 de Março de 2017)



Dugin estabelece a divisão do mundo em quatro partes distintas e segundo o autor esta divisão trará ao mundo a criação de grandes áreas de desenvolvimento, mais do que se os pólos de poder fossem estabelecidos de outra forma, como são hoje.

Segundo Dugin (2009), cada uma destas zonas vai contrabalançar e todas juntas vão contrabalançar com a zona Atlântica, sendo curioso o facto de estabelecer uma divisão europeia do Reino Unido, que segundo o autor fará parte da Zona Anglo-Americana, já a Europa ficaria reservada a uma zona conjunta com o continente africano. (Dugin, 2009:5-6)

### **3. A Zona Pan-Eurasiática**

A Zona Pan-Eurasiática (também referida pelo autor como Rússia-Ásia Central ou simplesmente Eurásia) é um pólo de poder formado por três grandes espaços que por vezes se podem sobrepor.

O primeiro é a Federação Russa com alguns Estados que pertencem à CEI, segundo Dugin membros da União Eurasiática, que pode ser já hoje atribuída à União Económica Eurasiática. Sendo assim, esses Estados são: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e o Tajiquistão que, não sendo um membro da UEE já é membro da OTSC e é um dos potenciais candidatos à UEE, sendo também estabelecido por Dugin como um dos Estados que deve ser integrado no chamado Império Eurasiático. (Dugin, 2009:5-6)

O segundo espaço é definido como “Grande Espaço do Islão Continental”, que corresponde aos Estados da Turquia, Irão, Afeganistão e Paquistão.

O terceiro e último espaço é o que corresponde ao Hindustão, a península asiática, que compreende vários Estados e que é segundo Dugin uma civilização auto-dependente.

Curiosamente Dugin vai estabelecer um projecto para a integração do continente eurasiático, onde irá explicar mais detalhadamente a importância destes espaços.

O primeiro espaço é formado pelos Estados que devem ser integrados à Rússia, onde podemos deduzir que terão uma relação mais próxima com a Rússia por estarem integrados hoje a nível económico e no futuro, a nível monetário ou político.

Os segundos e terceiros espaços ficarão definidos como importantes aliados Estratégicos onde a Rússia deverá estabelecer boas relações mesmo não estando integrados política ou economicamente com o primeiro espaço (União Eurasiática).

#### **4. A Rússia como poder continental**

Como foi referido, existe, pela Rússia, a procura incessante de alargar o seu território é bastante antiga estando essa ideia intrínseca na sua cultura estratégica tal como a ideia do poder instituído ter sempre largas porções territoriais, sendo por isso considerada um poder continental.

Sir Halford Mackinder definiu o território russo (Eurásia) como o ponto central do poder que afectaria o destino do mundo, deixou a ideia de que o território estava sempre sobre ameaça e que houve sempre uma estratégia de contenção por outros actores contra a Rússia devido a estas percepções geopolíticas, de que a Rússia procuraria alargar sempre o seu território. Mackinder definiu a concepção de pivot geográfico da história que permitiria a possibilidade de um desequilíbrio da balança de poderes em favor do Estado pivot, sendo a Rússia o eixo de uma grande zona geradora de poder, com características que podiam conduzi-la à liderança do mundo. (Almeida, 2012:185-186)

Esta sua análise estava centrada sobre o imenso território soviético, que a Rússia tenta agora re-controlar com as duas organizações aqui referidas.

Na sua obra “The Geographical Pivot of History”, Mackinder refere-se à Rússia como um Estado com “espaços tão vastos” com “potencialidades em população, trigo, algodão, combustíveis e metais” que “são tão incalculavelmente grandes que é inevitável que um vasto mundo económico se desenvolva ali”. É este vasto mundo económico que a Rússia tem de incentivar nos Estados-membros da União porque apesar de os Estados-membros não estarem em pé de igualdade com a Rússia em termos de poder e infra-estruturas, todos eles têm um enorme potencial económico devido as vastos recursos que detêm principalmente a nível energético, sendo o Cazaquistão, o segundo maior Estado da União cada vez mais atractivo para o investimento económico. É um país rico em recursos naturais como carvão, petróleo, gás natural e urânio, tendo também um significativo potencial em energias renováveis como o vento, solar, hidro e biomassa. (Karatayev; Clarke, 2014:97)

Em 1919, Mackinder altera os limites da área pivot, para efeitos práticos, o Heartland (nova designação para área pivot) seria a morada da União Soviética que, por sua vez, mais não era que o equivalente moderno ao império Mongol, carregado de intenções expansionistas (Almeida, 2012:189) e essas mesmas intenções verificam-se hoje pela política

externa russa onde a sua influência tem vindo a crescer à medida que novos Estados-membros se vão juntando à organização e o espaço eurasiático é cada vez mais.

Karl Haushofer, outro importante teórico do poder continental, sublinha todo o valor e potencial do Heartland vincado pelo desenvolvimento da URSS e o nosso objectivo aqui é sublinhar todo o valor do Heartland com o desenvolvimento do Eurasianismo (sob o lema do integracionismo económico), que tem nas duas organizações aqui referidas um enorme potencial económico, político e militar, mas que, como iremos constatar ainda enfrenta alguns problemas que ao serem ultrapassados poderão finalmente dar à Rússia o Estatuto de Grande Potência.

A Estratégia Eurasianista russa faz-se claramente sob o lema do integracionismo económico, embora a nosso ver ela tenha claras intenções geopolíticas, no entanto, convém sublinhar a ideia de Geoeconomia, o estudo espacial, temporal e político de aspectos económicos e de recursos. A Geoeconomia é um ramo da Geopolítica e pode ser definido como que as relações entre política económica e mudanças de poder, por outras palavras, podem ser as consequências geopolíticas do fenómeno económico ou as consequências económicas das tendências geopolíticas e do poder nacional. (Baru, 2012)

O Eurasianismo é assim a ideia central da política russa e acaba por ser a melhor resposta para a reconstrução de uma Rússia forte e com influência no plano externo não se limitando à Federação mas indo estendendo a sua influência pelo continente eurasiático através da integração económica (da UEE) e de uma aliança militar (a OTSC). Está a ser forjada uma nova identidade, de uma política de não-alinhamento e contra o Ocidente, onde o regionalismo ganha cada vez mais importância e o espaço eurasiático é cada vez mais valorizado pelos políticos russos onde vêem nele um enorme potencial económico e sobretudo de influência política.

Percebe-se assim o porquê do Eurasianismo ser tão bem sucedido pois para além de edificar uma Rússia poderosa cria também um certo desejo por uma grande Rússia no Sistema Internacional, dando uma resposta eficaz e objectiva a tudo aquilo que a Cultura Estratégica russa necessita, de uma espécie de ideia quase messiânica de que a Rússia é um Estado protector dos países que a rodeiam.

Iremos explicar no Capítulo III o plano prático da Estratégia Eurasianista da Rússia, exercido pela União Económica Eurasiática e pela Organização do Tratado de Segurança Colectiva. Iremos perceber como se formaram estas organizações, como actuam, quais os seus objectivos, as suas vantagens e desvantagens e claro, se são instrumentos eficazes ou não na prossecução dos objectivos russos.

## 5. Instituições e objectivos da UEE

Existia pouca informação se esta nova política de integração iria diferir dos projectos pós-soviéticos anteriores mas depressa se tornou claro que havia algo de novo em relação a esta iniciativa porque os discursos políticos eram rapidamente seguidos de acção. Em suma, parecia ser um novo estilo de projecto com a ambição de dar benefícios a todos os membros enquanto se tornava um polo de atracção para os países vizinhos em alternativa à União Europeia. (Dragneva; Wolczuk 2014:1)

A fundação da União remonta a 2010 com a criação da União Aduaneira (Customs Union) entre a Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão, precedida de um trabalho intensivo de negociações com o objectivo de instituir na União uma tarifa externa comum, fornecer regulamentos aduaneiros comuns e o desenvolvimento de tomada de decisão comum e órgãos reguladores. Ao mesmo tempo que isto acontecia a agenda económica depressa se expandia para o Single Economic Space (SES), estabelecido em 2012 onde foram feitos desenvolvimentos significativos que permitiram melhoramentos nas anteriores políticas de integração graças a um largo número de acordos internacionais que asseguraram um mercado único efectivo para bens, serviços, capital, trabalho e políticas de agricultura, transportes, industriais e energéticas.

De acordo com as fontes oficiais da União ela foi criada para actualizar e aumentar de forma abrangente a competitividade e a cooperação entre as economias nacionais e promover um desenvolvimento estável para elevar os padrões de vida das nações dos Estados-membros. O Artigo 1 – 1 do Tratado da União Económica Eurasiática estabelece que a União serve sobretudo para assegurar o livre movimento de bens, serviços, capital e trabalho dentro das suas fronteiras. No artigo 2 é definido o “Espaço Económico Comum” que consiste no espaço dos territórios dos Estados-membros onde é implementado um regulamento económica comum e uniforme com mecanismos baseados nos princípios do mercado. No artigo 3 é estabelecido que assegurar uma cooperação benéfica, igualdade e respeito entre os Estado-membros é essencial, tal como o respeito pelos princípios da economia de mercado e de uma competição económica justa. No artigo 4 são estabelecidos os principais objectivos da união:

1. Criar condições para o desenvolvimento de uma economia sustentável no seio dos Estados-membros para melhorar os padrões de vida das suas populações;

2. Procurar a criação de um mercado comum de bens, serviços, capital e trabalho na União;

3. Garantir uma modernização compreensiva, a cooperação e a competitividade das economias nacionais na economia global. (Treaty on the Eurasian Economic Union, 2014:6)

De acordo com o Artigo 8, são quatro os principais órgãos da União:

1. Supremo Conselho Económico Eurasiático (vulgarmente Supremo Conselho)

2. Conselho Intergovernamental Eurasiático (vulgarmente Conselho Intergovernamental)

3. Comissão Económica Eurasiática (vulgarmente Comissão)

4. Tribunal da União Económica Eurasiática (vulgarmente Tribunal da União)

(Treaty on the Eurasian Economic Union, 2014:9)

Os órgãos da União actuam de acordo com os poderes estabelecidos pelo Tratado e devem agir de acordo com os princípios do Artigo 3 (cooperação benéfica, igualdade e respeito entre os Estado-membros).

O Supremo Conselho Económico é órgão supremo da União e é composto pelo chefe de Estado de cada Estado-membro. As principais funções do Conselho são definir as actividades, estratégia e direcções para o desenvolvimento da integração e tomar decisões para implementar os objectivos da União.

O Conselho intergovernamental é composto pelos chefes de governo de cada um dos Estados-membros e reúne-se pelo menos duas vezes por ano para resolver questões urgentes da União. Tem como principais funções assegurar a implementação e o controlo da performance do Tratado, considerar questões da Comissão que não chegaram a um consenso,

emitir instruções à Comissão, aprovar os orçamentos da União e aprovar o regulamento sobre a auditoria da actividade financeira e económica dos órgãos da União.

A Comissão (artigo 18) é o órgão permanente da União e tem como principais funções emitir decisões, disposições e recomendações. A Comissão situa-se em Moscovo.

O Tribunal (Artigo 19) deve ser o órgão judicial permanente da União. O seu status, jurisdição, funções e formação estão determinados no Estatuto do Tribunal da UEE no anexo 2 do Tratado. O tribunal situa-se em Minsk, Bielorrússia.



## **6. Os problemas internos e estruturais da UEE**

O Tratado que funda a organização fornece-nos a premissa de que neste espaço existe liberdade para o movimento de bens, serviços, capital e pessoas, deixando ainda mais detalhadamente uma lista de regulamentos de sectores que já foram integrados na União, contudo, ainda estão programados outros domínios que ainda não estão integrados na União como um mercado comum para a electricidade (previsto para 2019) ou um de serviços (que acabará por ficar totalmente integrado até 2025). Está também prevista a construção de um mercado comum de transportes (para veículos de estrada e comboios) que irá ser construído em vários passos, sem data definida para a sua conclusão. (Jarosiewicz; Fischer; Bakunowicz, 2015)

O facto da integração destes sectores se efectuar em várias fases mostra que os interesses dos países no seio da União ainda são divergentes e estão relutantes quanto à integração de certos sectores da sua economia que são do ponto de vista estratégico bastante importantes para que existe uma verdadeira integração dentro da União.

Um dos principais problemas da União é a diferença de potencial económico da Rússia em relação aos restantes Estados-membros, porque a Rússia é um país muito mais desenvolvido economicamente que os restantes e não só. Colectivamente a UEE representa 179 milhões de pessoas cuja vasta maioria são da Federação Russa, cerca de 143 milhões de pessoas.

O facto de a Rússia ser o Estado dominante na organização faz com que, sempre que surja um problema com o país, os outros Estados-membros fiquem bastante prejudicados pelas enormes dependência que dela têm. Segundo o Stratfor (2016) os baixos preços do petróleo e as sanções ocidentais colocaram uma pressão crescente sobre a economia russa fazendo com que os outros Estados ficassem mais vulneráveis. A economia russa entrou em declínio em 2015 arrastando os outros Estados com ela com todos os Estados do bloco a registarem um crescimento baixo ou negativo nesse mesmo ano. A Bielorrússia registou uma contracção económica de 3,9%, a Rússia de 3,7%, já os restantes Estados representaram um crescimento não superior a 3,4%, sendo esse o valor mais elevado, registado pelo Quirguistão. Estes números vêm mostrar ainda mais a grande proximidade e dependência entre Rússia e Bielorrússia. (Stratfor, 2016)

A diferença entre o potencial dos Estados reflecte-se também na manufactura obsoleta e pouco desenvolvida no seio da União e o mercado comum que a nosso ver vai apenas facilitar o acesso de bens da Rússia para os outros Estados (Jarosiewicz; Fischer; Bakunowicz, 2015) e não o contrário, pois deveria ser precisamente o contrário a acontecer, dar e criar oportunidades para que os outros Estados menos desenvolvidos exportassem as suas manufacturas para que pudessem desenvolver mais as suas economias, e não serem apenas meros consumidores de bens russos. O domínio da Rússia na União pode não gerar impulsos para a modernização porque não conduz à diversificação de novos mercados e conserva os existentes que são pouco competitivos do ponto de vista económico. Desta maneira a União irá apenas fortalecer as dependências já existentes, consolidando o principal poder, a Rússia. E esta poderá ser mesmo uma realidade a manter na União pois pode não ser do interesse russo que os outros países não se desenvolvam economicamente mas isso a médio-longo prazo pode-se revelar desastroso para a Rússia pois está-se a promover e a beneficiar a ela própria e não ao bloco económico que construiu, podendo cair, tal como aconteceu com a URSS.

Outro problema prende-se com o facto de o Conselho poder formar uma rede de dependências entre os Estados-membros forçando-os a cooperar ainda mais com a Rússia, e Moscovo pode usar isso para impor questões políticas por detrás da União (Jarosiewicz; Fischer; Bakunowicz, 2015) dando a ideia de que a Rússia usa a União para subjugar os outros Estados para o seu interesse sendo que o carácter autoritário de alguns Estados facilita a Rússia em cumprir os seus interesses.

Apesar da insistência do Kremlin em afirmar que a UEE é uma nova e melhorada União Europeia isso não se verifica porque qualquer simetria que se possa afirmar existir entre os Estados-membros é puramente ilusória, ainda para mais quando dentro da UEE não existe nada que faça os estados-membros cumprirem as regulações impostas pela União, ou seja, a UEE nem sequer tem o carácter vinculativo da União Europeia no que toca à aplicação de regulamentos. A juntar a isso existem fortes indícios de que a Rússia actua muitas vezes sem o consentimento dos estados-membros e impõe sanções unilateralmente como por exemplo, baniou o trânsito de bens para o Cazaquistão ou restringiu importações para a Bielorrússia. (Jarosiewicz; Fischer; Bakunowicz, 2015)

## **7. A UEE como contenção da China**

A UEE tornou-se num instrumento estratégico de carácter geopolítico de extrema importância para conter o rápido crescimento económico da China na Ásia Central que vem ameaçar a Rússia no campo económico e militar. (Buggajski; Assenova, 2016-386:388) Se a ocidente da União se coloca o problema da proximidade com a União Europeia na Ásia Central a China poderá ser uma ameaça para a UEE, uma vez que a China tem investido fortemente na Ásia Central em termos energéticos e em infra-estruturas de transportes, o que leva a pensar que a China tenciona transformar a região seguindo as suas necessidades estratégicas sendo que a Ásia Central representa um corredor terrestre de comércio e energia que permite à China diversificar a sua estratégia económica reduzindo por exemplo a relevância do corredor marítimo. (Buggajski; Assenova, 2016-386:388)

O Silk Road Economic Belt parece ser mais atractivo para as repúblicas da Ásia Central que a UEE, uma vez que a China não impõe uma adesão à organização e acaba também por não ser uma organização no sentido literal do termo, acabando por ser um programa de investimentos destinados a desenvolver infra-estruturas, o que poderia ajudar alguns Estados a crescerem economicamente e a estarem conectados com o mercado global, principalmente Estados próximos da China como o Cazaquistão, Turquemenistão ou o Usbequistão, que também são do interesse russo. (Vinokurov, 2017-68:69)

A UEE parece ser uma organização rígida onde a Rússia sugere regularmente a sua transformação numa organização política supranacional, forjando e coordenando políticas externa com uma moeda única. Esta ideia acaba por ser a nosso ver temida pelos Estados da Ásia central, fazendo com que estes se sintam mais atraídos para com as iniciativas chinesas. A Rússia tem tido grandes problemas em cumprir as suas promessas, ao não garantir benefícios económicos que foram usados para convencer por exemplo o Quirguistão a aderir à organização acabando assim a Rússia por perder a atractividade como polo geopolítico e geoeconómico de influência.

## 8. Os Órgãos da OTSC

Os órgãos que compõem a Organização resumem-se a três conselhos, um comité e um secretariado:

- O Conselho da Segurança Colectiva (referido normalmente apenas como “Conselho”)
- O Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros
- O Conselho de Ministros da Defesa
- O Comité de Secretários do Conselho de Segurança
- O Secretariado da Organização (referido na Carta como “Secretariado”)

O Secretariado é órgão da organização em trabalho permanente. As decisões do Conselho, Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, Conselho de Ministros da Defesa e do Comité de Secretários do Conselho de Segurança são tomadas por consenso.

O Conselho é órgão mais alto da organização e é composto pelos chefes dos Estados-membros, tem o poder de estabelecer temporária ou permanentemente trabalhos para os corpos subsidiários da organização. O Chefe do Conselho é sempre o Chefe de Estado onde o corrente conselho tem lugar, a não ser que o Conselho decida em contrário. Uma vez que o Conselho se reúne em sessões temporárias, as decisões entre sessões do Conselho são tomadas pelo Conselho Permanente da Organização, que consiste em representantes designados pelos Estados-membros de acordo com os procedimentos internos funcionando em conformidade com os regulamentos adoptados pelo Conselho.

O Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros age como órgão consultivo e executivo em questões de coordenação de actividades conjuntas entre os Estados-membros no plano da política externa.

O Conselho de Ministros da Defesa age como órgão consultivo e executivo em questões de coordenação de actividades conjuntas entre os estados-membros na política militar, estruturas militares e tecnologia militar.

O Conselho de Ministros do Conselho de Segurança age como órgão consultivo e executivo em questões de coordenação de actividades conjuntas entre os estados-membros na provisão da sua segurança nacional.

O Secretariado tem como principal função fornecer serviços analíticos e consultivos, organizacionais e informações para as actividades dos restantes órgãos da Organização. É composto por nacionais dos Estados membros de acordo com uma quota de proporção do orçamento com que cada Estado contribui para a organização. As funções, condições de estabelecimento e deveres do Secretariado são definidas pelo Conselho.

O Secretário-geral da Organização é o mais alto membro administrativo e oficial da organização e deve ser o chefe do Secretariado, ele é apontado por decisão do Conselho por um período de três anos, por recomendação do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros. Ele terá de responder sempre perante o Conselho e participar nas reuniões do mesmo e também do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, do Conselho de Ministros da Defesa, do Comité de Secretários do Conselho de Segurança e do Conselho Permanente. (Charter of the Collective Security Organization, 2002:3-4)

## 9. Os problemas da Carta da OTSC

A Carta da Organização do Tratado de Segurança Colectiva não é clara nem específica quanto aos territórios que esta organização deve abranger, ao invés do Artigo 5 da Carta da OTAN que dita que se um Estado-membro é atacado por outro Estado (ou Estados) os restantes Estados devem proteger esse mesmo Estado, incluindo pelo uso da força. Já a Carta da OTSC dá aso a várias especulações e interpretações, não sendo clara, estabelecendo apenas os seus objectivos: segurança e estabilidade regionais, protecção da independência, integridade territorial e soberania.

O facto da Carta da OTSC não ser específica pode levantar várias questões que não se colocam no caso da OTAN, que é bastante objectiva. Se as tropas ucranianas invadirem a Crimeia (território russo) o que é que é suposto os Estados-membro fazerem? Interfere apenas a Rússia ou também os restantes membros da organização? Isto não é especificado na Carta.

Enquanto a OTAN demonstrou por várias vezes a sua viabilidade nas intervenções no Kosovo ou Afeganistão, a OTSC ainda não demonstrou a sua, pelo menos em termos defensivos. Teremos então de esperar para observar como irá reagir a organização quando um Estado-membro for atacado. Até porque a OTSC ainda não esteve envolvida num conflito internacional sério mas existiu um conflito que levantou sérias questões quanto à viabilidade da organização. Quando em Abril de 2016 soldados arménios foram constantemente atacados na região de Tavush por soldados do Azerbaijão não existiu qualquer acção da Organização como uma força militar comum. As forças do Azerbaijão tentaram ganhar o controlo do território controlado pela Arménia na República do Nagorno-Karabakh, reconhecida pela ONU como parte do Azerbaijão mas que permanece sob o controlo de tropas arménias.

O próprio presidente da Arménia, Serzh Sargsyan, afirmou: «De cada vez que as forças do Azerbaijão usam armas pequenas, morteiros e sistemas de artilharia contra a República da Arménia, eles atingem também Astana, Dushanbe, Bishkek, Moscovo e Minsk» dando aqui a ideia de que o ataque a um estado-membro deveria ser uma agressão a toda a organização, à semelhança do que acontece com a OTAN, em que o ataque a um é um ataque a todos. Esta afirmação pode de ser forma pôr em causa o prestígio e o significado da organização que nada fez para proteger a estabilidade e segurança de um Estado-membro, como está estipulado na

Carta. (Hayrapetyan, 2016) A organização pode também não ter interferido no conflito por, em termos oficiais, o território não ser arménio mas sim azerbaijanês, não se tratando então de um problema de integridade territorial de um território da organização.

Podemos afirmar que em termos de efectividade e coesão a OTSC está longe de ser comparável com a OTAN, como Albert Hayrapetyan defendeu, ela pode ser apenas uma pálida réplica da OTAN. Se os Estados querem que a organização seja mais coerente e poderosa, deveriam começar pela Carta pois ela deveria ser mais clara e concisa, e se necessário, copiar o artigo 5 da OTAN. A Carta devia ainda especificar os territórios cobertos pelas acções legais da OTSC para evitar mal entendidos que possam surgir caso a Crimeia, Ossétia do Sul ou áreas disputadas na Ásia Central. (Hayrapetyan, 2016)

## 10. O Colapso da União Soviética

A “velha maneira” de pensar da União Soviética acreditava que esta emergiria vitoriosa da Guerra Fria se continuasse a investir no seu arsenal e a fomentar a sua influência progressiva em regimes do Terceiro mundo como a Angola, Etiópia ou Afeganistão. Com a chegada de Mikhail S. Gorbachev ao poder acabaria por chegar também uma nova maneira de pensar que procurava reorganizar e revitalizar o sistema soviético e para o fazer a situação internacional tinha de ser favorável para aliviar a elevada carga da escalada armamentista com o Ocidente. (Global Security, 2000-2017)

O primeiro passo dado para o fim da URSS veio quando Gorbachev abandonou implicitamente a doutrina Brejnev quando assinou os Acordos de Genebra em 1988, com os Estados Unidos, que estabelecia um calendário para a total retirada da União Soviética do Afeganistão até 15 de Fevereiro de 1989. Este acto foi visto como um sinal de reconciliação com o Ocidente. O Segundo passo do colapso da URSS começou em 1989 com as revoluções pacíficas da Europa de Leste e Central (à excepção da Roménia) e com as revoluções do império exterior soviético. A Novembro de 1989 o governo da Alemanha de Leste abria o muro de Berlim e o centro de contenção da Guerra Fria era unido à Alemanha Ocidental e era integrada na OTAN. O terceiro e final acto que levaria ao fim da URSS viria em 1991 com a dissolução da mesma quando as reformas de Gorbachev iniciadas em 1989 se tinham tornado problemas sérios e a economia estava em queda. As forças do império exterior estimularam e aceleraram as do império interior à medida que as repúblicas soviéticas procuravam soberania e independência e se tornavam cada vez mais nacionalistas atacando e criticando o governo socialista da URSS. À medida que declaravam a sua independência iam criando também as suas próprias forças militares. (Global Security, 2000-2017)

A luta de Gorbachev com a velha elite imperial no partido comunista, as forças armadas e o complexo militar e industrial culminaram com o golpe de Agosto de 1991. A própria Rússia acabou por se “separar” da União Soviética e ficou só, e era algo que a própria Rússia de certa forma queria, ou pelo menos na grande generalidade dos casos achava-se que era algo inevitável pois a situação estava incontrolável. No Natal de 1991 a bandeira da URSS do Kremlin foi substituída pela da Rússia e a URSS deixava de existir a 31 de Dezembro e assim, a Guerra Fria chegava ao fim.

A queda da União Soviética revelou ser um verdadeiro drama para 10 milhões (ou mais) de russos que se encontravam agora fora do seu território e a própria desintegração afectou



a Rússia, as economias individuais foram depreciadas e os antigos ideais “caíam”. As instituições eram desmanteladas ou alvo de reformas abortadas. Grupos oligárquicos detinham o poder absoluto sobre os canais de informação para servir os seus interesses. Tudo isto acontecia ao mesmo tempo de um grande recuo económico sem precedentes, finanças e instáveis e a paralisação da esfera social. Muitos pensavam que esta nova Rússia, uma nova democracia, não era a continuação do Estado russo mas sim o seu colapso devido à prolongada agonia do sistema soviético. (Global Security 2000-2017)

## 11. Putin e a influência da religião

Quando era jovem era ateu mas tinha sempre o peso de ter uma mãe (secretamente) devota à Igreja Ortodoxa da Rússia, que tinha às escondidas batizado Putin, sob pena de poder ser considerada criminosa, aos olhos de um regime comunista e totalitarista, abertamente anti-religioso. Putin foi desde jovem subindo nos rankings do KGB (Comité de Segurança do Estado) e do Partido Comunista Soviético tornando-se num agente bastante importante. Contudo a religião sempre revelou ser algo importante na sua vida, se calhar em grande parte devido a influências familiares. Conta-se que em 1993 e 1996 devido a dois incidentes que colocaram em risco a vida de familiares, Putin parte para Israel com uma cruz ao peito dada pela mãe afirmando que não a ter tirado desde então. As visões religiosas de Putin foram mudando e foi-se tornando cada vez mais devoto, passando até a afirma-lo em declarações públicas, onde chegou a dizer que os valores morais não podiam ser separados dos valores religiosos. (Kershaw, 2013)

A aproximação do governo russo e a igreja ortodoxa é uma realidade e a igreja tem tido um papel bastante importante no apoio aos constantes governos de Putin e ao próprio Estado Russo. A liderança de Putin vai de encontro aos interesses da Igreja Ortodoxa Russa na sacralização de uma identidade nacional russa que tem moldado as características autoritárias do Estado russo onde vai fortalecendo o apoio público, que serve também para perceber o comportamento internacional da Rússia.

A proximidade do Estado Russo com a Igreja Ortodoxa vem apoiar a ideia defendida por Alexandr Dugin de que a religião e a espiritualidade são factores muito importantes para a condução e concretização do Eurasianismo e que fazem parte do ser humano e nunca devem ser colocadas de parte, e que essa foi precisamente uma das razões para a queda da União Soviética, que caiu por não ter um Deus. Contudo existe aqui uma diferença entre aquilo que Dugin defende e aquilo que acontece na Rússia. Dugin defende que todas as religiões devem ser valorizadas e todas elas são importantes, no entanto, sabemos que isso não corresponde à verdade na Rússia, uma vez que existe uma clara valorização da Igreja Ortodoxa e muitas outras religiões, mesmo cristãs, são fortemente discriminadas levando nalguns casos a expulsões do país e proibições de exercerem o seu culto. Em Abril de 2017 o Supremo Tribunal Russo aprovava um pedido do governo que designava as Testemunhas de Jeová como um grupo religioso proibido, considerando-os como uma organização extremista. (BBC, 2017)

Na União Soviética a igreja era severamente oprimida e muitos dos seus apoiantes eram presos, torturados ou executados. Desde a queda da URSS que a Igreja Ortodoxa Russa trabalhou para reconstruir o seu anterior papel, de grande influência e domínio na sociedade russa.

Com a queda da URSS veio também uma grande abertura religiosa na Rússia onde se assistiu à chegada de uma grande quantidade de missionários ocidentais incluindo evangélicos, católicos, mórmones, Testemunhas de Jeová, entre outros, que foram preenchendo o vácuo espiritual que acompanhou a queda do sistema ateu da União, onde estas missões eram bastante bem recebidas. Estas missões levaram a que a igreja ortodoxa ganhasse um certo medo pois a sua oportunidade de ser a força religiosa dominante estava a ser ameaçada. Chegamos a 1997 e foi aprovada uma lei que restringia as práticas religiosas consideradas estrangeiras na sua origem, restringindo assim a liberdade religiosa no país. Esta medida foi o início na colocação da igreja ortodoxa como dominante no poder religioso na Rússia fazendo com que outros poderes religiosos não tivessem tanta influência na sociedade russa e que o nacionalismo de cariz ortodoxo crescesse significativamente. Estas medidas podem a nosso ver indicar um Estado de carácter autoritário onde mais tarde ou mais cedo irão ser restringidas outras liberdades.

## 12. As Origens do Eurasianismo

Os trabalhos de Lev Gumilev diferenciaram-se do trabalho dos Eurasianistas originais, sendo uma grande fontes de inspiração para os autores neoeurasianistas onde se destaca Alexandr Dugin como o mais prolífico da actualidade. A contribuição de Gumilev assenta na ideia de que a ocupação mongol protegeu o ethnos russo do emergente vizinho para o ocidente, permitindo-lhe ganhar tempo para alcançar a necessária maturidade.

Em “Príncipe Nikolai Trubetzkoy e a sua Teoria do Eurasianismo” Alexandr Dugin (2016) destaca a ideia do próprio Trubetzkoy de que a Rússia não é simplesmente um país europeu como insistiram os intelectuais ocidentais, mas ao invés disso, é uma civilização separada, o Mundo Russo.

Dugin (2016) afirma que os russos não são menos diferentes dos europeus como dos iranianos ou indianos, e que partilham também raízes comuns com a civilização greco-romana, que ruuiu em meados do século VI quando o Império Ocidental se separou do Bizantino e assim se formaram duas entidades religiosas: uma católica no ocidente e uma ortodoxa no oriente. As duas acabariam por se afastar e seguir caminhos diferentes, até aos nossos dias.

Dugin defende que seriam os russos a tomar as rédeas da missão Bizantina (após a queda de Constantinopla) e dá-nos também a ideia defendida por Trubetzkoy de que esta não seria apenas a missão de um país a Rússia, mas do pólo da civilização ortodoxa, revelando mais uma vez o importantíssimo papel da religião para o Eurasianismo. Segundo Dugin a construção do Império Russo fez-se não só de oriente para o ocidente, mas também o reverso, fortalecendo assim a identidade russa, diferindo do ocidente graças ao Império Bizantino e à geopolítica mongol e turca que lhes permitiu governar enormes espaços terrestres na Eurásia. Trubetzkoy, propôs no início do século XX a ideia de uma “eurásia” para a Rússia, como uma civilização ortodoxa e continental, como uma visão nova para substituir o comunismo. (Dugin, 2016)

Torna-se curioso o facto de Trubetzkoy ter proposto estas ideias como substituição do comunismo na primeira metade do século XX quando o comunismo já se estava a difundir pelo território eurasiático e em especial na Rússia. No final dos anos 80 o Neoeurasianismo dava os primeiros passos precisamente para ser uma resposta ao comunismo. O Eurasianismo foi assim, por duas ocasiões, uma resposta para os problemas que o comunismo trouxe.

Trubetzkoy foi segundo Dugin (2016) um sábio quando afirmou que o comunismo iria acabar por colapsar porque não tinha uma dimensão espiritual e religiosa e isso seria fundamental para a construção de um Império Russo eficaz. Dugin diz ainda que o Eurasianismo não pode ser visto como algo nacionalista ou uma mera teoria restauradora de ideais monárquicos, pois tal como Trubetzkoy defendia, o Eurasianismo apelava ao mais profundo sentimento do povo russo e de outros países que ajudaram a construir um império juntos (Dugin, 2016), dando assim uma imagem de que o Eurasianismo vai para além de nacionalismos e acaba por valorizar outros povos e culturas.

A ideia fundamental do Eurasianismo passa por ter nomeado sempre o ocidente como o principal inimigo, como um antípodo para a sua própria civilização como Trubetzkoy referiu «o verdadeiro inimigo da humanidade» na sua obra “Europe and Mankind”, com uma mensagem forte de como a humanidade teria de salvar a Europa, que já estaria a apodrecer no início do século XX, e só os russos teriam força para o fazer.

Segundo Dugin a União Soviética colapsou devido à ideia de uma justiça social estabelecida sem Deus e mesmo contra Deus. Ao invés do cristianismo socialista, tinha sido construído um anti-cristianismo socialista, e colapsou. A Eurásia falhou ao ser governada por comunistas, mas agora o pior de todos os inimigos tinha chegado ao poder: os liberais, ocidentais, capitalistas, que segundo Dugin, são de longe um pior inimigo que os comunistas. (Dugin, 2016)

### **13. O Eurasianismo como alternativa à Globalização e ao Atlantismo**

Segundo Dugin (2009:2), a globalização é um fenómeno unidimensional que tenta universalizar a cultura ocidental ao tenter unificar diferentes realidades político-sociais, étnicas, religiosas e nacionais num só sistema. Sistema esse que chegou ao seu pico com o domínio dos Estados Unidos no Sistema Internacional, após o colapso da União Soviética.

Dugin faz ainda uma referência interessante a Francis Fukuyama que escreve sobre “O Fim da História” ao afirmar que a história defendida pelo japonês se refere ao da história geopolítica e do fim do conflito entre o Atlantismo e o Eurasianismo, ou em linguagem mais comum, entre o mundo capitalista e o comunista. Esta teoria significava uma nova arquitectura do Sistema Internacional, sem oposição e apenas com um pólo, o do Atlantismo. O Eurasianismo vem contrariar esta teoria na medida em que afirma a existência de mais de dois pólos de poder. (Dugin, 2009:2)

«Hoje estamos a experienciar um fenómeno a larga escala, o contra-globalismo, e o Eurasianismo coordena todos os oponentes à globalização unipolar de uma maneira construtiva e ainda oferece a ideia de uma globalização multipolar, ao invés da actual suposta globalização unipolar» (Dugin, 2009:2-3) Dugin defende que a geografia do planeta consiste em espaços autónomos parcialmente abertos uns aos outros e estes espaços não são Estados-nação, mas uma aliança de Estados, reorganizados naquilo que Dugin refere como Federações Continentais com um largo grau de auto-governança interna. Estas áreas formam então sistema multipolar, um complexo sistema de factores étnicos, culturais, religiosos e administrativos. Veja-se a divisão do Mundo Multipolar defendido por Dugin em Anexos, ponto 2 e a sua abordagem sobre a zona Pan-Eurasiática no ponto 3.

Para Dugin o Eurasianismo é aberto a todos, independentemente do lugar de nascimento, residência, nacionalidade ou cidadania, pois este ideal permite uma escolha alternativa ao Atlantismo, não se limitando a preservar o status quo corrente, mas procura um futuro, sabendo que a corrente estrutura mundial necessita de uma mudança radical pois os Estados-nação e as sociedades industriais levaram, segundo Dugin, os seus recursos à exaustão.

Em suma, o Eurasianismo acaba por ser um conceito global revolucionário (Dugin, 2009:3), uma nova plataforma de entendimento mútuo e cooperação para um largo

conglomerado de diferentes poderes: Estados, nações, culturas e religiões que rejeitam o suposto universalismo do Atlantismo, existindo no seu próprio contexto mas permitindo a existência de espaço para todos, incluindo para os Estados Unidos, cujo seu pólo de influência seria o continente americano.

## 14. A Crise Ucraniana e o seu impacto na Rússia

Segund Victor Davidoff, conhecido escritor do jornal The Moscow Times, a invasão da Ucrânia e a crescente anexação da Crimeia tem dividido bastante russos e ucranianos, até mesmo no seio dos partidos russos. A agressividade para com os opositores das acções do Estado russo tem crescido ainda para mais quando Putin se referiu às autoridades ucranianas como “neonazis e russofóbicas”, chamando ainda aos russos que se opuseram à anexação da Crimeia de “traidores nacionais”, curiosamente, um termo que Hitler usou com quem discordava às suas acções, e veremos que neste caso existem bastantes semelhanças quando por exemplo vemos que a Rússia “invadiu” a Ucrânia alegando que estaria a proteger as minorias russas que estariam a ser “atacadas” no leste ucraniano, onde existe um número significativo de indivíduos de origem russa. (Davidoff, 2014)

Esta questão dividiu ainda os partidos políticos russos, aparentemente entre dois: o partido da guerra e o da paz, chegando-se à existência de propostas para retirar a cidadania russa aos chamados “traidores nacionais”. Alexei Navalny foi um dos mais conhecidos cidadãos russos que se manifestou contra a anexação da Crimeia e apoiou as sanções ocidentais contra a Rússia.

Houve uma crescente onda de críticas ao governo de Putin, acusado até de ser um regime oligárquico. Vozes de esquerda da Rússia, incluindo Sergei Udalysov, tiveram intervenções polémicas no plano público onde afirmou “Nasci na União Soviética e vai ser sempre a minha terra Natal. Aqueles que a destruíram e os seus apoiantes de hoje vão ser sempre os meus adversários políticos. O renascimento da União Soviética em novas formas é necessário, crucial e urgente”. (Davidoff, 2014) Desta afirmação podemos tirar duas questões bastante pertinentes: em primeiro lugar, o radicalismo acentuado que existe em toda a Rússia nos mais variados campos da sociedade, sejam políticos radicais que apoiam medidas extremas como expulsões de cargos ou por russos que apoiam rixas na Ucrânia a todo o custo. Em segundo lugar temos de ter em atenção quando várias vozes russas afirmam que o renascimento da União Soviética é necessário, ainda que, com um novo formato. A UEE e a OTSC podem corresponder a esse novo formato no qual os russos querem ver a Rússia a influenciar e a ter poder nos estado-membros pertencentes a essas organizações.



A nosso ver o nacionalismo russo e o sentimento de nostalgia pela grandeza da URSS é cada vez maior, uma jornalista russa, Ulyana Skoibeda, estava maravilhada com a anexão da Crimeia e afirmou «Enquanto ouvia o discurso de Putin sobre a Crimeia, abracei o meu filho e disse: Vê, filho. Vais-te lembrar disto para o resto da tua vida. Entrar num conflito com o mundo inteiro para defender os teus direitos e interesses – isso é a União Soviética. E estar disposto a viver em pobreza – é também a União Soviética. Se a Rússia for expulsa do G8? A União Soviética sempre viveu isolada. A minha terra natal está de volta.» (Davidoff, 2014)

Como podemos constatar muitos russos partilham esta visão e a maioria das pessoas que apoiam o uso da força contra a Ucrânia a vêem como uma forma de ressurreição da URSS o que pode ser explicado também por grande parte das pessoas não ter vivido durante o tempo da URSS e não se lembrarem que provavelmente a realidade daquela época era bastante diferente daquilo que imaginam, para pior obviamente. Contudo, para os mais jovens, esse tempo permanece como uma “era dourada” de grande poder a nível mundial que poderia dar estabilidade a várias gerações de russos, mas que também trouxe instabilidade a tantos outros.

## **15. O Eurasianismo segundo Alexandr Dugin**

O Eurasianismo é segundo Dugin (2016) uma revisão política, ideológica, étnica e religiosa da história da humanidade. Segundo o autor, a teoria eurasianista desenvolveu-se em duas fases: a primeira chamada de Eurasianismo Clássico no início de século XX por um conjunto de intelectuais russos entre os quais se destaca o já referido Nikolai Trubetzkoy, onde se juntam Savickiy, Alekseev, Suvchinkiy, Iljin, Bromberg, Hara-Davan e Leonid Gumilov; a segunda fase seria a do chamado Neoeurasianismo, desenvolvida na segunda metade da década de 80 até ao presente.

O Eurasianismo deve distinguir-se do Neoeurasianismo por ser uma teoria que pertence ao passado, sendo um trabalho teórico do início do século XX. Dugin afirma que o Eurasianismo passou mas o Neoeurasianismo deu-lhe um segundo nascimento, um novo senso, uma nova escala e sobretudo um novo significado. O crescimento do movimento neoeuroasianista tem segundo Dugin revelado todo o seu potencial por ter uma dimensão completamente nova num contexto moderno. (Dugin, 2016)

No sentido geral, a ideia de Eurásia e Eurasianismo não correspondem apenas a um conceito geográfico restrito ao continente eurasiático. O Eurasianismo é segundo Dugin uma estratégia a nível global que reconhece a objectividade da globalização e o término dos estados-nação, oferecendo um cenário diferente da globalização, implicando um mundo que não é unipolar, mas multipolar, com vários pólos de poder a nível planetário. O Eurasianismo é assim, uma alternativa à globalização, apesar desta ser o processo fundamental sob o qual se vai fazendo a história moderna.

## 16. Luta de poder e Geopolítica

Em termos Geopolíticos, podemos afirmar que o colapso da União Soviética e a respectiva queda do muro de Berlim não uniram a Europa mas moveram a divisão da mesma para o leste, e Putin afirmou mesmo «Muros invisíveis moveram-se para leste» e que o erro da Rússia foi não ter, durante os anos 90, protegido os seus interesses nacionais, leia-se aqui claro, os interesses russos nas ex-repúblicas soviéticas, que agora eram independentes. «Desde o início que o devíamos ter feito. O mundo poderia estar mais bem balanceado». (President of Russia, 2016)

As tensões entre a OTAN e a Rússia são cada vez maiores principalmente no que toca a questões geopolíticas no leste europeu isto porque é mais que claro que tanto o ocidente (OTAN e UE) como a Rússia (OTSC e UEE) têm interesse em influenciar os países que ainda não fazem parte das suas esferas de influência, ou seja, ainda não são estados-membros das organizações dos respectivos “lados”.

A nosso ver várias acções do ocidente no leste europeu podem ser vistas como um medo da recriação da URSS, ou pelo menos que ela surja de uma outra forma, tal como foi afirmado por Putin «A possibilidade de antigos estados soviéticos se juntarem através de um moderno processo de integração económica parece não deixa-los dormir muito [os líderes ocidentais]» acrescentando ainda «não é segredo de que tudo foi feito para prevenir a criação de um espaço económico entre a Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia – A União Aduaneira. E até há pouco tempo eles não queriam conversações com a União Económica Eurasiática como um todo, participante na política internacional. Mas agora o ocidente tem de perceber a destructividade desta abordagem [a União]». (RT, 2015)

Curiosamente Putin acaba ainda por dizer que a intromissão dos Estados Unidos e dos seus aliados na Ucrânia pode ser explicado pelo medo da recriação da União Soviética, mais do que a suposta preocupação com o povo ucraniano. Putin afirma ainda que as políticas internacionais do ocidente são ainda dominadas pela mentalidade da Guerra Fria «o sistema bipolar colapsou e os nossos parceiros podiam ter-nos ensinado sobre tornarmo-nos líderes morais das novas relações globais. Mas continuaram a agir e a pensar da velha maneira, usando clichés da Guerra Fria». (RT, 2015)

## **17. Como os russos olham para a queda da URSS**

Um estudo apontou que mais de metade dos cidadãos russos acredita que o colapso da URSS foi um acontecimento malévolos que poderia ter sido evitado enquanto um número ainda maior de pessoas afirmou que daria as boas vindas à restauração do sistema socialista soviético. Não satisfeitos com apenas estes dados recorremos a uma votação feita em 2016 pelo Levada Center (uma organização russa não-governamental de votações e pesquisas sociológicas) onde constatámos que a percentagem de pessoas com um sentimento negativo sobre o colapso da URSS era de 56%, revelando que mais de metade das pessoas nesta pesquisa viam o fim da mesma como algo negativo. Cerca de 26% revelou ter sentimentos positivos em relação à queda da mesma e 16% afirmam que é uma questão demasiado complexa para dar uma resposta ambígua. 51% dos inquiridos afirmou que o colapso da URSS podia ter sido evitado enquanto 33% considerou-o inevitável. Foi também questionado aos inquiridos se gostariam que a URSS fosse restaurada e 58% responderam afirmativamente e 14% consideraram-no pouco realista para o momento actual. O estudo mostrou ainda que o nível de nostalgia pela URSS é um dos mais altos de sempre mas ainda longe dos 75% registados em 2000. (RT, 2016)

## **18. Geografia da Eurásia**

Segundo Rosenberg (2017) os Montes Urais são amplamente referidos como que a divisão oficial que separa a Europa e a Ásia, contudo, esta divisão não representa uma divisão entre massas terrestres daí que existam várias ideias distintas sobre qual será a verdadeira divisão dos dois continentes. Segundo este autor a Eurásia é um só continente que começa no Oceano Atlântico, começando em termos geopolíticos nos territórios que correspondem à República Portuguesa e ao Reino Espanhol, até ao ponto mais a este da Federação Russa, no estreito de Bering entre o Oceano Ártico e o Pacífico. Até 2012 existiam 93 Estados no território aqui referido como Eurásia: 48 na Europa, 17 no Médio Oriente, 27 na Ásia e um novo país que é muitas vezes associado à Oceânia, Timor-Leste. Quase metade dos países do mundo estão situados na Eurásia.

## **19. Objectivos da UEE para 2018**

- Completar a criação de mercados comuns para bens e serviços e eliminar as isenções existentes;
- Continuar a eliminar e unificar metodicamente as centenas de restantes barreiras que restringem importações e exportações;
- Coordenar eficientemente as políticas macroeconómicas;
- Forjar numerosos acordos económicos de cooperação de áreas livres de comércio e trocas. (Vinokurov, 2017-68:69)

## **20. Recuperação da identidade geopolítica russa**

Ferreira e Terrenas (2016) afirmam que a dinâmica espacial do ethos russo foi recuperada por Putin com as demonstrações de assertividade e poder na Geórgia em 2008 e na Ucrânia em 2014. Juntando-se ainda uma frequente exaltação do legado russo nos discursos oficiais em que a recuperação do prestígio internacional é destacada como uma prioridade política, um objectivo vital na sua hierarquia de interesses.

Putin sublinha ainda a importância dada à autonomia na condução da política externa, à transformação que a Rússia identifica no mundo e, acima de tudo, que deseja ver realizada. A Rússia toma consciência de si mesma como grande potência e é assim que as lógicas de poder são justificadas, onde afirma «A nossa política externa reflecte o papel único da Rússia no mapa político mundial, bem como o seu papel na história e desenvolvimento da civilização e pretendemos ser conscientes, prosseguindo a partir dos nossos próprios interesses e objectivos em vez das decisões dilatadas por outros». (Ferreira; Terrenas 2016:55)

A política externa russa actual caracteriza-se pela recuperação de um estatuto que foi perdido, através da capacidade de reorganizar a ordem internacional e em que pontificam os seguintes vectores: a criação de alianças globais, a reorganização política e económica da Eurásia em torno da União Económica Eurasiática e a neutralização da influência ocidental no seu “estrangeiro próximo”, leia-se o leste europeu.

A integração económica através da União Económica Eurasiática mais não é que um eurasianismo político em prática, visando não apenas estabelecer lanços económicos mutuamente benéficos no espaço pós-soviético mas também tornar-se num modelo de associação abertos a outros Estados, com claros interesses geopolíticos e estratégicos. (Ferreira; Terrenas 2016:55)

Quando se fala em recuperação da identidade geopolítica russa significa que houve algo que se perdeu e está a ser recuperado. Segundo Alexander Lukin (2008) a política externa pós-soviética era caracterizada por um papel quase exclusivo de interacção com o Ocidente, da ideia que o antigo "mundo imperialista" era agora como que o centro do universo, o único actor, de um mundo unipolar, a quem valeria a pena dar atenção, sugerindo que a Rússia deveria apenas interagir com o chamado "mundo civilizado". As relações com outros países como a China, Irão e outros países do Médio Oriente continuou, como forma de colocar

alguma pressão no Ocidente, mas estes actores e estas relações não eram vistos como suficientemente significativos para preocupar o Ocidente. (Lukin, 2008)

Segundo Dmitry Suslov (2016) a Estratégia russa no início dos anos 90 caracterizou-se por uma certa "ocidentalização", ao rejeitar o comunismo e ao aceitar a democracia e a economia de mercado. (Suslov, 2016:3) Contudo, a nosso ver, a Rússia nunca chegou a fazer parte do mundo ocidental pois mesmo com a queda da União Soviética e de se ter aproximado do ocidente através de várias organizações e de várias reformas económicas, determinadas acções revelavam desde cedo aquilo que sempre caracterizou a cultura estratégica russa, autocracia e rejeição do ocidente. Essa faceta viria a revelar-se quando os Estados Unidos decidiram alargar a OTAN e a Rússia regressaria assim em termos mais concretos à doutrina de um mundo multipolar e de que esta deveria ter um papel no Sistema Internacional de contrabalançar a hegemonia dos Estados Unidos, acabando por falhar, porque a Rússia acabaria por ser humilhada durante a crise Jugoslava dando a imagem de uma Rússia semi-isolada. (Suslov, 2016:4)

Viria então uma segunda tentativa da Rússia integrar as estruturas ocidentais como única forma de manter o seu estatuto de grande poder e influência. Foi Putin que engenhou a tentativa ao calcular que o mundo seria unipolar e que se tinha de aliar aos Estados Unidos, desde uma aliança com os EUA contra o terrorismo até à inclusão da Rússia como membro informal da OTAN. Este tipo de política externa acabaria por falhar quando os EUA intervieram no Iraque, mostrando assim que não precisavam de consultar a Rússia para executar qualquer acção (Suslov, 2016:4), colapsando assim as esperanças de uma aliança entre os dois actores. Em suma, não existe forma de a Rússia encontrar o seu lugar no ocidente e tem de se manter como grande poder fora dele, como um membro independente de um sistema multipolar, intensificando as suas políticas no espaço eurasiático e pós-soviético. A crescente influência russa no espaço pós-soviético levou a que este fosse rapidamente influenciado pelos Estados Unidos deteriorando ainda mais as relações EUA-Rússia, culminando com a Guerra da Geórgia e mais tarde, na Ucrânia.

A estratégia russa actual caracteriza-se por uma política pragmática, onde a Rússia tenta consolidar o crescimento económico (com dificuldade), contrariar as acções unilaterais dos Estados Unidos e neutralizar a expansão da União Europeia. Segundo Marcos Farias Ferreira



e João Terrenas (2016) esse pragmatismo está expresso nos diferentes documentos e declarações oficiais da Rússia desde 2000 "A Federação Russa persegue uma política externa independente e construtiva, baseada na consistência e na previsibilidade, no pragmatismo mutuamente vantajoso" perseguindo "uma política exterior aberta, previsível e pragmática determinada pelos seus interesses nacionais" (Ferreira; Terrenas 2016:57-58) sendo que a Rússia usa hoje, todos os meios à sua disposição na defesa dos seus interesses, mesmo que isso signifique o uso da força.

## **21. A desigualdade entre os Estados-membros da UEE e possíveis soluções**

Face aos problemas apresentados seria de extrema importância que a União tivesse políticas macroeconómicas coordenadas para garantir a estabilidade macroeconómica e contribuir uniformemente para os princípios que regem o funcionamento da economia. Deste modo a União podia garantir que os principais indicadores económicos fossem coordenados para impulsionar assim a sustentabilidade e aprofundar a integração económica e garantir uma maior igualdade entre os Estados-membros.

Em Março de 2017, no Jornal Russo de Economia, Evgeny Vinokov (2017) afirmou que a melhor forma de assegurar o desenvolvimento da União estaria em assegurar em grande escala a coordenação das políticas macroeconómicas, principalmente através da política monetária, pois a longo prazo, uma integração mais profunda vai trazer grandes benefícios para as três economias mais pequenas da União, cerca de 3/5 da organização, ao importar a estabilidade económica gerada pela redução das taxas de juro a longo prazo. A não existência de políticas fiscais rígidas e o crescimento incontrolável das despesas públicas fizeram com que a dívida crescesse de forma proporcionalmente perigosa. (Vinokurov, 2017-64:65)

O Tratado da UEE estipula que existem três indicadores que devem ser cumpridos pelos estados-membros, ou pelo menos, que não passem determinados limites, sendo eles: a relação da dívida com o PIB, a taxa de inflação e o défice orçamental.

Desde a entrada em vigor da União (2015) que os três indicadores foram violados por pelo menos um estado-membro e não existe nenhuma ferramenta persuasiva que pressione as partes a levar as suas políticas macroeconómicas em conformidade com os padrões definidos pelo Tratado. Assim, a transição para um novo nível de políticas de coordenação monetária é quase impossível por um conjunto de problemas persistentes, incluindo uma alta inflação em alguns países, uma crescente influência do dólar na economia, o uso de diferentes regimes monetários pelos Estados-membros a juntar a uma alta volatilidade de taxas de câmbio mútuas. Estes são os problemas que vão fazendo com que a UEE não tenha o desenvolvimento esperado e vão marcar a agenda da União nos próximos anos, tendo de ser resolvidos para o bem da mesma. A resolução destes problemas pode no futuro reduzir os custos do comércio mútuo e aumentar o seu volume, abrindo caminho para o crescimento sustentável de investimentos a longo prazo. (Vinokurov, 2017-64:65)

A UEE representa uma nova realidade no território eurasiático baseada num moderno sistema de integração mas sempre com as mesmas intenções do passado e que foram moldando a geopolítica russa durante séculos. A sua história recente não deve ser considerada de sucesso, apesar de um rápido crescimento económico na fase inicial, que acabou por atingir o seu limite máximo em 2016 mas tem vindo a descer de uma forma que não era esperada, em parte devido às sanções ocidentais à Rússia depois da anexação da Crimeia. (Vinokurov, 2017-68)

Contudo existem factores que criam expectativas em relação a uma evolução bem-sucedida deste projecto uma vez que existem planos para desenvolver a indústria, agricultura, mercado e a educação de todos os Estados-membros. Em termos económicos o potencial da UEE pode estar para a comunidade de investidores, uma vez que foi criado um mercado comum no território correspondente a cinco Estados e que pode funcionar em qualquer lugar, se as condições forem iguais em qualquer parte do território pois é mesmo essa a lógica da integração económica. Apesar das suas imperfeições a União já se tornou num mercado comum em funcionamento com um roteiro de desenvolvimento já definido e no próximo ano (2018). [ver anexos ponto 19.] (Vinokurov, 2017-68:69)

## **22. Prioridades regionais de política externa da Federação Russa**

49. Desenvolvimento de relações bilaterais e multilaterais com os membros da CEI fortalecendo as suas estruturas de integração.

50. Expansão da cooperação entre a Bielorrússia e Rússia com vista a promover a integração de todas as áreas.

51. Fortalecimento e expansão da integração da UEE nos Estados-membros para um desenvolvimento mais rápido, modernização tecnológica, cooperação e melhoria da qualidade de vida das suas populações. Assegurar o livre movimento de bens, serviços, capital e trabalho.

52. Facilitar o desenvolvimento da OTSC numa organização internacional multifuncional capaz de superar desafios e ameaças que o mundo de hoje enfrenta, dentro da área de responsabilidade desta.

56. Desenvolvimento dos laços políticos, económicos, culturais e espirituais com a Ucrânia na base do respeito mútuo e compromisso na construção de relações de parceria tendo em conta os interesses nacionais russos.

57. Assistir o estabelecimento da República da Abecásia e da Ossétia do Sul como Estados modernos e democráticos, fortalecendo as suas posições internacionais, assegurando a sua segurança e recuperação socio-económica.

59. Normalização das relações com a Geórgia em áreas onde a Geórgia está disposta a fazer o mesmo, tendo em consideração o ambiente político actual no sul do Cáucaso.

61. A expansão geopolítica da OTAN e da UE resultaram numa grave crise nas relações entre Rússia e os Estados ocidentais. As pressões políticas, económicas, de informação que a Rússia enfrentam têm prejudicado a estabilidade regional e global, os interesses a longo prazo de ambos os lados, sendo contrárias à crescente necessidade de cooperação contra as ameaças transnacionais de hoje.

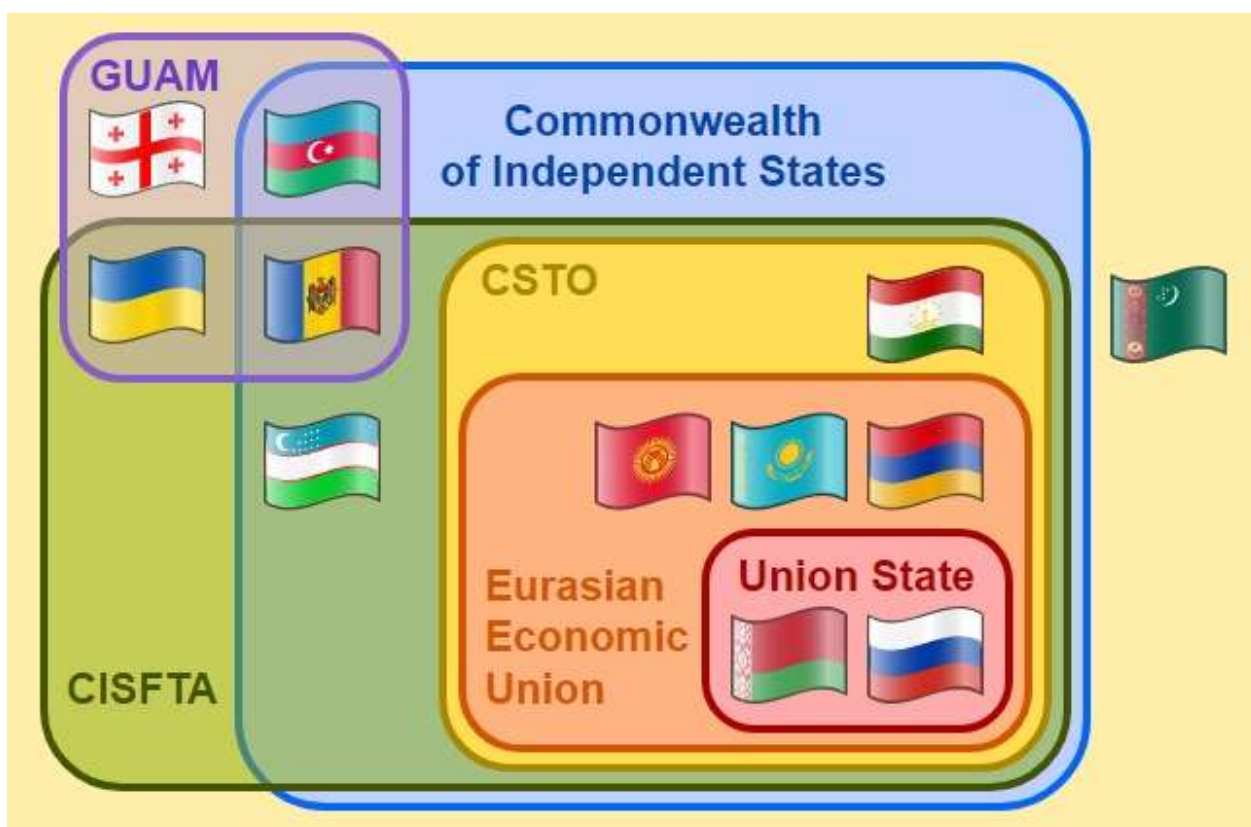
64. Manter um diálogo intensivo e mutuamente benéfico com a UE sobre factores-chave da política externa, bem como em promover a cooperação prática em questões militares e políticas. Existe um potencial para que a Rússia e a UE intensifiquem os esforços combinados

para combater o terrorismo, a migração ilegal e descontrolada, bem como a criminalidade organizada. (The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2016)

**Figura 1.** Diagrama de Euler ilustrativo das relações da Rússia com os Estados pós-soviéticos através da União Económica Eurasiática (Eurasian Economic Union), Organização do Tratado de Segurança Colectiva (CSTO) e União da Rússia e Bielorrússia (Union State). Retirado de "Political & Military", Post-Soviet Russia. Disponível em <http://postsovietrussia.weebly.com/>. Data de acesso: 12 de Junho de 2017.

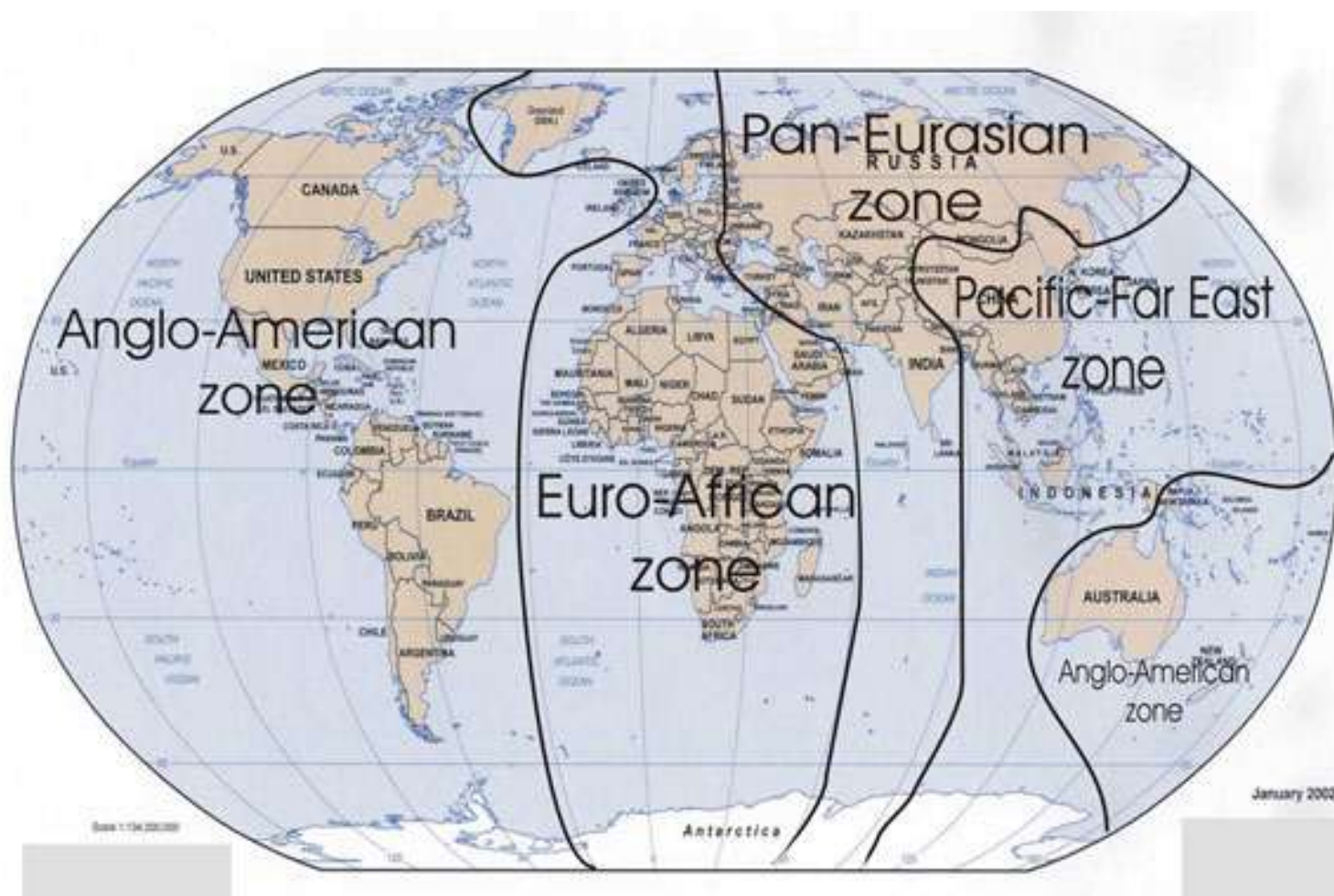


**Figura 2.** Diagrama de Euler ilustrativo das relações da Rússia com os Estados pós-soviéticos através das diferentes organizações económicas, militares e políticas. Retirada de "Political & Military", Post-Soviet Russia. Retirado de "Post-Soviet Russia". Disponível em <http://postsovietrussia.weebly.com/> . Data de acesso: 12 de Junho de 2017.



**Figura 3.** Mapa do Mundo Multipolar. Quatro zonas – quatro pólos

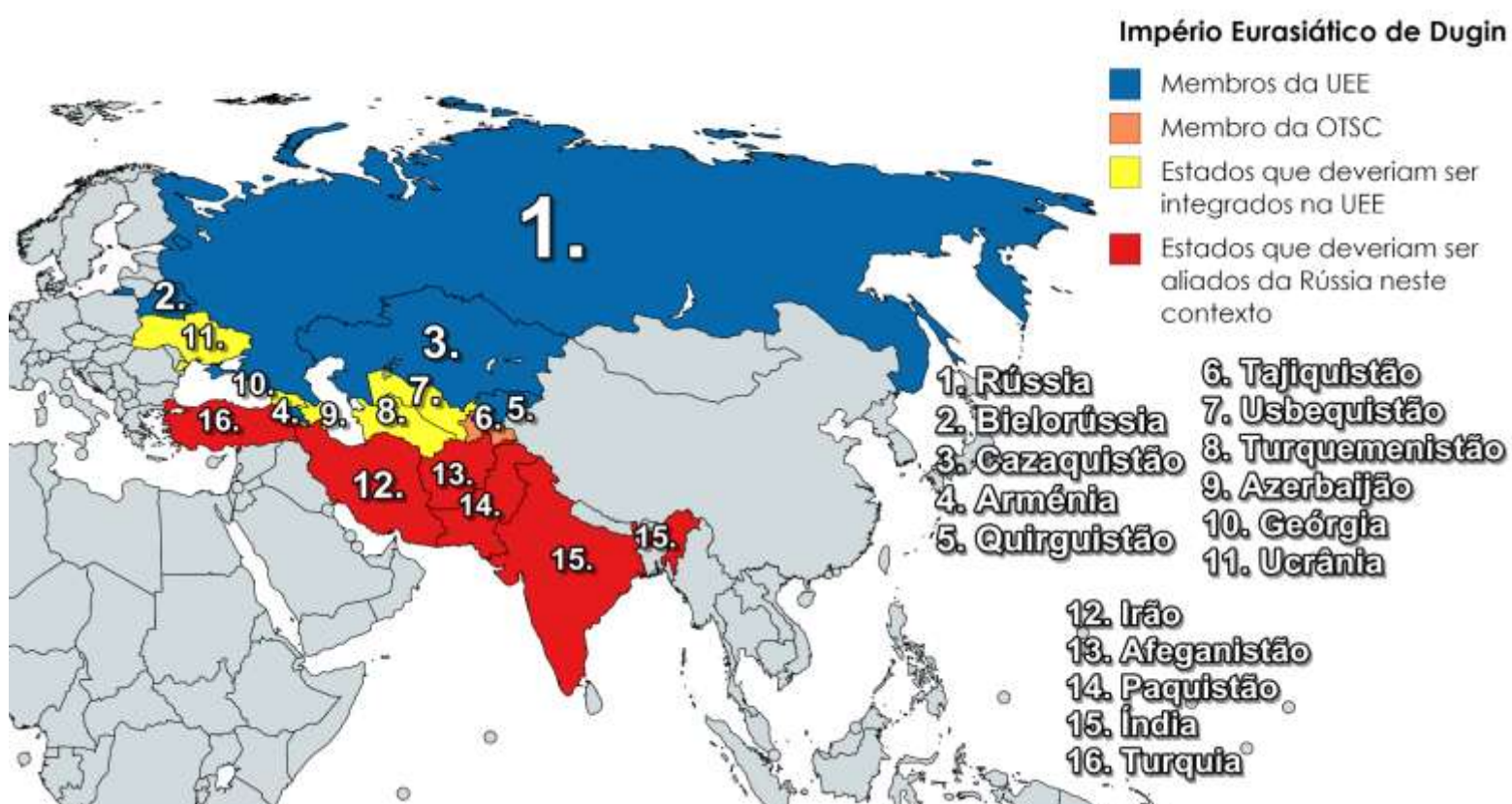
Imagem retirada do artigo "Eurasian Idea" do site The Fourth Political Theory de Alexandr Dugin disponível em <http://www.4pt.su/en>. Data de acesso 10 de Março de 2017



Map of multipolar world. Four zones - four poles



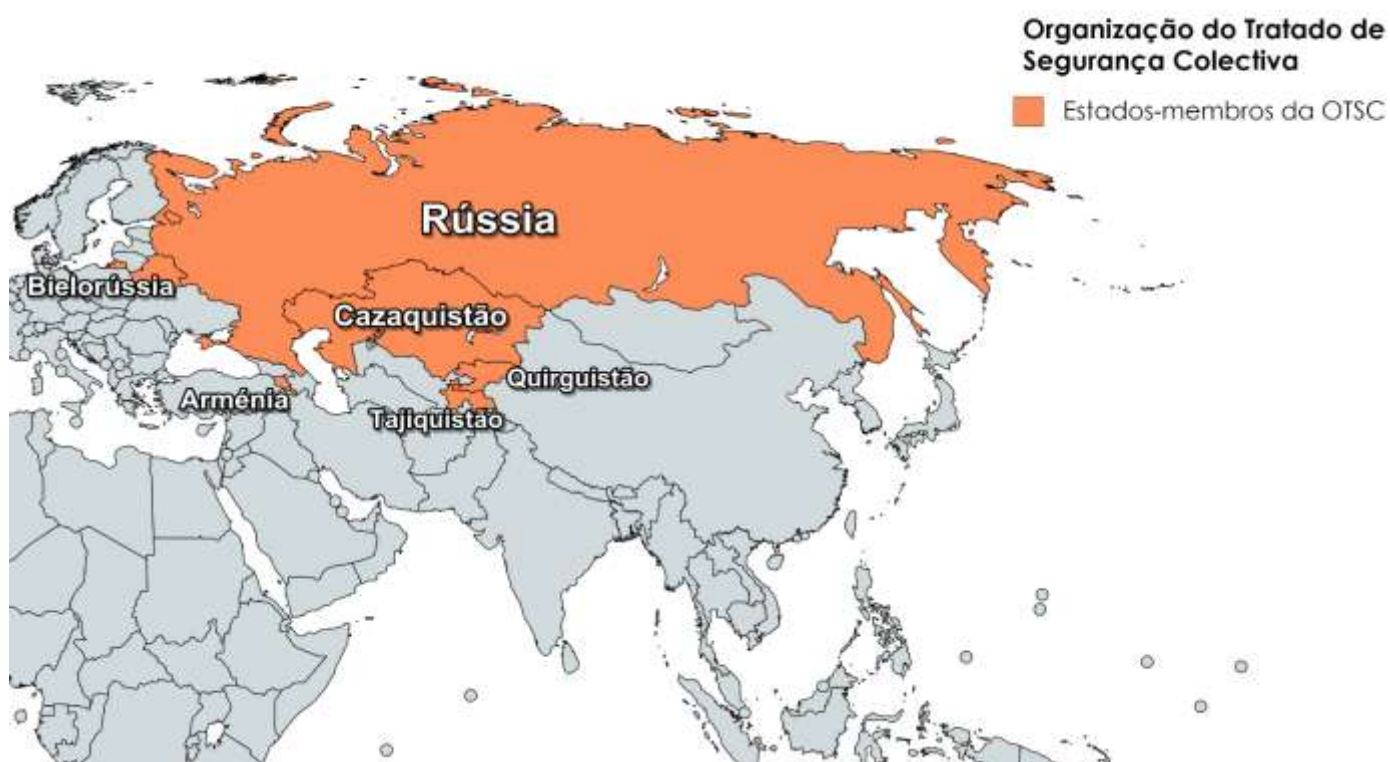
**Figura 4.** Império Eurasiático defendido por Dugin. Mapa elaborado por nós com recurso ao Map Chart para ilustrar os diferentes tipos de Estados abordados por Dugin no que concerne à sua concepção do Império Eurasiático e dos Estados que o devem integrar. A azul estão assinalados os Estados-membros da UEE, a laranja da OTSC, a amarelo os Estados que deveriam ser integrados na UEE e a vermelho os Estados que deveriam ser aliados da Rússia neste contexto. Disponível em <https://mapchart.net/>. Data de acesso 14 de Junho de 2017.



**Figura 5.** A União Económica Eurasiática e os seus Estados membros assinalados a azul. Mapa elaborado por nós com recurso ao Map Chart. Disponível em <https://mapchart.net/>. Data de acesso 14 de Junho de 2017.



**Figura 6.** A Organização do Tratado de Segurança Colectiva e os seus Estados membros assinalados a laranja. Mapa elaborado por nós com recurso ao Map Chart. Disponível em <https://mapchart.net/>. Data de acesso 14 de Junho de 2017.





**WWW.ISCSP.ULISBOA.PT**